

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PEDRO DONIZETE FERREIRA

***A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM FRANTZ FANON:
USO E IMPLICAÇÃO PARA O CAMPO PSICANALÍTICO***

BELO HORIZONTE

2022

PEDRO DONIZETE FERREIRA

**A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE EM FRANTZ FANON: USO E
IMPLICAÇÃO PARA O CAMPO PSICANALÍTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo.

BELO HORIZONTE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG

Reitora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Regina Goulart Almeida

Pró-reitora de Graduação: Prof^ª. Dr^ª. Benigna Maria de Oliveira

Pró-reitor de Pós-graduação: Prof. Dr. Fábio Alves da Silva Júnior

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais: Prof. Dr. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira

FICHA CATALOGRÁFICA

150	Donizete Ferreira, Pedro.
D683r	A recepção da psicanálise em Frantz Fanon [manuscrito] : uso e implicação para o campo psicanalítico / Pedro Donizete Ferreira. - 2022.
2022	106 f.
	Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Fanon, Frantz, 1925-1961. 3. Psicanálise - Teses. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE PEDRO DONIZETE FERREIRA

Realizou-se, no dia 23 de fevereiro de 2022, às 14:00 horas, online, na Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico, apresentada por PEDRO DONIZETE FERREIRA, número de registro 2020679250, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador (UFMG), Prof(a). Deivison Mendes Faustino (UNIFESP), Prof(a). Andréa Máris Campos Guerra (UFMG), Prof(a). Marcus Vinicius Neto Silva (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2022



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Vinicius Neto Silva, Usuário Externo**, em 24/02/2022, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Roberto Rodrigues Belo, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2022, às 21:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Maris Campos Guerra, Professora do Magistério Superior**, em 07/03/2022, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Deivison Mendes Faustino, Usuário Externo**, em 16/03/2022, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1269728** e o código CRC **C0A85B16**.

AGRADECIMENTOS

No *Notre Journal*, jornal semanal do hospital psiquiátrico de Blida-Joiville, do qual Fanon era o editor, lê-se que: “*écrire est certainement la plus belle découverte, car cela permet à l’homme de se souvenir, d’exposer dans l’ordre ce qui s’est passé et surtout de communiquer avec les autres, même absentes*” [escrever é, certamente, a mais bela descoberta, pois ela permite ao homem se lembrar, expor em ordem o que se passou e, sobretudo, se comunicar com os outros, mesmo que ausentes]. O trabalho acadêmico muitas vezes se mostra um percurso solitário, de reflexão solipsista. No entanto, ao mesmo tempo, a cada linha escrita, sentia todo o carinho das pessoas que participaram desse processo, mesmo à distância. Sendo assim, agradeço à/ao(s)

Mônica, José e Luísa, que com suor e sangue me fizeram invencível;

Maria Eugênia, por ter me cedido seu apartamento em duas ocasiões, sem as quais essa pesquisa não seria possível;

Meus amigos e amigas que, apesar do distanciamento, guardo no peito;

Fábio, pela acolhida, tanto na graduação quanto na pós. Pelo auxílio na transformação das minhas hipóteses apressadas em elaborações mais robustas;

Andréa, pela coragem de encarar a realidade brasileira;

Gilson, por não ter apenas me ensinado a ler Freud e Lacan, mas também a *usá-los*;

Marcus e Deivison, pela calorosa participação na minha banca de qualificação;

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, por me permitir realizar essa pesquisa;

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, pela concessão da bolsa;

Fillipi, pelo impulso. Agradeço igualmente à Cristiane e Miguel, por cuidarem da minha alma e do meu corpo;

Projeto Travessias, pelos primeiros passos na clínica;

Meus pacientes, pela confiança depositada em mim, nessa posição que uma vez Freud chamou de *weltlicher Seelsorger* [cuidador mundano da alma]

Lima Barreto, Machado de Assis e James Baldwin, meus fiéis escudeiros;

Ana, um pequeno infinito.

Veremos que uma outra solução é possível. Ela implica uma reestruturação do mundo.

Frantz Fanon

Todo o sofrimento de toda essa humanidade em si mesma e toda a esperança de que isso mude: é isso a nossa clínica.

Otto Gross

RESUMO

Neste trabalho, investigo a recepção que Frantz Fanon faz da teoria psicanalítica. Privilegio, assim, seus dois escritos iniciais: a tese para o exercício da medicina, defendida em 1951 e o ensaio *Pele negra, máscaras brancas*. Para isso, desenvolvo dois artigos: no primeiro, através dos conceitos de alienação e complexo, abordo a relação de Fanon com Freud, Adler, Jung e Lacan. No segundo, trato especialmente dos complexos de dependência e inferioridade, trabalhados por Mannoni em *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização] e criticados por Fanon em *Pele negra*. Além disso, indago se essa recepção de Fanon poderia ter alguma implicação para o campo psicanalítico. Daí, extraio duas consequências: a articulação entre a clínica e a transformação social, onde a clínica é a própria política e vice versa; e o entrelaçamento da teoria e da clínica psicanalítica como a fundamentação para uma práxis antirracista.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Psicanálise; Clínica; Política.

ABSTRACT

In this work, I investigate Frantz Fanon's reception of psychoanalytic theory. Privilege, thus, his two initial essays: the thesis for the exercise of medicine, defended in 1951 and the essay *Black skin, White Masks*. For this, I developed two articles: in the first, through the concepts of alienation and complex, I approach Fanon's relationship with Freud, Adler, Jung and Lacan. In the second, I deal especially with the complexes of dependence and inferiority, worked by Mannoni in *Psychologie de la colonisation* [Psychology of Colonization] and criticized by Fanon in *Black Skin*. Moreover, I wonder if Fanon's reception could have any implication for the psychoanalytic field. Hence, I draw two consequences: the articulation between the clinic and the social transformation, where the clinic is the politics itself and vice-versa; and the interweaving of the theory and the psychoanalytic clinic as the foundation for an anti-racist praxis.

Key-words: Frantz Fanon; Psychoanalysis; Clinics; Politics.

SUMÁRIO

1	Introdução	10
1.1	Fanon e a psicanálise	11
<i>1.1.1</i>	<i>A discussão na literatura internacional especializada</i>	<i>23</i>
<i>1.1.1.1</i>	<i>Aproximação da teoria psicanalítica</i>	<i>23</i>
<i>1.1.1.2</i>	<i>Distanciamento da teoria psicanalítica</i>	<i>31</i>
<i>1.1.1.3</i>	<i>Aproximação e distanciamento da teoria psicanalítica</i>	<i>37</i>
2	Frantz Fanon: um leitor da psicanálise	39
3	Sonhar na colônia: oniropolítica em Mannoni e Fanon	67
4	Conclusão	97
5	Referências bibliográficas	102

1 Introdução

Tempos dignos de um ensaio de Albert Camus estes que estamos vivendo. Com a chegada da Covid-19, após a disseminação em massa do vírus SARS-CoV-2, o mundo se viu encapsulado por ondas de incerteza (política, sanitária e econômica), sofrimento e desesperança. No entanto, nesse mesmo momento de caos insuspeito, o público brasileiro foi agraciado, aos poucos, com novas traduções e edições da obra do psiquiatra Frantz Fanon¹.

O desejo de esmiuçar seu pensamento coincide com meu início na clínica escola, no Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia, nos tempos de graduação na Universidade Federal de Minas Gerais. Lá, me deparei com pacientes negros e negras. Sempre achei curiosa a forma como boa parte desses casos eram tratados como casos-limites, não apenas em um sentido *boderline*, mas também na fronteira entre a clínica e a sociedade. Esses sujeitos eram, em suma, muito parecidos: além da cor da pele, eram pobres; quando jovens, às vezes eram os primeiros a ingressarem na universidade; quando adultos ou mais velhos, trabalhavam desde sempre no mesmo ofício, como porteiro, entregador, faxineira ou babá.

Aos escutá-los, comecei a me indagar se os seus sintomas eram apenas fruto de um conflito interno, pulsional. Assim, a sensação de constante perseguição policial que um deles me relatava, era somente algo da paranoia? Ou ainda, a obsessão pelo trabalho, de outro, que chegava a se dedicar 14 horas por dia, visando uma promoção que nunca conseguia, mesmo sendo muito mais qualificado do que os outros, era só uma tentativa de controle de algo que se perdeu? Não conseguia distinguir os limites da fantasia, do desejo, do sintoma e do princípio de realidade. Essa dificuldade, com toda modéstia, não parecia ser de caráter técnico, mas de outra ordem.

Durante a sessão, minhas sensações eram quase sempre as mesmas: um profundo incômodo e uma impotência avassaladora. Ao final, me lembrava da seguinte constatação: “é triste não ser branco” (Barreto, 1953/2021, p. 545). Eram histórias inquietantes, com muita violência, desamparo do Estado e um esforço hercúleo para *estar onde se está hoje*. Tinha dificuldade em realizar uma construção ou uma interpretação.

¹ Pela editora Ubu, foram lançadas *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos* (2020) e *Pele negra, máscaras brancas* (2020); pela Segundo Selo, *O olho se afoga/Mãos paralelas – Teatro filosófico* (2020); pela Boitempo, *Escritos políticos* (2021); pela Zahar, *Por uma revolução africana: textos políticos* (2021).

Quando relatava os casos aos supervisores, com certa frequência ouvia: *isso é suco de Brasil*. Sentia que, em termos pragmáticos, isso não me ajudava na condução desses casos, apesar de não refutar essa afirmação. Depois de graduado, ainda me encontro com mais perguntas do que respostas.

Assim, decidi investigar o que a clínica psicanalítica poderia fazer em relação ao racismo. Foi dessa maneira que encontrei *Pele negra, máscaras brancas*. A princípio, julguei o texto como *confuso*. De qualquer forma, achei intrigante a maneira como ele escrevia, com trechos ora rigorosos ora poéticos, intercalando Hegel, Césaire e Sartre. Quis averiguar os ecos desse trabalho no âmbito psicanalítico. Fanon é citado em autores lusófonos, por exemplo, em Souza (1983/2021), Nogueira (1998/2021), Júnior (2017), Chnaiderman (2017), Malaquias (2017), Kilomba (2008/2019) e Filho (2021), mas ainda de maneira insuficientemente sistematizada, pelo menos em relação ao que se pretende realizar nesse trabalho.

Nesse sentido, ao longo dessa pesquisa pretendo discutir a relação de Frantz Fanon com a psicanálise, recorrendo às suas fontes (tanto de sua biblioteca pessoal quanto dos textos), bem como a forma em que ele utiliza os autores desse campo. Escolhi dois de seus textos iniciais, sua tese para o exercício da medicina e *Pele negra*, como material principal, pois são ali que as maiores articulações com a psicanálise se manifestam. No entanto, sempre que possível, busquei fazer apontamentos com o restante de sua produção teórica.

De início, apresento como a literatura especializada compreende a relação de Fanon com o campo psicanalítico. Em seguida, demonstro a recepção que Fanon faz da psicanálise na *tese* e em *Pele negra*, sobretudo das noções de *alienação* e *complexo*, onde se destacam as contribuições de Freud, Adler, Jung e Lacan. Adiante, discuto especificamente a recepção de *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização], de Octave Mannoni, em *Pele negra*, apresentando primeiro o ponto de vista de Mannoni e em seguida as críticas de Fanon. Por fim, acredito que por mais que Fanon não seja efetivamente um psicanalista, a psicanálise possui um lugar em seu projeto político, tanto teórica quanto clinicamente.

1.1 Fanon e a psicanálise

Em *Sair da grande noite*, Mbembe (2010/2019) afirma que o pensamento de Fanon é um devir ilimitado. De fato, são inúmeras as apropriações possíveis de sua obra,

como nos estudos de linguagem e literatura (Hiddleston, 2015; Zeiny, 2020), do marxismo (Rabaka, 2011), do existencialismo (Bernanconi, 2020), da clínica psiquiátrica (Douville, 2006), entre outros. A partir disso, percebe-se uma disputa em torno de seu legado intelectual (Faustino, 2020). No entanto, acredito que é um esforço em vão tentar enquadrar o autor em qualquer uma dessas correntes teóricas. É nesse sentido que “Fanon recusa ser totalmente reivindicado por eventos ou eventualidades” (Bhabha, 1986/2008, p. xxii). Portanto, ao segmentá-lo, perdemos de vista sua originalidade (Hall, 1996; Gibson, 2003, Gibson & Beneduce, 2017). Penso ser mais produtivo deixar-se conduzir pela *especificidade* de seus trabalhos. Assim, ao colocarmos sua obra numa visão panorâmica, acredito não ser exagero afirmar que vemos uma formulação única de uma teoria do sujeito colonial (Bhabha, 1994; Bird-Pollan, 2015), seu desenvolvimento e uma aposta para a sua dissolução, onde Fanon nos convoca a refletir qual é o papel da clínica nesse processo.

Tendo em vista que o trabalho de Fanon possui várias possibilidades de leitura, é curiosa a maneira como a sua obra é seccionada (Hall, 1996). Autoras e autores interessados em compreender os impactos subjetivos do racismo enfatizam *Pele negra*; os interessados na descolonização da África priorizam *L’An V de la révolution algérienne* [O ano V da revolução argelina] e *Os condenados da terra*, enquanto os marxistas das margens do capitalismo trabalham com esse último ensaio fanoniano. Em outras palavras, ainda é difícil ver seu trabalho como uma unidade (Cherki, 2000; Gibson & Beneduce, 2017). A meu ver, esse corte acarreta na separação entre a clínica e a política, o que penso ser um grande contrassenso, pois, *um dos fatores que levou Fanon a se engajar politicamente foi justamente sua atuação enquanto psiquiatra*² (Gibson & Beneduce, 2017).

A psicanálise acompanha Fanon ao longo de seu percurso intelectual e pessoal. Cherki (2000) destaca que Fanon se fascinava pela teoria psicanalítica. Ele “lia Freud e os raros textos de Lacan publicados à época [de sua graduação em medicina entre 1946 e 1951]” (Cherki, 2000, p. 36). No entanto, ele optou por não se submeter a uma análise. Macey (2012) ratifica que, no período de formação universitária de Fanon em Lyon, era

² Gibson & Beneduce (2017, p. 2) desenvolvem a hipótese de que é justamente através da obra dita psiquiátrica de Fanon que é possível “destacar e indicar conexões entre o Fanon doutor, o Fanon crítico social antirracista e o Fanon revolucionário anticolonial”. Para mais detalhes, ver Gibson, N. C. & Beneduce, R. (2017). *Frantz Fanon, Psychiatry and Politics*. Londres: Rowman & Littlefield International Ltda. Os trechos das obras não editadas em português (a saber, em inglês, francês e espanhol) foram traduzidos por mim.

improvável que ele encontrasse um analista por lá. A princípio, ele não era hostil ao processo analítico. Contudo, “a falta de consideração da história singular e seus laços com a História” (Cherki, 2000, p. 45) podem ter contribuído para essa recusa. Dessa forma, “poder identificar as ‘linhas de força que ordenam’³ essa história, e como seu rompimento tem consequências sobre o psiquismo, inclusive no inconsciente, de uma pessoa singular, parecia-lhe negligenciado pela prática psicanalítica” (Cherki, 2000, pp. 45-46). Além disso, a autora se questiona em que medida a decepção de Fanon ao ler *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização] também contribuiu para essa decisão. O psiquiatra desejava utilizar a psicanálise com o objetivo de “compreensão e libertação pessoal, e não em uma interpretação explicável servindo a fins ideológicos [como Mannoni fizera]” (Cherki, 2000, p. 65).

No que concerne à obra de Freud, encontramos em sua biblioteca⁴ os seguintes textos: *Trois essais sur la théorie de la sexualité* [Três ensaios sobre a teoria da sexualidade] (Gallimard, 1923); *L’Avenir d’une illusion* [O futuro de uma ilusão] (Denoël et Steele, 1932); *Introduction à la psychanalyse* [Conferências introdutórias à psicanálise] (Denoël et Steele, 1947); a coletânea organizada como *Essais de psychanalyse* [Ensaio de psicanálise] que continha Além do princípio de prazer, Psicologia das massas e análise do eu, O Eu e o Isso, Considerações atuais sobre a guerra e a morte (Payot, 1948); *Psychopathologie de la vie quotidienne* [Psicopatologia da vida cotidiana] (Payot, 1948); *Abrégé de psychanalyse* [Compêndio de psicanálise] (PUF, 1955). Quanto aos demais psicanalistas ou adeptos da psicanálise, de Alfred Adler, temos *Connaissance de l’homme. Étude de caractérologie individuelle* [Conhecimento do homem. Estudo de caractereologia individual] (Payot, 1949). De Gaston Bachelard, *La Psychanalyse du feu* [A psicanálise do fogo] (Gallimard, 1938). De Maryse Choisy, *L’Anneau de Polycrate* [O anel de Polícrates] (Éditions Psyché, 1948). De Angelo Hesnard e René Laforgue, *L’Évolution psychiatrique. Psychanalyse, psychologie clinique* [A evolução psiquiátrica. Psicanálise, psicologia clínica] (Payot, 1927). De Angelo Hesnard, *L’Univers morbide de la faute* [O universo mórbido da culpa] (PUF, 1949). De Carl Jung, *L’Homme à la découverte de son âme* [O homem em descoberta de sua alma] (Éditions du Mont-Blanc, 1940) e *Aspects du drame contemporain* [Aspectos do drama contemporâneo] (George &

³ Palavras usadas por Fanon, conforme Cherki (2000). Ver em Cherki, A. (2000). *Frantz Fanon, portrait*. Paris: Éditions du Seuil.

⁴ Para consultar as demais obras da biblioteca de Fanon ver Khalfa, J. (2015). La bibliothèque de Frantz Fanon In Fanon, F. (2015). *Écrits sur l’aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.

Cie, 1949). De Clara Malraux, *Journal psychanalytique d'une petite fille* [Diário psicanalítico de uma pequena garota] (Gallimard, 1928). De Octave Mannoni, *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização] (Seuil, 1950). Por fim, encontramos os números 15 (1948) e 27-28 (1949) da *Psyché. Revue Internationale de sciences de l'homme et de psychanalyse* [Psiquê. Revista internacional das ciências do homem e de psicanálise] e os números 3 e 4 (1948) e o número 2 (1949) da *Revue Française de psychanalyse* [Revista francesa de psicanálise].

Nos textos fanonianos, a psicanálise e seus conceitos aparecem do primeiro ao último. Em sua *tese* (Fanon, 1951/2020a), o autor dedica uma seção inteira aos fundamentos e desdobramentos da psicose paranoica e das considerações iniciais de Lacan sobre a linguagem (Lacan, 1932/2011; 1946/1998a), na tentativa de recusar a causalidade da lesão neurológica na compreensão dos fenômenos psíquicos. Além disso, enfatiza a importância da descoberta do inconsciente, bem como a atuação dos complexos nessa instância. Ademais, de forma peculiar, define a psicanálise como a “ciência do coletivo por excelência” (Fanon, 1951/2020a, p. 315).

Em *Pele negra*, o ensaio fanoniano de maior intersecção com a teoria psicanalítica, ela se evidencia como uma potente ferramenta de desalienação. Ao articulá-la com o conceito de sociogenia (Fanon, 1952/2020b), o analista deveria apontar para uma outra fonte de sofrimento, além da filogênese e a ontogênese: as estruturas sociais. A transformação dessas estruturas, através da ação política, portanto, apresenta uma dimensão clínica. Ademais, apesar da ambiguidade, a psicanálise é utilizada por Fanon nesse primeiro esforço de compreensão subjetiva desse sujeito colonial, nas suas relações com seus pares e com os colonizadores, além das formas de amar.

O psiquiatra percebeu que o norte-africano que vivia na França se encontrava “ameaçado em sua afetividade, ameaçado em sua atividade social, ameaçado em sua cidadania, [assim, ele] reúne todas as condições que fazem um homem adoecer” (Fanon, 1952/2021a, p. 49). Dessa forma, esse sujeito “sem família, sem amor, sem relações humanas, sem comunhão com a coletividade, [n]o primeiro encontro consigo mesmo se dará de modo neurótico, patológico” (Fanon, 1952/2021a, p. 49). Nesse sentido, longe de serem mentirosos compulsórios, as queixas sem lesão aparente dos norte-africanos eram um grito de socorro social. Para esse autor, portanto, “a ciência psicanalítica vê na expatriação um fenômeno doentio. No que ela tem toda a razão” (Fanon, 1952/2021a, p. 52).

Fanon também se dedicou aos trabalhos sobre medicina legal. O ato criminoso é, aparentemente, um conflito moral entre o sujeito e seu meio. No entanto, Fanon se deparou com um fenômeno peculiar: os árabes argelinos, quando acusados de um crime, primeiro o negavam veementemente, mas em seguida não ofereciam argumentos em sua defesa. Paradoxalmente, eles assumiam a culpa, mas se declaravam inocentes. A confissão seria, assim, uma forma de retorno ao grupo. “Contudo, no caso das gangues, a confissão é bastante difícil, se não impossível. Interpreta-se essa não condenação de si mesmo como agressividade diante do superego⁵” (Fanon, 1955/2020c, p. 242). Surge, então, uma especificidade nessa situação: “terá o autóctone estabelecido um compromisso? Ele se sente vinculado? Sente-se excluído pelo delito? Se sim, por qual grupo? O europeu ou o muçulmano? Qual é o significado vivenciado do crime?” (Fanon, 1955/2020c, p. 244). É dessa maneira que o “ato se revela desprovido de autor e a compreensão criminológica se revela impossível” (Fanon, 1955/2020c, p. 244). Portanto, durante o exame pericial, “a assunção do ato, o assentimento subjetivo à sanção, a adesão à condenação, a culpabilidade, nada disso está presente ali” (Fanon, 1955/2020c, p. 244).

Em *Pele negra*, lê-se que “um estudo deveria ser dedicado à explicação das divergências entre antilhanos e africanos” (Fanon, 1952/2020b, p. 28). Isso se efetivará três anos depois, em *Antilhanos e africanos*, trabalho com o objetivo de contribuir para “a dissolução dos complexos afetivos capazes de opor antilhanos e africanos” (Fanon, 1955/2021b, p. 24). Antes da Segunda Guerra Mundial, o martinicano, julgando-se francês, acreditava ser superior ao africano, quem era supostamente o verdadeiro negro. É nesse sentido que a ironia na Martinica “[protegia] da tomada de consciência da negritude” (Fanon, 1955/2021b, p. 56). Nesse período, portanto, “é certo que nas Antilhas a ironia é um mecanismo de defesa contra a neurose” (Fanon, 1955/2021b, p. 56). Os mecanismos de defesa⁶, como o recalque, a transformação da pulsão em seu contrário ou o retorno contra a pessoa, consistiam em operações que rejeitavam e mantinham algo fora da consciência (Freud, 1915/2010). Assim, a ironia na Martinica era justamente uma operação de clivagem da negritude. É dessa forma que, “lá [na Martinica], quase sempre a agressividade é recoberta de ironia” (Fanon, 1955/2021b, p. 56). Nessa passagem, Fanon está muito próximo das considerações sobre a agressividade e o chiste feitas por

⁵ No original, lê-se *surmoi*, que prefiro traduzir por *supereu*.

⁶ Anna Freud foi uma das psicanalistas quem deram um destaque aos mecanismos de defesa em sua obra. Nesse sentido ver Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Tradução de Francisco Settineri. São Paulo: Artmed Editora. (Obra original publicada em 1936). Fanon menciona esse trabalho em *Pele negra*.

Freud em *O chiste e sua relação com o inconsciente*. A agressividade por meio do chiste “[nos] permitirá constatar algo de ridículo no inimigo [no caso, o africano], que antes, devido a obstáculos em nosso caminho, não podíamos expressar aberta ou conscientemente; assim, ele novamente *contornará limitações e abrirá fontes de prazer que se tornaram inacessíveis*”⁷ (Freud, 1905/2017a, p. 148). Durante a guerra, no entanto, essa situação se transformou. Para aparentemente proteger a Martinica francesa de ataques inimigos, Philippe Pétain ordenou que o almirante Georges Robert se deslocasse até a ilha, trazendo consigo 10.000 marinheiros⁸, que se comportavam como “autênticos racistas” (Fanon, 1955/2021b, p. 60). Dessa forma, a ironia cedeu espaço para um outro processo psíquico: a emergência da *négritude*, especialmente a partir de Aimé Césaire. Portanto,

depois que o antilhano foi obrigado, sob pressão de europeus racistas, a abandonar essas posições [de identificação com o branco] que, no fim das contas, eram frágeis, posto que absurdas, inexatas, alienantes, é que nascerá uma nova geração. O antilhano de 1945 é um preto... (Fanon, 1955/2021b, p. 65).

Em *Racismo e cultura* (Fanon, 1956/2021c), o autor retoma a discussão sobre cultura e colonização. Assim, se a cultura é “o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, deve-se dizer que o racismo é de fato um elemento cultural. Existem, portanto, culturas com e culturas sem racismo” (Fanon, 1956/2021c, p. 70). Dessa maneira, na sociedade contemporânea, “o racismo não pôde se esclerosar. Ele precisou renovar-se, nuançar-se, mudar de fisionomia. E teve de cumprir o destino do conjunto cultural lhe dava forma” (Fanon, 1956/2021c, p. 70). Isso se evidencia desde as formulações sobre o racismo científico (que ele também o denomina de vulgar, primitivo e simplista) até o enquadramento do *blues* como a música do lamento negro, que posteriormente será objeto de prazer dos brancos. Nesse sentido, “o racismo nunca é um elemento adicionado depois, descoberto por acaso numa pesquisa entre os dados culturais de um grupo. A constelação social, o todo cultural são profundamente modificados pela existência do racismo” (Fanon, 1956/2021c, p. 76). No entanto, o advento da colonização “não ocasiona a morte da cultura autóctone. Pelo contrário, a observação histórica ressalta que o fim desejado é mais a agonia constante do que o desaparecimento total da cultura preexistente” (Fanon,

⁷ Destaque do autor.

⁸ De acordo com as fontes consultadas por Macey (2012), o número de marinheiros era, aproximadamente, 2.500. Ver mais detalhes em Macey, D. (2012). *Frantz Fanon: A Biography* 2ªed. Londres: Verso.

1956/2021c, p. 72). Dessa forma, uma identificação com a cultura pré-colonização poderia ser encarada como uma estratégia de fortalecimento psíquico. Contudo,

reencontrando a tradição, vivendo-a como mecanismo de defesa, como símbolo de pureza, como salvação, a pessoa desaculturada deixa a impressão de que a mediação se vinga substancializando-se. Esse recuo para posições arcaicas sem relação com o desenvolvimento técnico é paradoxal. As instituições assim valorizadas não mais correspondem aos elaborados métodos de ação já adquiridos (Fanon, 1956/2021c, p. 76).

A partir disso, tanto a identificação com a cultura opressora quanto a regressão à valorização dos costumes pré-coloniais ou até mesmo a *négritude* são mecanismos de alienação⁹. Acredito que aqui, ele esteja bem próximo da problemática formulada no início da obra de Lacan (1938/2008; 1946/1998a; 1949/1998b): não há constituição subjetiva sem alienação. A questão é: qual o *custo* dessa alienação como fundamento não só da individualidade, mas da vida em sociedade?

A terapia de choque, também conhecida como o método terapêutico de Bini e Cerletti, era utilizada em tratamentos psiquiátricos da época¹⁰. No entanto, Fanon já percebia que “sem dúvida, muito se abusou das técnicas de choque, e a prudência e a autocrítica devem ser particularmente vigilantes antes de se propor uma cura por eletrochoques sucessivos e frequentes” (Tosquelles & Fanon, 1953/2020, p. 109). Apesar disso, ele se questiona se uma certa resistência ao procedimento não revelaria um “desconhecimento do dinamismo da personalidade¹¹ tal como nos mostra a psicanálise”

⁹ Em *Descolonização e independência*, lê-se: “enquanto o colonizado em geral só pode escolher entre uma desvalorização de seu ser e uma furiosa tentativa de identificação com o colonizador, o argelino fez nascer uma personalidade nova, positiva, eficiente, cuja riqueza se alimenta menos da prova de força que ele assume do que da certeza de encarnar um momento decisivo da consciência nacional” (Fanon, 1958/2021, pp. 164-165. Ver mais detalhes em Fanon, F. (2021). *Descolonização e independência* In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).

¹⁰ Para mais informações sobre o desenvolvimento e a utilização desse procedimento, ver Perizzollo, J. et al. (2003). Aspectos da prática da eletroconvulsoterapia: uma revisão sistemática. *R. Psiquiatrica*. 25(2). pp. 327-334.

¹¹ Nesse texto, Fanon recupera a literatura médica no que concerne as indicações do método de Bini. Ela era uma possibilidade tanto para casos leves quanto severos. A ligação entre esses polos se constituiria “essencialmente pela noção de desenvolvimento da personalidade ou, conforme se queira, de conteúdo neurótico se manifestando como síndrome de primeiro plano, seja no quadro de uma neurose clássica, seja no quadro de certas psicoses” (Tosquelles & Fanon, 1953/2020b, p. 111). Em *A propósito de alguns casos tratados pelo método de Bini*, encontramos algo parecido: “nossa opinião estava assim formada: nós nos encontrávamos diante de uma paranoia genuína, do desenvolvimento de uma personalidade na qual se instalavam acessoriamente condutas histéricas de conversão” (Tosquelles & Fanon, 1953/2020a, p. 105). Acredito, assim, que ele não esteja tão distante da ideia lacaniana do desenvolvimento da personalidade (Lacan, 1932). Para mais informações sobre a posição de Lacan, ver Lacan, J. (2011). *Da psicose paranoia em suas relações com a personalidade; seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia* 2ªed. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1932).

(Tosquelles & Fanon, 1953/2020, p. 111). Assim, ele gostaria que esse tratamento fosse eficaz, e não usado por comodidade (Tosquelles & Fanon, 1953/2020). Portanto, Fanon utilizava a terapia de choque como uma etapa de um processo psicoterapêutico mais amplo, que visava o reestabelecimento das interações sociais tanto de neuróticos graves como de paranoicos. No entanto, ele enfatiza que, nesse processo,

o que parece essencial, aqui, são os encontros inter-humanos e as atividades práticas em que o paciente se envolve durante o processo de redescoberta do eu e do mundo — passando naturalmente pelas etapas fantasmáticas¹² a que o meio lhe permita dar vazão. Esses fantasmas¹³ têm, todavia, a mesma estrutura que os fantasmas¹⁴ analíticos, mas, (...) é a realidade hospitalar que os encarna, sustenta e resolve (Tosquelles & Fanon, 1953/2020, p. 112).

O Teste de Apercepção Temática (TAT) é um teste projetivo, que se aproxima bastante do método desenvolvido por Hermann Rorschach¹⁵. Ele “consiste em submeter um indivíduo a uma série de situações, panoramas perceptivos no interior dos quais espontaneamente emergem linhas de força, permitindo uma reestruturação desse campo para o ego¹⁶” (Fanon & Geronimi, 1956/2020a, p. 251). No entanto, ao submetê-lo às mulheres muçulmanas numa das alas do hospital Blida-Joiville, Fanon obteve “respostas pobres, indigentes, nada significativas” (Fanon & Geromini, 1956/2020a, p. 254). Ao serem apresentadas às lâminas do teste, as pacientes não construíam muitas associações com as imagens mostradas. Todas as respostas eram desprovidas de um “valor psicanalítico” (Fanon & Geronimi, 1956/2020a, p. 255), conforme o método da associação livre de Freud (1937/2017b). Poderia se concluir que as muçulmanas são incapazes “de inventar, por referência a uma constituição genética específica” (Fanon & Geronimi, 1956/2020a, p. 256). No entanto, o autor lembra que “ao pedir a elas que descrevam e vivenciem o que, na verdade, é uma cena elaborada por ocidentais para ocidentais, nós as lançamos num mundo diferente, estranho, heterogêneo, não apropriável” (Fanon & Geronimi, 1956/2020a, p. 254). Portanto, a percepção e a imaginação também não escapam dos fatores culturais.

Em um dos artigos ditos psiquiátricos mais interessantes de Fanon, o autor discute o fenômeno da agitação no hospital psiquiátrico. Os comportamentos agressivos dos pacientes, antes de serem característicos de suas afecções, se mostravam como “respostas

¹² No original, lê-se *fantasmatiques*, que prefiro traduzir por *fantasísticas*.

¹³ No original, lê-se *fantasme*, que prefiro traduzir por *fantasia*.

¹⁴ Ver nota anterior.

¹⁵ Sobre a história do TAT e seu uso contemporâneo, ver Parada, A. & Barbieri, V. (2011). Reflexões sobre o uso clínico do TAT na contemporaneidade. *Psico-USF*, v. 16, n° 1. pp. 117-125.

¹⁶ No original, lê-se *moi*, que prefiro traduzir por *eu*.

a um tipo de estrutura concentracionária de caráter sobretudo repressivo” (Fanon & Asselah, 1957/2020, p. 132). Dessa forma, o paciente agitado não deveria ser rejeitado nem excluído, mas sim compreendido. Assim, “a agitação deve ser compreendida não mecânica, mas dialeticamente” (Fanon & Asselah, 1957/2020, p. 137). Nesse sentido, ele era contrário às celas solitárias escuras e às punições como forma de manejo, por parte do corpo clínico, pois, esse seria um serviço “sádico, repressivo, rígido, não socializado e de tendências castradoras” (Fanon & Asselah, 1957/2020, p. 133). O confinamento produzia efeitos deletérios ao tratamento, como a logorreia. Ela seria, assim, uma regressão vertiginosa à fase oral, conforme os estudos psicanalíticos demonstraram a partir dos sonhos, das pseudoalucinações e da brincadeira infantil (Fanon & Asselah, 1957/2020).

Durante seu período laboral na Tunísia, Fanon realizou um trabalho pioneiro em um hospital dia, o Centro-Dia de Neuropsiquiatria de Tunis. Ele funcionava das 7 às 18 e foi o primeiro do gênero no continente africano. Nos dezoito meses iniciais de atividade, o centro-dia recebeu mais de mil pacientes, onde apenas 0,88% deles precisaram ser internados (Fanon, 1959/2020d). Fanon tinha grande estima por esse tipo de iniciativa, pois, “daqui em diante, se tornará medicamente importante e socialmente rentável desenvolver centros-dias neuropsiquiátricos mesmo em países subdesenvolvidos” (Fanon, 1959/2020d, p. 64). No que concerne à psicoterapia, a psicanálise era um dos tratamentos possíveis nesse centro. Ela se destinava aos tratamentos de “histeria de angústia, depressão neurótica, distúrbios da sexualidade (impotência, vaginismo, homossexualidade¹⁷), entre outras” (Fanon, 1959/2020d, p. 83). Apesar da frequência¹⁸ e tempo¹⁹ destinado às sessões serem próximas ao modelo estipulado por Freud

¹⁷ Tanto aqui como em *Pele negra*, vemos uma aparente polêmica no que concerne à homossexualidade. Nesse sentido, ver os ensaios de Bhabha, Hall, Mercer e Young em Read, A. (1996). (Org). *The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations*. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts. Para um debate mais recente, ver Gordon, L. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press.

¹⁸ No texto freudiano, lê-se: “trabalho com meus pacientes diariamente, à exceção dos domingos e feriados, ou seja, normalmente seis vezes por semana” (Freud, 1913/2017, pp. 126-127). No trabalho fanoniano, vê-se que “a periodicidade é sempre a mesma: sessões diárias, exceto aos domingos” (Fanon, 1959/2020c, p. 83). Ver em Freud, S. (2017). Sobre o início do tratamento In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1913).

¹⁹ Nesse escrito, encontra-se: “a cada paciente é atribuída uma determinada hora disponível do meu dia de trabalho; essa hora será sua e ele será responsável por ela, mesmo se não vier a usá-la” (Freud, 1913/2017, pp. 125-126). Em contrapartida, as sessões analíticas realizadas no centro-dia duravam 40 minutos (Fanon, 1959/2020c). Ver em Freud, S. (2017). Sobre o início do tratamento In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1913).

(1913/2017c), no entanto, Fanon acreditava que ela não era empregada originalmente. Isso se dava na medida em que, em virtude da não remuneração do médico, a neurose de transferência tinha sua especificidade²⁰. Ademais, os terapeutas interviam “com frequência para ativar o dinamismo contratransferencial” (Fanon, 1959/2020d, p. 83).

Em outra reflexão sobre o hospital dia, ao destacar que ele é o “encontro de duas liberdades” (Fanon & Geronimi, 1959/2020b, p. 87), ele se distancia²¹ da terapia institucional de Tosquelles, um de seus grandes mentores.

A socioterapia está certamente longe de ser inútil. (...). A socioterapia em ambiente manicomial é indispensável, pois tem a vantagem de preservar nos pacientes seu aspecto socializado. Ela contribui de maneira ativa para evitar a cronicização, a podridão manicomial e a degradação do paciente. Mas ela raramente cura. Ela reativa os processos delirantes e alucinatórios, provoca novas dramatizações e permite ao médico compreender melhor o que poderia eventualmente ‘ocorrer lá fora’. No entanto, o caráter inerte dessa pseudossociedade, sua estreita limitação espacial, o número reduzido de elementos móveis e, por que não reconhecer, a experiência vivida da internação-aprisionamento limitam consideravelmente o valor curativo e desalienantes da socioterapia. Assim, consideramos atualmente que o verdadeiro ambiente socioterápico é e continuará a ser a sociedade concreta propriamente dita” (Fanon & Geronimi, 1959/2020b, pp. 90-91).

A desalienação é o reestabelecimento do cuidado de si. Nesse sentido, Melanie Klein e Sandor Ferenczi “indicaram-nos suficientemente a importância desse cuidado com o próprio corpo como mecanismo para evitar a ansiedade” (Fanon & Geronimi, 1959/2020b, p. 94). Assim, “a internação rompe o narcisismo do paciente, crucifica-o em suas tentativas hedônicas e o engaja de maneira traumatizante no caminho da regressão, do perigo e da angústia” (Fanon & Geronimi, 1959/2020b, pp. 94-95). Nesse tratamento analítico “praticamos o apaziguamento, favorecemos a reconstrução do fantasma²² e, de modo geral, adotamos uma postura ativa no sentido de Ferenczi²³” (Fanon & Geronimi, 1959/2020b, p. 99).

²⁰ É improvável que Fanon soubesse da iniciativa dos institutos de formação analítica de garantir que tratamentos gratuitos acontecessem. Nesse sentido, ver Danto, E. (2005). *Freud's Free Clinics: psychoanalysis and social justice (1918/1938)*. Nova Iorque: Columbia University Press.

²¹ Esse distanciamento, contudo, não é um rompimento, como podemos ver em um trecho de *Encontro entre a sociedade e a psiquiatria*: “diz-se que a socioterapia cria uma sociedade falsa. Será possível domesticar o ambiente social da mesma forma como se faz com o ambiente natural?” (Fanon, 1984[1959-1960]/2020e, p. 278). Ver em Fanon, F. (2020). Encontro entre a sociedade e a psiquiatria In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1984).

²² Ver nota de rodapé número 13.

²³ No caso analisado pelo psicanalista em *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria*, lê-se: “(...) fui levado a abandonar o papel passivo que o psicanalista desempenha habitualmente no tratamento, quando se limita a escutar e a interpretar as associações do paciente, e ajudei a paciente a ultrapassar os pontos mortos do trabalho analítico intervindo ativamente em seus mecanismos psíquicos” (Ferenczi, 1919/2011,

Ainda no período de estadia tunisiano, Fanon ministrou cursos na Universidade de Túnis. Tem-se documentado um deles, o de Psicopatologia Social, realizado no *Institut des Hautes Études de Túnis* [Instituto de Altos Estudos de Túnis], no ano letivo de 1959-1960²⁴. Nesse curso, Fanon inicia discorrendo sobre a convergência entre a neurofisiologia e a psicanálise²⁵, especialmente o estágio do espelho lacaniano. Ele destaca, sobretudo, o papel social no desenvolvimento humano. Assim, “poder ser socializado é, antes de mais nada, ter um cérebro normalmente constituído. Mas, por mais que essa seja uma condição necessária, outros elementos também contam” (Fanon, 1984[1959-1960]/2020e, p. 279). Um desses elementos é a linguagem. Dessa forma, “ser socializável é poder manter uma tensão constante entre ego²⁶ e sociedade. Com a linguagem, isso se complica: a palavra se converte no sinal de um sinal. Se o meio não me autoriza a responder, é evidente que me atrofio” (Fanon, 1984 [1959-1960]/2020e, pp. 280-281).

Não é segredo que Fanon (1952/2020b) tinha sérias críticas em relação ao complexo de Édipo freudiano e sua existência em sociedades colonizadas. Nesse sentido, lê-se a célebre passagem que ele afirma que “queira-se ou não, o complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros. (...). [Assim], seria relativamente fácil demonstrar que, nas Antilhas francesas, 97% das famílias são incapazes de gerar uma neurose edípica” (Fanon, 1952/2020b, p. 167). Contudo, ao analisar a dinâmica familiar argelina antes do movimento revolucionário de 1954, a organização edípica parecia prevalecer nesse modelo de sociedade. Na relação entre o pai e a filha, uma

análise profunda mostra que o pai vê a mulher na filha. Inversamente, a filha vê o homem no pai. A interdição é tamanha que as proibições são, nesse ponto, inscritas no centro da personalidade, onde a presença simultânea é insuportável. Essas condutas não existem sem evocar, como vemos, os ritos utilizados em certos

p. 7). Para mais detalhes ver Ferenczi, S. (2011). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria In Ferenczi, S. *Obras completas de Sándor Ferenczi* 2ªed. vol. 2. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1919); Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise In Ferenczi, S. *Obras completas de Sándor Ferenczi* 2ªed. vol. 3. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1920).

²⁴ Sobre o texto, ver Salem, L. (2013). Introdução ao curso de Psicopatologia Social de Frantz Fanon no *Institut des Hautes Études de Túnis* In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1984).

²⁵ Fanon, de forma irônica, parece recusar a hipótese do trauma do nascimento de Otto Rank (1924/2016): “No nível do cérebro, existe consubstancialidade do nós e do eu: não se pode dizer que a criança é egocêntrica e não enxerga o mundo exterior. Otto Rank descreveu seu ‘célebre’ trauma do nascimento. Na prática do parto sem dor, percebe-se que o parto é um ato fisiológico, e não patológico” (Fanon, 1984 [1959-1960]/2020, p. 279). Para mais informações sobre o argumento de Rank, ver Rank, O. (2016). *O trauma do nascimento e seu significado para a psicanálise*. Tradução de Érica Gonçalves de Castro. São Paulo: Edipro. (Obra original publicada em 1924).

²⁶ Ver a nota de rodapé número 16.

grupos para evitar a angústia que acompanha as pulsões incestuosas inconscientes (Fanon, 1959/2011, p. 340).

No último capítulo de *Os condenados da terra*, o autor cogita que “talvez se julguem inoportunas e singularmente deslocadas neste livro estas notas de psiquiatria” (Fanon, 1961/2005, p. 287). Não é por acaso que o seu ensaio político mais robusto se encerra com uma discussão clínica. Aqui, ele visa elucidar a forma como o colonialismo francês, enquanto uma configuração política, afeta o anímico tanto dos argelinos quanto dos próprios franceses. Nesse sentido, “a verdade é que a colonização, na sua essência, já se apresentava como uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos” (Fanon, 1961/2005, p. 287). E ele prossegue: “chamamos a atenção dos psiquiatras franceses e internacionais para a dificuldade de ‘curar’ corretamente um colonizado, isto é, torná-lo inteiramente homogêneo a um meio social de tipo colonial²⁷” (Fanon, 1961/2005, pp. 287-288). Assim, na séria A, nº3, dos casos apresentados por Fanon, nos deparamos com um jovem de 19 anos, que chega até o autor “muito deprimido, lábios secos, mãos constantemente úmidas” (Fanon, 1961/2005, p. 301). Desde a eclosão da doença, foram duas tentativas de suicídio. Apresentava escuta e visão alucinatória. Relatava a perseguição de uma mulher que ele havia matado. Logo depois que se engajou na luta de libertação da Argélia, a mãe e a irmã foram mortas por soldados franceses. O psiquiatra se interroga, então, se “estávamos diante de um complexo de culpa inconsciente da morte da mãe, como Freud descreveu em *Luto e melancolia*²⁸” (Fanon, 1961/2005, p. 302). Mesmo após o tratamento, “uma grande falha se mantém na sua personalidade” (Fanon, 1961/2005, p. 304). Por fim, acredita que o tempo trará algum alento para o rapaz, “por menos científico que possa parecer” (Fanon, 1961/2005, p. 304).

Vejamos agora como seus comentadores e suas comentadoras avaliam essa recepção.

²⁷ Nesse sentido, ver Fanon, F. (2021). Carta ao ministro residente In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

²⁸ No texto freudiano, lê-se: “a perda do objeto de amor é uma excelente ocasião para realçar e trazer à luz a ambivalência das ligações amorosas. Por isso, onde existe a predisposição à neurose obsessiva, o conflito de ambivalência empresta ao luto uma configuração patológica e o obriga a expressar, na forma de autorrecriminações, que se é culpado pela perda do objeto de amor, ou seja, que se a desejou. Nessas depressões neurótico-obsessivas [*zwangsneurotischen Depressionen*] após a morte de pessoas queridas nos é revelado o que o conflito de ambivalência se realiza por si só, quando o recolhimento regressivo da libido não está presente” (Freud, 1917/2017, p. 109). Para mais detalhes, ver Freud, S. (2017). *Luto e melancolia* In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1917).

1.1.1 A discussão na literatura internacional especializada

1.1.1.1 Aproximação da teoria psicanalítica

Para Bhabha (1994, p. 58), *Pele negra* se circunscreve em torno de três referenciais teóricos: “a dialética de Hegel e Marx; a fenomenologia de Si e do Outro; e a ambivalência psicanalítica do inconsciente”. E é através da psicanálise que Fanon aponta para “a loucura do racismo, o prazer da dor e a fantasia agonizante do poder político” (Bhabha, 1994, p. 58). Além disso, seu recurso a esse campo do saber é fruto de reflexões da “perversa virtude civil nos atos alienantes da governança colonial: a visibilidade da mumificação cultural na ambição declarada do colonizador de civilizar ou modernizar o nativo” (Bhabha, 1994, p. 62).

No entanto, é sobretudo em relação ao desejo que se encontra o destaque de Bhabha (1994). Nessa direção, ele articula os posicionamentos de Fanon com os de Lacan. Assim, é a “figura bizarra do desejo, (...), que obriga Fanon a colocar a questão psicanalítica do desejo do sujeito à condição histórica do homem colonial” (Bhabha, 1994, p. 63). Ao privilegiar a dimensão psíquica do desejo, “ele não só muda o que entendemos por demanda *política*²⁹, mas transforma os meios pelos quais reconhecemos e identificamos sua *agência humana*³⁰” (Bhabha, 1994, p. 60).

Da analítica do desejo é que vão emergir os processos identificatórios. Assim, a demanda de identificação — ou seja, *ser*³¹ para um Outro — implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação (...) é sempre o retorno de uma imagem de identidade que carrega a marca de divisão no Outro lugar de onde ela vem. Para Fanon, como Lacan, os momentos primários de tal repetição do Eu residem no desejo do olhar e dos limites da linguagem. A ‘atmosfera de certa incerteza’ que envolve o corpo certifica sua existência e ameaça seu desmembramento (Bhabha, 1994, p. 64).

É nesse ambiente de incerteza que o desejo toma um caráter de urgência, onde o personagem Jean Veneuse anseia “não apenas estar no lugar do homem branco, mas, compulsivamente, procura olhar para trás e para baixo em si mesmo a partir dessa posição” (Bhabha, 1994, p. 86). Em contrapartida, o colonizador, exigindo que o colonizado se torne branco, “é ele mesmo pego na ambivalência da identificação paranoica, alternando entre fantasias de megalomania e perseguição” (Bhabha, 1994, pp.

²⁹ Destaque do autor.

³⁰ Destaque do autor

³¹ Destaque do autor.

87-88). No entanto, para esse comentador, Fanon não leva seu argumento do desejo em sua radicalidade. O psiquiatra recua diante da constatação que

a política racial não estará inteiramente contida dentro do mito humanista do homem ou necessidade econômica ou progresso histórico, pois seus afetos psíquicos questionam tais formas de determinismo; que a soberania social e a subjetividade humana só são realizadas na ordem da alteridade (Bhabha, 1994, p. 87).

Ao tomar esse caminho, portanto, “é como se a questão do desejo que emergiu da tradição traumática dos oprimidos tivesse que ser modificada (...) para abrir caminho para um humanismo existencialista que é tão banal quanto beatífico” (Bhabha, 1994, p. 87).

Conforme Hall (1996), o renovado interesse por *Pele negra*, nos anos 1990, revelaria algo da sobredeterminação de um retorno do recalcado. Nessa direção, o que privilegiou esse retorno, não sem várias contestações, foi sua

exploração inconsciente dos mecanismos do racismo e do colonialismo, sua atenção ao papel das fantasias projetivas, sua abertura para a complexidade subjetiva deslocada do fato ‘enganosamente óbvio da negritude’ e sua atenção à dialética da identidade, da alteridade e do desejo (Hall, 1996, p. 15).

Além disso, ele destaca como a articulação de Fanon entre o racismo e o olhar ou uma pulsão escópica é uma fonte do interesse em sua obra. É na dialética do olhar que o poder colonial fixa o negro a partir de fora. Ele é esvaziado, na forma de fetiche, tornando-se um outro do Outro (Hall, 1996).

O autor argumenta contra uma simples passagem de *Pele negra* para *Os condenados da terra* como uma forma de amadurecimento teórico e revolucionário, pois isso não explicaria o último capítulo do ensaio de 1961 sobre os distúrbios mentais (Hall, 1996). Dessa forma, a psicanálise foi um dos diálogos inacabados, ao lado da psiquiatria colonial e da formulação sobre a divisão do sujeito, “que Fanon continuou retornando ao longo de sua vida e de seu trabalho” (Hall, 1996, p. 26).

Lebeau (1998) acredita que trabalho de Fanon deveria ser tratado, na esteira do que os estudos culturais denominam desde o *Mal-estar na cultura* de Freud, como uma obra de psicopolítica. Isso se justifica na medida em que Fanon desvela “uma imagem fantástica do homem negro estruturando a realidade — o verdadeiro conflito, a violência racista — da cultura europeia³²” (Lebeau, 1998, p. 107).

³² A autora não deixa de destacar que, no entanto, “o relato de Fanon sobre feminilidade branca deriva, pelo menos em parte, de uma das estratégias mais controversas — e caricaturais — da leitura psicanalítica:

O psiquiatra realiza uma “análise do homem negro, da negritude, como uma fantasia (fóbica)³³, certamente, mas também é uma leitura do conceito psicanalítico da fantasia como um ‘evento real’, uma presença, ou uma pressão, dentro e sobre o real” (Lebeau, 1998, p. 108). Nessa direção, Fanon reformula “um problema perene para a psicanálise: como dizer a diferença entre a fantasia e o evento real, como a dificuldade de distinguir entre formas inconscientes e culturais de fantasia” (Lebeau, 1998, p. 111). Deslocando a discussão para a vida onírica, a constatação de Fanon é que a psicanálise perde “a lógica do que está descobrindo: grosso modo, se o trabalho do sonho pode ser encontrado do lado de fora, então o exterior pode estar lá no sonho” (Lebeau, 1998, p. 114). Conforme a autora, portanto, Fanon aponta para o “sonho como o caminho real para o trauma cultural, ou, talvez, para uma culturalização, uma traumatização, do inconsciente” (Lebeau, 1998, p. 114). Assim, a autora acredita que Fanon evidencia a “necessidade de uma sociologia do trabalho dos sonhos e de uma psicanálise que possa começar a traçar o surgimento tanto de uma cultura verídica quanto de um inconsciente cultural” (Lebeau, 1998, p. 115).

Para Gibson (2003), tendo em vista que, no maniqueísmo do mundo das raças, não há acordo racional, Fanon escolhe o método regressivo psicanalítico, tendo como paradigma a vida onírica³⁴. Assim, “na situação colonial, Fanon afirma que o nativo age de forma *semelhante*³⁵ a uma neurose” (Gibson, 2003, p. 15). Dessa forma, “se a formação de sonhos é o momento retrógrado de um desejo, traçar o sonho regressivamente revela a fonte da neurose” (Gibson, 2003, p. 15). Nessa direção,

em *Pele negra*, o sonho de magicamente transformar-se em branco reflete a realidade martinicana de que se é branco acima de um certo nível financeiro. Em *Os condenados da terra*, o nativo ainda deseja tomar lugar do colono e alcança a liberdade durante o sono em sonhos de correr, saltar e em expressões de atividade muscular (Gibson, 2003, p. 15).

É digno de nota que “não são os negros que são neuróticos, mas a sociedade anti-negra” (Gibson, 2003, p. 15). Buscando uma relação entre negros e brancos que ultrapasse a dimensão neurótica, “Fanon recorre à teoria psicanalítica para ajudar a entender visão

grosso modo, a tradução de um ‘não’ consciente e simbolizado em um ‘sim’ inconsciente e não-simbolizado” (Lebeau, 1998, p. 110).

³³ “Mais especificamente, Fanon faz uma exigência sobre o conceito psicanalítico de fobia para pensar as origens e efeitos do ódio racial — ódio e fobia no coração, então, do que Fanon analisa como ‘cultura’” (Lebeau, 1998, p. 108).

³⁴ Sobre o método regressivo e sua relação com os sonhos ver, especialmente, a seção B da parte VII em Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos* vol. 4. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).

³⁵ Destaque do autor.

da pessoa de cor sobre si mesma e sobre o mundo, além de mapear maneiras de minar o complexo de inferioridade e o mundo que o torna possível” (Gibson, 2003, p. 37).

A problemática da neurose conduz Fanon para o debate sobre o complexo de Édipo e sua universalidade, “seu maior desentendimento com a teoria psicanalítica” (Gibson, 2003, p. 38). Nessa direção, “toda vez que Fanon invoca o nome de Lacan ele nega a importância do complexo de Édipo” (Gibson, 2003, p. 38). Contudo, “ao questionar a universalidade do complexo de Édipo, Fanon não está abandonando a utilidade da psicanálise individual, mas, falar de neurose em uma sociedade colonizada, desacoplando-a do contexto social seria um erro grave” (Gibson, 2003, p. 38). Portanto, ao negar a universalidade edípica, a família não seria a origem da neurose, mas sim a própria cultura (Gibson, 2003).

Não é ingenuamente que a obra de Adler chama a atenção de Fanon. Se ele achava que a psicanálise poderia ajudar a neurose individual em uma sociedade ‘normal’, sua abordagem clínica era socioterapêutica, com ênfase no meio ambiente e nas relações interpessoais [assim como Adler], e sua crítica radical à sociedade significava que o contexto social das relações humanas era um desafio constante para a sociedade (Gibson, 2003, p. 39).

Apesar do engajamento de Fanon com a psiquiatria e a psicanálise ser reconhecido, “(...) temos dado relativamente pouca atenção à forma como seu engajamento funcionava como uma estratégia em vez de um endosso de teorias e métodos psicológicos e psicanalíticos” (Greedharry 2008, p. 15). Essa estratégia diz respeito a “fazer uso da psicologia e da psicanálise para explicar e iluminar a realidade social e psicológica da experiência do homem de cor no colonialismo” (Greedharry, 2008, p. 24). Assim, a estratégia de Fanon se divide em dois pontos: a atenção aos fatores sociais e econômicos dos fenômenos psíquicos e uma crítica à universalidade da teoria psicanalítica.

O que Fanon indica em *Pele negra* é que apenas uma explicação analítica não abarca por completo a problemática do homem negro (Greedharry, 2008). A explicação psicanalítica de Fanon, assim, “reformula conceitos tradicionais, introduz fatores sociais e econômicos no diagnóstico e questiona as regras da própria teoria psicanalítica” (Greedharry, 2008, p. 16). Portanto, analisar a relação de Fanon com a psicanálise requer “um olhar para as maneiras particulares em que Fanon tenta ler, reescrever e reimplantar teoria psicanalítica” (Greedharry, 2008, p. 18).

A especificidade da vivência do homem negro aponta para uma particularidade da psicanálise na colônia, a saber, sua não relação com complexo de Édipo. Ao insistir no

desafio da ortodoxia psicanalítica, ele refina “o estado espelho de Lacan, a teoria do reconhecimento de Adler [e] o inconsciente coletivo de Jung” (Greedharry, 2008, p. 32) para seus próprios fins.

A partir do estágio do espelho, Fanon constata como a criança antilhana não se dá conta de sua negritude. Diante desse devastador evento é que

Fanon faz uso do inconsciente coletivo de Jung. Ele claramente acha os conceitos junguianos de ideias, imagens e necessidades coletivas úteis, mas, mais uma vez, ele faz seu próprio ajuste. Para Jung, o inconsciente coletivo é um instinto compartilhado e transmitido ao longo de gerações. Fanon observa que não precisamos fazer uso do pensamento racializado de Jung para fazer uso do conceito (Greedharry, 2008, p. 33).

Assim, para Jung, essas imagens e atitudes são compartilhadas instintivamente, enquanto que, para Fanon, é a cultura que possibilita essa distribuição. Dessa forma, quando uma criança internaliza a inferioridade que lhe é imposta, ela “é forçada a confrontar o fato de que deve se identificar ou ser identificada com a negritude” (Greedharry, 2008, p. 33). É aqui que sua constituição subjetiva se fratura.

Diante desse momento de reconhecer ou ser reconhecido é que Fanon se mune das proposições de Adler. Assim,

o neuroticismo que Fanon descreve não deve ser entendido como uma característica inata ou herdada. É uma resposta ao fato de que, historicamente, o homem negro sempre foi feito para sentir que ele é inferior. Diante dessa realidade histórica, o homem negro reagiu com um complexo de superioridade, sempre buscando medir-se bem contra outros homens. O que Adler entende ser um fenômeno individual, Fanon transforma em um fenômeno de toda a sociedade (Greedharry, 2008, p. 34).

Ao contrário de Mannoni, “o trabalho de Fanon demonstra claramente que o discurso psicanalítico não é inerente nem inevitável a preservação daqueles que apoiam ideologias colonialistas” (Greedharry, 2008, p. 35). Contudo, a autora delimita as fraquezas dos recursos de Fanon à psicanálise, como, por exemplo, uma elisão entre a teoria dos sujeitos utilizadas (existencial, psicanalítica, psiquiátrica e filosófica); a adoção de posições psicanalíticas problemáticas em relação à sexualidade e ao gênero, sobretudo das mulheres negras. Dessa forma, “os esforços de Fanon para reposicionar métodos psicanalíticos e práticas psiquiátricas colocam tantas questões quanto oferecem soluções para aqueles que escrevem sobre formações coloniais e teoria pós-colonial hoje” (Greedharry, 2008, p. 41).

Hook (2014) afirma que Fanon não só traz a política para a psicologia, “ele também traz a psicologia para a política, analisando o poder através de uma série de

conceituações psicanalíticas (...) e trabalhando tais formas de poder e, particularmente, a do racismo colonial” (Hook, 2014 p. 116). No que concerne à psicanálise, seu primeiro foco de atenção é a das “raças branca e negra no contexto da colonização” (Hook, 2014, p. 117).

Pelo viés analítico, Fanon destaca “o que motiva os sonhos, as ações e a personalidade do colonizado, e afirma encontrar lá um simples desejo” (Hook, 2014, p. 117): ser branco. Esse desejo de embranquecer, contudo, não é trans-histórico, uma vez que “é o resultado de uma configuração específica de poder, de condições materiais reais, econômicas, culturais e sociopolíticas que celebram e empoderam continuamente o sujeito branco e continuamente denigrem e desapropriam o homem negro ou mulher negra” (Hook, 2014, p. 117). Para o psiquiatra, esse desejo denota uma conduta neurótica, contudo, faz várias mudanças em relação à perspectiva freudiana do adoecimento (Hook, 2014). Apesar de não enfatizar o trauma na primeira infância, Fanon sugere “que esse trauma original pode ser compartilhado, sendo cultural em vez de simplesmente intrapsíquico e de natureza individualista” (Hook, 2014, p. 120). Portanto, o trauma infantil seria “causado pela exposição da criança negra aos valores racistas do ambiente colonial opressivo” (Hook, 2014, p. 120). Nesse sentido, “o uso de Fanon da ideia de neurose faz dela um fenômeno psicológico explicitamente social, enraizado nos contextos históricos e políticos específicos da colonização” (Hook, 2014, p. 118).

Além disso, o adoecimento neurótico, para Fanon, não pode ser recalcado para o inconsciente.

Ao contrário do desenvolvimento ‘normal’ dos sintomas neuróticos, onde o neurótico pode esquecer temporariamente a causa de seu sofrimento, o homem negro ou a mulher negra enfrentam, diariamente, a realidade colonial opressiva que enfatiza sua inferioridade social e/ou existencial (Hook, 2014, p. 122).

Ao articular o objeto fóbico ao negro e ódio racial ao branco, “há ódio dentro do medo, em outras palavras; não só este objeto me assusta, ele também me revolta, eu o acho detestável” (Hook, 2014, p. 124). Por conseguinte, “o objeto fóbico, então, é algo a que respondemos com reações não só de medo e ódio, mas também de *ansiedade paranoica*³⁶” (Hook, 2014, p. 124).

Buscando compreender os afetos na sociedade colonial, sobretudo os ditos irracionais, Fanon encontra amparo nas contribuições de Jung, especialmente a de inconsciente coletivo.

³⁶ Destaque do autor.

No entanto, assim como foi o caso em sua aplicação dos conceitos freudianos, Fanon novamente acha necessário modificar certas das ideias básicas de Jung. A necessidade de fazê-lo no caso de Jung é ainda mais premente, em virtude das maneiras que a explicação junguiana pode se prestar a uma naturalização do racismo (Hook, 2014, p. 125).

Fanon, assim, substitui a inclinação biológica e inatista de Jung por um aporte cultural, culminando na sua formulação sobre o mito negro (Hook, 2014). Dessa forma, “O ‘mito negro’ não é a-histórico, universal ou natural; em vez disso, ele tem uma função política precisa, afirma Fanon, que é agir como um repositório — uma figura em que os brancos simbolizam todas as suas emoções mais baixas e inclinações mais básicas” (Hook, 2014, p. 126).

Gibson & Beneduce (2017), através dos trabalhos psiquiátricos de Fanon, unem as várias facetas de sua obra, como os escritos revolucionários e os da cultura. Nesse sentido, “o contínuo deslocamento entre política e psiquiatria, entre o social e o subjetivo, entre o inconsciente e a história, é uma das características mais originais do trabalho de Fanon” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 2). Em relação à psicanálise, os autores evidenciam a repercussão, a partir dos anos 1980, da leitura lacaniana que Bhabha oferece dos trabalhos fanonianos. Dessa maneira, “depois de Bhabha, não se podia ignorar o significado da psicanálise no pensamento de Fanon, mesmo que Fanon não fosse treinado como psicanalista ou, nesse caso, como um lacaniano” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 5).

Os autores salientam as contribuições de Lacan na obra de Fanon. “O esforço de Lacan em compreender a arquitetura do delírio³⁷ e o sentido da loucura” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 41) foi o que impeliu Fanon a utilizá-lo na argumentação contra um reducionismo neurofisiológico em sua tese de exercício. Nessa direção, “a busca por uma lógica da loucura *historicamente fundada*³⁸ e a singular definição de história como a ‘valorização sistemática de complexos coletivos’” foi importante para criticar o organodinamismo de Ey (Gibson & Beneduce, 2017, p. 42). Além disso, tanto o estádio do espelho quanto a crítica ao Édipo são elementos decisivos na compreensão da alienação colonial vistas em *Pele negra*.

³⁷ “Para Fanon, pensar a loucura significava levar em consideração teorias de estruturas biológicas, sociais e culturais, bem como a dominação política e a recapitulação desses campos e significados interseccionais entre conflitos psíquicos, alienação e sintomas. A teoria etnosociológica tornou-se aliada de Fanon em sua análise da loucura colonial, enquanto o interesse de Lacan pelas dimensões sociais do inconsciente oferecia a Fanon uma perspectiva importante, que ele usou para interpretar as relações familiares, a infância e os ‘complexos de inferioridade’ na sociedade martinicana” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 44).

³⁸ Destaque do autor.

Fanon cita diretamente Freud em suas *Conferências introdutórias à psicanálise* para abordar o Édipo e a noção de fantasia. No entanto, a crítica de Fanon se exprime na ideia do inconsciente: “para Freud, o drama é reprimido no inconsciente; para os negros, o drama é vivido ao ar livre todos os dias, como um produto de ‘catarse coletiva’” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 49). Essa crítica também engloba as concepções junguianas do inconsciente: “Fanon demonstra que o que Jung está indagando é o inconsciente coletivo dos brancos, e que ele confunde instinto e hábito, esquecendo o papel da cultura e da história na construção do inconsciente³⁹” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 50).

Apesar dos contundentes comentários em relação à psicanálise, Fanon, no meio dos anos 1950, “começou a reconsiderar o tratamento psicanalítico, e a importância da transferência e contratransferência nas relações terapêuticas” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 211). Nesse contexto, Ferenczi e Klein foram referências importantes em seu projeto terapêutico em Blida e Túnis. Em relação ao primeiro, Fanon visava “a construção de uma relação terapêutica baseada na empatia” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 212). Para eles, assim,

certamente a citação de seus trabalhos [de Ferenczi e Klein] parece indicar um interesse contínuo na teoria e na prática psicanalíticas, embora seja preciso deixar claro que, embora Fanon nunca tenha realizado treinamento ou análise psicanalítica, ele era sensível à importância da linguagem e ao poder performático das palavras no cenário terapêutico e tratava alguns pacientes psicanaliticamente (Gibson & Beneduce, 2017, p. 214).

Hook (2020), ao analisar a relação de Fanon com Lacan, evita duas posições estereotipadas: uma superimposição do pensamento de Lacan em Fanon e uma rejeição por completo da influência desse psicanalista na teoria fanoniana. De início, a obra lacaniana ecoa na crítica ao modelo psicopatológico orgânico-biológico da psiquiatria francesa. Isso se dá na medida em que Lacan considerou as origens sociais tanto da personalidade como do desejo. Além disso, a *méconnaissance* [desconhecimento] e a relação entre linguagem, experiência e loucura fornecem o subsídio para o entendimento do adoecimento na colônia. Dessa maneira, para esse autor, Fanon reconhece os “rudimentos dos três registros de Lacan: imaginário (...), simbólico (...) e real” (Hook, 2020, p. 5).

³⁹ A cultura também é crucial na organização da sexualidade. “Embora Fanon não tenha citado nada mais de Freud [em relação à sexualidade feminina], ele resumiu a pesquisa publicada recentemente por Marie Bonaparte e Helene Deutsch, que levou as ideias de Freud sobre sexualidade feminina à sua conclusão lógica. Fanon não endossou ou desafiou o modelo freudiano da sexualidade feminina ou a incompleta ‘dessexualização da agressividade’, mas acrescentou o contexto cultural essencial” (Gibson & Beneduce, 2017, p. 50).

Ao rapidamente impor a sociogenia como um elemento que rompe com a psicanálise, perde-se de vista a forma como cada indivíduo lida com as estruturas sociais que o constituem (Hook, 2020). Em sua crítica ao o inconsciente filogenético junguiano, Fanon se aproxima de “uma conceituação simbólica-societal do inconsciente que antecipa ou se nivela ao desenvolvimento conceitual de Lacan a esse respeito” (Hook, 2020, p. 10). Dessa forma, o inconsciente “nunca é apenas individual, mas, crucialmente, *trans-histórico*⁴⁰” (Hook, 2020, p. 10). Ao se apoiar numa visão de inconsciente mais externa que interna, a “teoria lacaniana (...) é o tipo de psicanálise que melhor compreende a determinação do papel do político, justamente a demanda de Fanon em *Pele negra*” (Hook, 2020, p. 10).

Para Richards (2021, p. 215), “Lacan foi uma influência maior para Fanon do que previamente discutido”. Para esse autor, ambos possuem convergências significativas, a começar pela crítica à psicanálise ocidental. Assim, “segundo Lacan, a psicanálise tradicional é limitada por sua concepção ocidental da humanidade e da família, e, tanto para Lacan quanto para Fanon, a orientação eurocêntrica da psicanálise limita seu poder terapêutico e social” (Richards, 2021, p. 215). Além disso, a noção de psicose em Fanon seria herdeira das teorizações de Lacan, bem como a relação da loucura e da linguagem. Ademais, Lacan foi um teórico precioso para Fanon em relação à sua crítica ao Édipo. Na direção contrária, o autor sugere que Fanon, também, tenha influenciado Lacan: “o argumento de Lacan em *Le Sinthome* sobre o poder obscuro do colonizador na linguagem emerge diretamente do argumento análogo de Fanon em *Pele negra*” (Richards, 2021, p. 215).

1.1.1.2 Distanciamento da teoria psicanalítica

Bulhan (1985) foi um dos pioneiros no estudo sobre as contribuições psicológicas de Fanon. Para esse autor, no momento de publicação de *Pele negra*, Fanon se considerava um psicanalista (Bulhan, 1985). Um dos objetivos dos escritos iniciais de Fanon era avaliar a aplicabilidade da psicologia no que concerne aos negros (Bulhan, 1985). Assim,

ele construiu seu estudo inicial do racismo em torno da literatura psicanalítica. Em seu primeiro livro, ele invocou uma ampla gama de autoridades reconhecidas, incluindo Sigmund Freud, Carl Jung, Alfred Adler, Anna Freud, Otto Rank e

⁴⁰ Destaque do autor.

Jacques Lacan. Mas, mesmo invocando essas autoridades, Fanon manteve uma postura crítica em relação à psicologia dominante (Bulhan, 1985, p. 69).

O autor aponta para a confluência entre Freud e Fanon no que concerne ao amor, à agressividade e à sexualidade, apesar dos referenciais sociais serem muito distintos (a saber, a sociedade vitoriana e a antilhana, respectivamente) (Bulhan 1985). Ao introduzir a categoria da sociogenia, Fanon “rejeitava o reducionismo ontogenético de Freud e as especulações filogenéticas de Jung” (Bulhan, 1985, p. 72).

A crítica mais contundente ao aparato analítico se concentraria nos comentários de Fanon acerca do complexo de Édipo, “o edifício sobre o qual repousa a interpretação de Freud sobre a psicologia individual e a organização social” (Bulhan, 1985, p. 72). Rejeitando sua universalidade, ele estaria determinado a “explicar a psicologia humana dentro de suas coordenadas socio-históricas essenciais” (Bulhan, 1985, p. 73). Portanto, para esse autor, apesar de Fanon se beneficiar dos teóricos da psicanálise, especialmente Freud, Adler e Jung, ele “abandonou essas autoridades e esboçou uma psicologia transformadora não obscurecida pelo viés da classe média europeia ou pelo solipsismo” (Bulhan, 1985, p. 69).

De acordo com Robinson (1993), no decorrer do desenvolvimento de sua obra, Fanon abandonaria um nacionalismo pequeno burguês por um comprometimento revolucionário. Assim sendo, o “Fanon amadurecido afastou-se da psicanálise e sua preocupação com a sexualidade como paradigma explicatório para o ‘problema negro’” (Robinson, 1993, p. 86). Ao recusar a miopia freudiana, a obra madura de Fanon é “clara em relação a dialética do colonialismo e da libertação” (Robinson, 1993, p. 87). No entanto, para esse autor, representantes contemporâneos da burguesia nacionalista “procuraram, seletivamente, reapropriar e atribuir a Fanon uma iniciativa pós ou antirrevolucionária” (Robinson, 1993, p. 80), movimento que ele denomina de recolonização da obra fanoniana.

Para Gordon (1996), os textos políticos de Fanon são bastante conhecidos, contudo, seu recurso à fenomenologia para a construção de um humanismo revolucionário ainda é pouco debatido. A princípio, “parece que o mundo simbólico da psicanálise, governado pelo recalque e pelo desejo, as forças internas da escuridão [*darkness*] e do instinto, pode oferecer uma instanciação concreta da realidade negra” (Gordon, 1996, p. 76). No entanto, o que o autor faz em *Pele negra* é mostrar a falha psicanalítica na explicação do negro. Assim, “essa falha obrigará uma reavaliação do contexto da própria investigação. E esse contexto exigirá o que ele chama de explicações

sociogênicas, explicações que estão sintonizadas com as origens sociais dos problemas humanos” (Gibson, 1996, p. 76).

A guinada fenomenológica permite Fanon constatar que “o corpo negro não vive no nível simbólico em um mundo anti-negro. Ele está trancado nos sérios valores materiais do real” (Gordon, 1996, p. 79). Nesse sentido,

enquanto o corpo branco pode viver a alienação simbólica, rica em conteúdo neurótico e, assim, servir de base para a psicanálise, enquanto o corpo negro, seja no conteúdo dos sonhos ou nas intenções despertas, sempre significa ‘o que é’ — o negro. O negro, portanto, não simboliza o crime e a sexualidade licenciosa em um mundo anti-negro. O negro ⁴¹ crime e sexualidade licenciosa, bestialidade, e todas as matrizes de patologias sociais incorporadas (Gordon, 1996, p. 79).

Ao privilegiar *l’expérience vécue* [a experiência vivida], a alienação negra não é neurótica, mas diz da realidade complexual de um objeto fóbico. O racismo e o colonialismo trancafiam essa realidade “em um esquema quase histo-ontológico” (Gordon, 1996, p. 80). Portanto,

se a psicanálise não pode articular a realidade negra em termos psicanalíticos sem ser falaciosa, então, a bagagem de fundamentos sociais associados à psicanálise — ou seja, sexualidade, gênero e vida em família — também são bases problemáticas de um corpo político que milita contra a presença do negro (Gordon, 1996, p. 80).

Gordon (1996, p. 82) conclui que, para Fanon, o corpo político num mundo anti-negro é “condicionado (...) como o ‘terceiro termo’, uma expressão que ele toma emprestado de *L’Être et le néant* [O Ser e o Nada] de Sartre, que subjuga a realidade do negro”.

Sekyi-Otu (1996, p. 2) revisita a obra fanoniana como a de um africano que “embora treinado, empregado e residido no ocidente, é movido pelos desastres da experiência pós-independência na África”. É dessa forma que, conforme sua concepção, a linguagem da experiência política é seu principal objeto narrativo (Sekyi-Otu, 1996). Nessa direção, ele se afasta da tradição da literatura que se concentra “sobre o significado do trabalho de Fanon em compreender a psicodinâmica da alteridade e marginalidade” (Sekyi-Otu, 1996, p. 2). Poder-se-ia questionar se, ao fazer esse movimento, o autor não negaria o trabalho clínico de Fanon, apoiado também teoria psicanalítica. De fato, ele trata “as observações psicológicas e psicanalíticas de Fanon bem alusivamente” (Sekyi-Otu, 1996, p. 5). Sekyi-Otu acredita que assim estaria evitando um reducionismo

⁴¹ Destaque do autor.

psicológico da obra de Fanon. Para ele, a vida psíquica é examinada, incluindo aqui através da perspectiva psicanalítica, “apenas para concluir que o psíquico e o psicológico merecem no ‘contexto colonial’ o status de dependente [do político] em vez de determinar realidades” (Sekyi-Otu, 1996, p. 6).

Apesar de Fanon questionar certas descobertas freudianas, especialmente em relação a simbologia onírica, ele “continua apelando para categorias psicanalíticas canônicas, a fim de explicar a psicopatologia do colonizado” (Sekyi-Otu, 1996, p. 6). Dessa forma, “a lição geral que Fanon traz de suas devocionais explorações lacanianas e de outras narrativas psicanalíticas é que a alienação neurótica que define a relação colonial é um segredo aberto, uma condição cuja gênese e natureza não são de forma alguma ‘invisíveis’” (Sekyi-Otu, 1996, p. 7). Portanto, Fanon “dá a linguagem psicanalítica nada mais, nada menos do que uma função analógica ou metafórica, distinta de uma fundamental ou etiológica, na contabilização da condição dos colonizados e seus sonhos: acima de tudo, seus sonhos, seus sonhos manifestos” (Sekyi-Otu, 1996, p. 8).

Para Roudinesco & Plon (1997/1998), Fanon adotou duas posições que o distanciam de Freud: a primeira, em relação à sua recusa em se submeter a uma análise pessoal; e a segunda, seria a constatação de que a psicanálise é incapaz de “levar em conta a negritude ou a identidade negra” (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 223). Ao adotar o culturalismo como fundamento para a luta anticolonial, “(...) Fanon utilizava os conhecimentos da psicanálise para rejeitar o freudismo em nome de uma política. Nisso, ele antecipava as posições da antipsiquiatria” (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 223). No entanto, os autores destacam a inclinação de Fanon para o estágio do espelho laciano, que “lhe permitia criticar a psiquiatria colonial, fundada em uma classificação ‘racista’, e distinguir a abordagem culturalista da subjetividade da psicologia dos povos e do diferencialismo” (Roudinesco & Plon, 1997/1998, p. 223).

Para Macey (1999, p. 97), Fanon não era um psicanalista e “esse fato pode ser lamentado por leitores pós-coloniais para quem uma certa psicanálise faz parte do ar que respiram e que exageram a importância da vertente psicanalítica em seu trabalho”. Assim, “Fanon refere-se a um corpo muito pequeno da literatura psicanalítica e a escassez de alusões diretas a Freud é impressionante” (Macey, 1999, p. 98). Para esse autor, não há evidência da leitura de Lacan ao longo da obra fanoniana. Ademais, apesar dele se organizar em Blida para o estudo dos casos clínicos de Freud, a psicanálise não aparece nos escritos psiquiátricos, com exceção do curso ministrado em Túnis entre 1959 e 1960.

Até sua graduação em medicina, seu conhecimento analítico era fragmentário. Nesse sentido, “referências à psicanálise de Freud e Lacan são surpreendentemente raras nos escritos de Fanon” (Macey, 1999, p. 97), se circunscrevendo em torno da sua tese médica e de *Pele negra*. Na tese, apesar da menção à psicanálise, seu autor “está tentando ir além da medicina em que ele foi treinado, estabelecendo tanto os limites da neurologia quanto o potencial da psicologia” (Macey, 1999, p. 99).

A necessidade de não perder de vista o real, segundo Macey (1999), levaria Fanon a se deparar com a ideia de uma fantasia real.

Segundo Fanon, Freud provou que as neuroses se originam em uma determinada *Erlebnis* [experiência]. (...). O problema é que (...) Freud está de fato se distanciando de Breuer e de sua própria teoria inicial, descrevendo como a teoria da sedução foi rejeitada em favor de uma teoria de fantasias e desejos édipicos⁴². A simetria invertida é perfeita: Freud passa de trauma real para fantasia, (...), enquanto Fanon invoca fantasias reais fundamentadas em uma *Erlebnis* e insiste que não devemos perder de vista o real (Macey, 1999, p. 103).

Por fim, a crítica em relação à psicanálise se evidencia explicitamente no que concerne à obra de Mannoni. Isso se demonstra em virtude do movimento desse psicanalista em “transforma[r] a realidade colonial em uma estrutura psicológica e armas reais em símbolos fálicos” (Macey, 1999, p. 103), o que desperta críticas contundentes de Fanon.

Gordon (2015) pensa que a relação de Fanon com a psicanálise em *Pele negra* é marcada pela dimensão da falha [*failure* em inglês e *raté* em francês, expressão usada por Fanon]. O autor relembra como a expressão na língua francesa

refere-se a um erro de tiro, perder o alvo, ou algo disparando, como em um antigo motor de combustão, o que explica a referência de Fanon às falhas do motor. A palavra também é usada, no entanto, para se referir a não medir, de não cumprir um padrão, como na expressão *rate de père*, um homem que não consegue atender às expectativas ou padrões de paternidade, um conceito rico em conteúdo psicanalítico (Gordon, 2015, p. 24).

Fanon colocaria em questão “se a abordagem do fracasso também é uma forma de fracasso, o que levanta ainda a questão de se tal abordagem psicanalítica é exemplificada ou transcendida por não medir ou não cumprir seu próprio padrão” (Gordon, 2015, pp. 24-25). Mas que falha seria essa, afinal?

⁴² O autor complementa: “a objetividade ou não do retrato de Fanon de uma sociedade martinicana sem estruturas édipicas, esquizofrenia ou homossexuais é, em termos de seu texto, menos importante do que sua convicção de que a psicanálise está tão profundamente enraizada na civilização europeia que não consegue entender a realidade colonial” (Macey, 1999, p. 104). Ver em Macey, D. (1999). *The Recall of the Real: Frantz Fanon and Psychoanalysis. Constellations. vol. 6, n° 1.* pp. 97-107.

O autor relembra da construção branca denominada *negro*. Aparentemente, se o negro é um homem, “ele supostamente poderia viver de outra forma como ser social que não é negro e não é de forma alguma designado racialmente” (Gordon, 2015, p. 24). No entanto, essa construção racial se apodera das diversas manifestações humanas: linguagem, sexo, trabalho, consciência e alma. Para esse comentador, *Pele negra* é o movimento de alguém que tenta se livrar dessa amarra ficcional, ou seja, agir apenas como um humano. Se há uma narrativa racial, “talvez o negro possa viver, assim, a construção branca” (Gordon, 2015, p. 24). No então, é a constatação dessa opção que acarreta a falha.

Na esteira de Paul Valéry⁴³, o negro é incitado a transformar a linguagem, pois assim transformaria o mundo. Aí vê-se a primeira falha: “em vez de ser um transformador de palavras, o negro é considerado um ‘predador’ de palavras, e mesmo onde o negro ‘dominou’ a língua, descobre nesses casos que ele ou ela se torna linguisticamente perigoso(a)” (Gordon, 2015, p. 26).

Já nos capítulos sobre o amor, Fanon examina a falha da linguagem articulada à esfera sexual. Para isso, Gordon (2015) acredita ser necessário recorrer, especialmente, à dimensão lacaniana do argumento de Fanon. O amor oferta reconhecimento e legitimação aos objetos amados. “O amante atribui uma entrega ao mundo, um julgamento que o amado *existe*⁴⁴” (Gordon, 2015, p. 34). Amar é, assim, celebrar as perfeições e imperfeições, culminando na singularidade do objeto amado. Contudo, o paradigma da brancura aliena as possibilidades amorosas. Busca-se no amor palavras brancas que afirmem os destinos do amor como mais desejáveis, como um desejo desejado. No modelo da brancura, os desejos do homem negro e da mulher negra colapsam. Eles marcam “as limitações da sua inclinação para o mundo da intimidade. Tendo branqueado esse mundo com palavras introduzidas de brancura, eles afastaram o projeto do amor” (Gordon, 2015, p. 44).

No debate com Mannoni, “uma dimensão da psicanálise torna-se insustentável num contexto colonial e racista: a relevância do simbolismo psicanalítico. Aqui, o simbólico não é a realidade psicanalítica, mas *colonial*⁴⁵” (Gordon, 2015, p. 45). A arma erguida pelos soldados representa o encontro real com a violência colonial, não falo ou uma fantasia sexual.

⁴³ Valéry, P. (1957). La pythie In Hytier, J. (Ed). *Œuvres I*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard.

⁴⁴ Destaque do autor.

⁴⁵ Destaque do autor.

Em suma, o autor sintetiza seu argumento da seguinte forma:

o trabalho [de Fanon] desafia a viabilidade de qualquer ciência única do estudo dos seres humanos e apresenta uma crítica radical baseada no exame da falha humana. Na psicanálise clássica, a neurose e a psicose emergem como atividade inibida enraizada na vida subconsciente e inconsciente. O fracasso aí emerge ao não alcançar — ou parecer incapaz de alcançar — os objetivos de alguém. (...). A psicanálise semiológica [de Lacan] passa ao nível de falha estrutural, mas lá ela se encontra no nível do significado. Em vez da falha, ‘falta’ ou ‘diferença’ são o foco. O que falta — ou o significado social de si mesmo como ‘falta’ ou ‘diferença’ — fornece pistas sobre o fracasso, que nesse caso é a falta de ter o que se quer (Gordon, 2015, pp. 70-71).

1.1.1.3 Aproximação e distanciamento da teoria psicanalítica

Gates Jr (1991, p. 458) acredita que ao traçar as sucessivas apropriações de Fanon, seria possível “mapear um itinerário através do contemporâneo discurso teórico sobre a colônia”. Nesse contexto, seria passível de debate se sua obra se corrói em contradições ou é dialética e multivalente. Para uma crítica ao mesmo tempo oposicionista e pós-moderna, Fanon seria um autor irresistível, na medida em que pode ser tanto um “psicanalista da cultura quanto um advogado dos condenados da terra” (Gates Jr, 1991, p. 458). Portanto, para esse autor, a obra de Fanon é aberta a interpretações e, dessa maneira, “as leituras que ela suscita são resultado de um infalível interesse *sintomático*”⁴⁶ (Gates Jr, 1991, p. 458).

A fascinação pelo trabalho de Fanon parece ter “algo a ver com a convergência da problemática do colonialismo com a formação de sujeitos” (Gates Jr, 1991, p. 458). Segundo Gates Jr (1991), isso se efetivaria através de uma aproximação dos mecanismos psíquicos descritos por Freud com a repressão colonial. Contudo, o autor afirma que “ainda não está claro se falamos de convergência ou mero paralelismo”⁴⁷ (Gates Jr, 1991, p. 467).

Truscott & Hook (2014) salientam a explícita ambivalência de Fanon em relação à psicanálise, ao mesmo tempo repetindo e criticando em suas origens os conceitos psicanalíticos. É dessa maneira que “o quadro que ele usa para criticar a situação colonial, a psicanálise, é ressonante com o próprio objeto de sua crítica” (Truscott & Hook, 2014, p. 130).

⁴⁶ Destaque do autor.

⁴⁷ Conforme Gates Jr (1991, p. 467), a tensão entre o fator individual e o social “persiste em toda a apropriação política da psicanálise”. No entanto, ele pondera se “queremos realmente eliminar a distância entre a repressão política e a neurose individual” (Gates Jr, 1991, p. 467). Para mais informações, ver em Gates Jr, J. L. (1991). *Critical Fanonism. Critical Inquiry*, 17, pp. 457-480.

A constatação do desejo do negro de ser branco⁴⁸ foi o que possibilitou Fanon diagnosticar seu fundamento neurótico. Dessa forma, “Fanon acompanha as implicações do desejo de ser branco nos domínios da linguagem, sexualidade, sonhos e comportamento, encontrando em cada instância a persistência desse desejo” (Truscott & Hook, 2014, p. 137). Nessa direção,

o ambiente colonial é tão caracterizado pelo racismo, por tipos epistêmicos, psicológicos e físicos de opressão que essas *formas materiais e culturais de trauma*⁴⁹ podem, ao contrário de circunstâncias mais individuais postuladas por Freud, agir como gatilhos da neurose (Truscott & Hook, 2014, pp. 139-140).

Para os autores, “ao implantar a psicanálise como forma de crítica pós-colonial, a coisa que se procura — repetições do passado colonial — reside, também, deslocada, na própria prática de procurá-la” (Truscott & Hook, 2014, p. 142). Assim, Fanon discerne “a política e as relações de poder da leitura da persistência do colonialismo psicanaliticamente” (Truscott & Hook, 2014, p. 142).

De modo geral, evidencia-se a relação ambígua que o autor mantém com os conceitos psicanalíticos, tomando-os como ponto de partida para a compreensão subjetiva, mas com um posicionamento crítico sobre eles, apontando para uma especificidade da prática analítica na colônia, sobretudo em relação à população negra. No que concerne a psicanálise, há aquelas e aqueles que ressaltam os elementos de distanciamento em relação a ela, sobretudo no que diz respeito à fenomenologia, e outras e outros que, em contrapartida, destacam pontos de aproximação, desenvolvendo as ideias psicanalíticas de Fanon.

⁴⁸ “A neurose da lactificação consiste no desejo de ser branco, que confronta a realidade de estar em uma pele negra. No entanto, esse desejo não emana de um conjunto de impulsos instintivos, mas de uma formação histórica particular que concede a humanidade apenas à brancura” (Truscott & Hook, 2014, p. 141).

⁴⁹ Destaque dos autores.

Frantz Fanon: um leitor da psicanálise⁵⁰

Pedro Donizete Ferreira⁵¹

Resumo: o presente texto trata da recepção e do uso da teoria psicanalítica na obra inicial de Frantz Fanon, a saber, sua tese para o exercício da medicina e do ensaio *Pele negra, máscaras brancas*. Minha hipótese é de que *Pele negra* é o desenvolvimento de dois conceitos presentes da tese de exercício: alienação e complexo. Nesse sentido, essas noções são empregadas a partir da concepção fanoniana de sociogênese, que vai orientar justamente as ideias de alienação e de complexo. Com essa recepção, portanto, Fanon busca fazer da clínica um operador da política e vice-versa.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Psicanálise; Sociogênese; Alienação; Complexo.

Abstract: this paper deals with the reception and application of psychoanalytic theory in Frantz Fanon's initial work, namely his medical thesis and the essay *Black Skin, White Masks*. My hypothesis is that *Black Skin* is the development of two concepts present in the thesis: alienation and complex. In this sense, these notions are employed from Fanon's conception of sociogenesis, which will guide precisely the ideas of alienation and complex. With this reception, therefore, Fanon seeks to make the clinic a policy operator and vice versa.

Key-words: Frantz Fanon; Psychoanalysis; Sociogenesis; Alienation; Complex.

1 Introdução

Frantz Omar Fanon (1925-1961) delineou seu percurso intelectual a partir da exigência de um estudo multidimensional do ser humano (Fanon, 1951/2020a). Nesse sentido, não é fruto do acaso que se evidencia uma disputa em torno das influências e do legado de sua obra (Faustino, 2020). Dentre as diversas correntes teóricas que o psiquiatra utiliza na construção de seu pensamento, a psicanálise se destaca por não ser um consenso entre as comentadoras e os comentadores do autor⁵². Bulhan (1985) afirma que Fanon se

⁵⁰ Este trabalho compõe um dos artigos da dissertação intitulada *A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico*, ainda no prelo. De antemão, agradeço à Deivison Mendes Faustino e Marcus Vinícius Neto Silva pelos preciosos comentários, à época do meu exame de qualificação.

⁵¹ Psicanalista. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrando em Estudos psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição. Integrante dos grupos de pesquisa *Psicanálise e política e Ocupação psicanalítica* (PSILACS).

⁵² Para mais informações sobre a relação de Fanon com a teoria psicanalítica, ver a seção *Fanon e a psicanálise* em Donizete Ferreira, P. (no prelo). *A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil.

considerava um psicanalista em 1952, época de publicação de *Pele negra, máscaras brancas*⁵³. No entanto, tendo em vista a linguagem política como elemento orientador de sua obra, a apropriação da psicanálise ocupa um lugar alusivo (Sekyi-Otu, 1996), sendo essa a justificativa para denominá-lo antifreudiano (Roudinesco & Plon, 1997/1998). Contudo, Hall (1996) ratifica que as questões psicanalíticas permeiam toda a sua obra e dela são extraídas importantes compreensões sobre o sujeito colonial e seu desejo (Bhabha, 1994).

Referências à psicanálise e ao vocabulário psicanalítico podem ser encontradas em momentos diversos da obra de Fanon. Ela aparece em *Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão*⁵⁴ (Fanon, 1951/2020a), *Pele negra* (Fanon, 1952/2020b), nos artigos *A “síndrome norte-africana”* (Fanon, 1952/2021), *Indicações da terapêutica de Bini no quadro das terapêuticas institucionais* (Tosquelles & Fanon, 1953/2020), *Condutas confessionais na África do Norte (2)* (Fanon, 1955/2020c), *Antilhanos e africanos* (Fanon, 1955/2021b), *Racismo e cultura* (Fanon, 1956/2021c), *O [Teste de Apercepção Temática] TAT em mulheres muçulmanas* (Fanon & Geromini, 1956/2020a), *O fenômeno da agitação no meio psiquiátrico* (Fanon & Asselah, 1957/2020), nas reflexões sobre a internação diurna (Fanon, 1959/2020d; Fanon & Geronimi, 1959/2020b), no curso de psicopatologia social do *Institut des Hauts Études de Túnis* (Fanon, 1984 [1959-1960]/2020e), *L’An V de la révolution algérienne* [O ano V da revolução argelina] (Fanon, 1959/2011) e em *Os condenados da terra* (Fanon, 1961/2005). Assim, averiguar o uso que Fanon faz da seara psicanalítica me parece uma “tendência promissora” (Faustino, 2020, p. 219). Com isso, visto a compreensão do lugar da apropriação psicanalítica em sua obra, sobretudo no que concerne aos seus primeiros trabalhos⁵⁵, os textos fanonianos de maior diálogo com a psicanálise. As obras iniciais referem-se, portanto, à *tese de exercício* e *Pele negra*.

A princípio, a ideia de Fanon era submeter o manuscrito de *Pele negra* como sua tese de conclusão do curso de medicina, que se chamaria *Essai sur la désaliénation du noir* [Ensaio sobre a desalienação do negro] (Khalifa, 2015/2020). Segundo o autor, “ao

⁵³ Doravante *Pele negra*.

⁵⁴ Doravante *tese de exercício* ou *tese*.

⁵⁵ Aqui excluímos suas peças teatrais datadas de 1949, mas publicadas apenas em 2015: *L’œil se noie e Les mains parallèles*. Essas obras foram recentemente traduzidas para o português: Fanon, F. (2020). *O olho se afoga/Mãos paralelas – Teatro filosófico* 1ªed. Tradução de César Sobrinho. Salvador: Editora Segundo Selo. (Obra original publicada em 2015). Para uma discussão sobre teatro fanoniano, ver Young, R. (2015). Introduction In Fanon, F. *Écrits sur l’aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalifa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.

iniciarmos essa obra [*Pele negra*], concluída ao final de nossos estudos médicos, pretendíamos defendê-la como tese [de exercício]. E, por fim, a dialética exigiu que assumíssemos posições ainda mais resolutas” (Fanon, 1952/2020b, p. 63). A submissão do manuscrito causou certo alvoroço na *Faculté Mixte de Médecine et de Pharmacie de Lyon* [Faculdade Mista de Medicina e Farmácia de Lyon], pois a problemática dos aspectos psíquicos do racismo não era nada comum (Razanajao & Postel, 1975/2007). Jean Dechaume, neuropsiquiatra de orientação organicista e mentor de Fanon, prontamente recusa seu trabalho. Um assistente de Dechaume sugere um escrito “mais acadêmico e menos tendencioso” (Razanajao & Postel, 1975/2007, p. 149), justamente sobre a doença de Friedreich com delírio de possessão, título da tese aprovada em 29 de novembro de 1951.

Nesse artigo, complementando os trabalhos de Bulhan (1985) e Greedharry (2008), busco entender em que medida o recurso às principais referências psicanalíticas utilizadas por Fanon na *tese de exercício* e em *Pele negra* auxilia na compreensão do uso que o autor faz da teoria psicanalítica. Apesar dele se referir a uma vasta gama de psicanalistas, sobretudo os nomes que marcaram presença na *Revue Française de psychanalyse* [Revista Francesa de psicanálise], como Charles Odier, Marie Bonaparte, Eugène Minkowski e Germaine Guex⁵⁶, retomo àqueles que através da alienação e dos complexos, constituem um dos principais núcleos argumentativos de Fanon em *Pele negra*. De antemão, não pretendo discutir se Fanon era ou não um psicanalista, pois categorizar seu trabalho como lacaniano, por exemplo, não é algo estranho à sua literatura especializada. A dificuldade se encontra justamente em reconhecer a originalidade de Fanon ao utilizá-la (Gibson, 2003). Assim, na esteira de Greedharry (2008) e Rabaka (2010), aqui me interessa como e com quais propósitos o autor se mune da psicanálise como ferramenta para a “reestruturação do mundo” (Fanon, 1952/2020b, p. 95).

Averiguarei a recepção que Fanon faz de Freud, Adler, Jung e Lacan⁵⁷. Os textos psicanalíticos aqui trabalhados serão os diretamente citados por Fanon na *tese* e em *Pele*

⁵⁶ Para mais informações sobre a contribuição desses autores para o desenvolvimento do movimento psicanalítico francês, ver Roudinesco, É. (1989). *História da psicanálise na França: A batalha dos Cem Anos (1885-1939)* vol. 1. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1986).

⁵⁷ Em virtude do destaque que a obra de Octave Mannoni tem em *Pele negra*, além das repercussões da discussão Fanon/Mannoni no meio psicanalítico, sobretudo em Roudinesco & Plon (1997/1998) e Cherki (2000), trabalharei especificamente com a obra *Psychologie de la colonisation* em outro artigo que compõe a dissertação *A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico*, ainda no prelo.

negra ou os que se encontravam em sua biblioteca⁵⁸. Conjecturo que o intelectual franco-argelino faz mais do que uma “problematização a respeito das potencialidades e limites da psicanálise” (Faustino, 2020, p. 37) em relação aos negros antilhanos (e por extensão, aos colonizados). Isso se evidencia pela “necessidade de ir além da dimensão psicoafetiva para compreender os indivíduos e os seus conflitos existenciais em seu contexto histórico e social concreto” (Faustino, 2020, p. 37). Portanto, a alienação e o complexo serão agora radicalmente submetidos a partir do que o autor denomina por “sociogênese” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Começarei com a *tese de exercício* que, apesar de cronologicamente ser posterior ao manuscrito que se desdobrou em *Pele negra* (Faustino, 2018), foi apresentada formalmente primeiro que o ensaio de 1952.

2 A tese de exercício: uma primeira aproximação com a psicanálise

Fanon (1951/2020a) investiga as relações entre os sintomas dos âmbitos neurológico e psiquiátrico, mais especificamente “o problema dos distúrbios mentais na heredodegeneração espinocerebelar” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). Conforme a medicina da época, enviesada por soluções causais e mecanicistas, uma alteração cerebral *x* culminaria numa afecção psiquiátrica *y*. Assim, “a vertente psíquica dos distúrbios neurológicos deveria (...) ser descrita de forma unívoca” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). No entanto, o autor percebe que nos casos de heredodegeneração espinocerebelar as alterações psíquicas não seguem um padrão. Assim, a partir de um caso de doença de Friedreich, ele pretende evidenciar que entre a neurologia e a psiquiatria há um “polimorfismo absoluto” (Fanon, 1951/2020a, p. 299). Conforme o autor,

numa época em que neurologistas e psiquiatras se esforçam para delimitar uma ciência pura, isto é, uma neurologia pura e uma psiquiatria pura, seria válido introduzir no debate um grupo de doenças neurológicas que são acompanhadas de distúrbios psíquicos e levantar a questão legítima a respeito da essência desses distúrbios (Fanon, 1951/2020a, p. 299).

É realizada uma revisão bibliográfica dos distúrbios mentais nesse problema neurológico. Esse apanhado contém 32 estudos entre 1879 e 1949, em francês, alemão, italiano e inglês. Nessa retomada da literatura, o psiquiatra não pretende “descobrir em cada caso um distúrbio psiquiátrico cristalinamente arquitetado. (...). Mas mostrar que toda afecção neurológica incide de algum modo sobre a personalidade” (Fanon,

⁵⁸ Para a consulta de todas as obras da biblioteca de Fanon ver Khalfa, J. (2015). La bibliothèque de Frantz Fanon In Fanon, F. (2015). *Écrits sur l'aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.

1951/2020a, p. 309). Uma conclusão dessa revisão bibliográfica aponta para um “desinteresse sistemático do neurologista pelo sintoma psiquiátrico” (Fanon, 1951/2020a, p. 309). O principal distúrbio presente na literatura foi a debilidade mental, no entanto, sua explicação não é neurológica, mas *social*, uma vez que “a paralisia decorrente da evolução clínica impede a frequência escolar, acarretando, naturalmente, a impossibilidade de desenvolvimento intelectual” (Fanon, 1951/2020a, p. 310).

Dessa forma, Fanon (1951/2020a) se encontra insatisfeito com algumas abordagens médicas em relação ao distúrbio psíquico, pois elas estão intimamente atreladas à anatomia cerebral. Para ele, “seria necessário pensar em funções e desintegrações. Nossa ótica médica é espacial e deveria se temporalizar cada vez mais”⁵⁹ (Fanon, 1951/2020a, p. 311). Nessa perspectiva, uma nova orientação se manifesta a partir de Gelb, Goldstein, Monakow e Morge. Ela “consiste simplesmente em admitir o método genético em matéria de psiquiatria. O corte anatômico é eclipsado pelo plano funcional. O ser humano perde seu caráter mecanicista. Ele já não é movido passivamente, mas se descobre agente” (Fanon, 1951/2020a, p. 315).

Afastando-se da perspectiva mecanicista, o ser humano deve ser considerado não como um fato, mas sim um mosaico composto por vários deles (Fanon, 1951/2020a). Fanon reconhece nessa concepção multifatorial do humano uma descoberta da psicanálise, que desvelou “essa vertente da personalidade, chamada (...) de inconsciente” (Fanon, 1951/2020a, p. 315). A partir do inconsciente,

as três perspectivas⁶⁰ das quais Adler, Jung e Freud examinaram o drama da pessoa enferma, longe de serem limitadoras, indicam uma alternância de motivações primárias. Pois na base de todas as três se encontra esse espasmo da afetividade que é o *complexo*⁶¹ (Fanon, 1951/2020a, p. 315).

O uso do termo *complexo* ao longo da obra freudiana é algo confuso (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Em *Estudos sobre a histeria* ele aparece como um agrupamento de ideais, representações ou associações psíquicas de afetos e memórias (Freud & Breuer, 1896/2016). O complexo se apresenta “como um termo conveniente, e muitas vezes

⁵⁹ A questão temporal será devidamente desenvolvida em *Pele negra*, como vemos no seguinte trecho: “a arquitetura do presente trabalho se situa na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro” (Fanon, 1952/2020b, p. 27). Ver em Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).

⁶⁰ Adler e Jung participaram ativamente no desenvolvimento do movimento psicanalítico. Contudo, por embates teóricos com Freud, se afastaram do círculo de psicanalistas de Viena e consolidaram escolas de pensamento próprias, a Psicologia Individual e a Psicologia Analítica, respectivamente. No entanto, os autores nunca renegaram a influência freudiana em suas obras, sendo seu principal ponto de partida.

⁶¹ Destaque do autor.

indispensável, na síntese descritiva de fatos psicológicos” (Freud, 1914/2012a, p. 275). Porém, “nenhum dos outros nomes e expressões que a psicanálise necessitou cunhar alcançou tamanha popularidade e teve aplicação tão abusiva, em detrimento de formações conceituais mais precisas” (Freud, 1914/2012a, pp. 275-276). Por essa via, vê-se em Freud uma certa resistência à ideia de complexo (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Ele teme uma tipificação que destituiria o caráter singular dos fenômenos, afastando-se assim dos complexos imprescindíveis tanto na constituição subjetiva (Laplanche & Pontalis, 1967/2001) quanto na psicopatologia (Freud, 1919/2017a; Freud, 1924/2017b): os complexos de Édipo e de castração.

Jung reservou um lugar importante ao complexo em seu pensamento (Perrone, 2008). Retomando o método inaugurado por Francis Galton, a experiência das associações de palavras forneceu um viés empírico para eles (Ellenberger, 1994). O modelo do teste de associações é composto por um aplicador e pelo sujeito que o realiza. O aplicador escolhe entre 50 e 100 palavras aleatórias, sem correlação entre elas mesmas, as denominadas palavras indutoras. A partir disso, o aplicador enuncia uma palavra por vez, cujo sujeito, por seu turno, deve dizer a primeira coisa que lhe ocorre ao escutá-la. É utilizado um cronômetro para medir o tempo de reação de cada palavra induzida (Jung, 1933/1962). Assim, o psiquiatra suíço percebeu que certas palavras induziam um tempo de resposta hesitante. Ao investigar a história desses sujeitos, era possível averiguar com maior precisão as perturbações na cadeia das palavras aleatórias. Essas perturbações nas respostas, portanto, eram fruto do forte investimento afetivo do entrevistado em relação a palavra induzida. Os complexos, o conglomerado afetivo que interfere no curso das palavras, portanto, apresentam uma certa autonomia em relação ao Eu, irrompendo à sua revelia (Jung, 1933/1962).

Apesar desses testes terem sido realizados no começo do século XX, foi apenas na década de 1930 que Jung postulou uma teoria dos complexos (Jung, 1934/2013). Segundo ele, a partir dessa noção a ilusão de investigar afetos isolados não poderia mais sustentar-se. Isso se evidencia sobretudo nos experimentos verbais, uma vez que os complexos afetivos fazem com que a conversação perca seu “caráter objetivo e sua finalidade própria, (...) [pois] frustram as intenções do interlocutor e podem mesmo colocar em seus lábios outras respostas que ele mais tarde não será capaz de lembrar” (Jung, 1934/2013, p. 42). Isso ocorre na medida em que “o complexo é um fator psíquico que, em termos de energia, possui um valor que às vezes supera o de nossas intenções conscientes” (Jung, 1934/2013, p. 43). Os complexos são fenômenos normais, mas na

neurose “ele se instala na superfície da consciência, não sendo mais possível evitá-lo, e progressivamente assimila a consciência do eu” (Jung, 1934/2013, p. 47). O estatuto do complexo é tamanho em sua obra que ele os considera

as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles. (...). A via régia que nos leva ao inconsciente, não são os sonhos, como ele [Freud] pensava⁶², mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas (Jung, 1934/2013, p. 49).

Em Adler, vê-se uma ênfase num complexo específico: o de inferioridade (Adler, 1927/1957). A partir de seu trabalho com o público infanto-juvenil, ele notou que “as crianças que vieram ao mundo com inferioridade orgânica (...) em vez de se interessarem pela sua adaptação ao mundo e às demais crianças, vivem continuamente preocupadas consigo mesmas e com a impressão que podem causar nos outros” (Adler, 1927/1957, p. 77). Essas crianças se sentem inaptas para as brincadeiras, o que as coloca numa situação de privação. Mas, ele também notou que nem só as crianças com algum problema manifesto se sentiam diminuídas em relação ao ambiente de convívio. De maneira geral, elas sentem medo de serem alvo de zombarias, tanto por seus pares quanto pelos adultos. Além disso, quando se menospreza aquilo que a criança diz, principalmente por iniciativa dos adultos, ela “fica com a impressão de que não merece que a vejam, a ouçam, ou deve ser muito delicada, quietinha e outras coisas assim” (Adler, 1927/1957, p. 79). Dessa forma, “todo o começo da vida é marcado por um maior ou menor senso de inferioridade” (Adler, 1927/1957, p. 78).

A partir do sentimento de inferioridade, a criança buscará metas para tentar compensá-lo. Assim como pode acontecer uma compensação orgânica, a alma, “sob forte compressão do sentimento de inferioridade (...) tenta com todas as suas forças sobrepujar este ‘complexo de inferioridade’” (Adler, 1927/1957, p. 83). Essa luta pela compensação pode alcançar patamares patológicos, na forma de uma supercompensação, como atos megalomaniacos e até mesmo violentos (Adler, 1927/1957).

Retomando o texto fanoniano, ainda sobre o complexo, o autor indica que “numa obra que em que vínhamos trabalhando há algum tempo⁶³ (...) mostraremos então que a

⁶² Referência ao trecho da célebre passagem de *A interpretação dos sonhos*: “a interpretação dos sonhos é a via régia [estrada real] para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica” (Freud, 1900/2019, p. 662). Para a citação completa, ver: Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos* vol. 4. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).

⁶³ Provável referência ao capítulo seis de *Pele negra*, conforme nota de rodapé 107 de Jean Khalifa. Ver em Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).

história consiste na valorização sistemática dos complexos coletivos” (Fanon, 1951/2020a, p. 361). Logo após a menção aos complexos em Adler, Jung e Freud, ele oferece uma definição de psicanálise:

a pessoa deixa de ser um fenômeno a partir do momento em que encontra a face do outro. É o outro que me revela a mim mesmo. E a psicanálise, propondo-se reintegrar o indivíduo alienado ao seio do grupo, apresenta-se como a ciência do coletivo por excelência. O que implica dizer que a pessoa sã é uma pessoa social. O que implica dizer ainda que a medida da pessoa sã, psiquicamente, será sua mais ou menos perfeita integração ao *socius*⁶⁴ (Fanon, 1951/2020a, pp. 315-316).

O conceito de *alienação* não é algo originário do vocabulário psicanalítico. Ele foi utilizado antes na psiquiatria por Pinel no século XVIII em detrimento da loucura; no direito como uma propriedade que é cedida, doada; e na filosofia, notadamente na política contratualista de Rousseau, na dialética hegeliana e no materialismo histórico-dialético de Marx (Poli, 2005). Em Freud, o termo *Entfremdung* tem dois sentidos principais: “afastamento/separação e ‘sensação de irrealidade e estranheza” (Hanns, 1996, p. 59). Mais especificamente, a alienação “evoca o processo de afastamento de materiais, instâncias ou conteúdo psíquicos, que posteriormente não são mais reconhecidos e causam estranheza ao sujeito” (Hanns, 1996, p. 53).

Jacques Lacan se apropria da alienação hegeliana para seu empreendimento da releitura da obra de Freud⁶⁵ (Poli, 2005). Para ele, o Eu não se forma a partir do nascimento da criança, evento este que origina “uma insuficiente adaptação à ruptura das condições do ambiente e de nutrição que constituem o equilíbrio parasitário da vida intrauterina” (Lacan, 1938/2008, p. 23). O processo de individuação se inicia, portanto, entre os 6 e os 24 meses de vida. Na gênese desse fenômeno, notamos a fundamental participação do ciúme, que “não representa uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (Lacan, 1938/2008, p. 28). Dito de outra forma, essa fase da vida é marcada pelo reconhecimento de um outro enquanto objeto. Essa identificação, “específica das

⁶⁴ Destaque do autor.

⁶⁵ É sabido que Lacan era um entusiasta do seminário sobre a *Fenomenologia do espírito* de Hegel, empreendido por Alexandre Kojève entre janeiro de 1933 e maio de 1939, em Paris. O uso que ele faz do filósofo alemão é significativamente mediado pela leitura que Kojève desenvolve na década de 1930. Sobre a relação dos três autores ver Arantes, P. E. (1995). Hegel no espelho do Dr. Lacan. *Psicologia USP*, v. 6, n° 2. pp. 11-38 e Torres, R. (2004). Lacan e Hegel. *Psicologia USP*, v. 15, n°1/2. pp. 309-320. Em tempo, Hall (1966, p. 26) acredita que “Fanon segue Lacan substituindo o conceito psicanalítico de ‘identificação’ pelo conceito hegeliano de ‘reconhecimento’. Esse procedimento marca uma linhagem comum na recepção francesa de Hegel, pela leitura pós-heideggeriana altamente influente de Kojève da *Fenomenologia do espírito*”. Ver em Hall, S. (1996). The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks? In Read, Alan (Org). *The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations*. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts.

condutas sociais (...) se funda num sentimento do outro, que só pode ser mal conhecido sem uma concepção correta de seu valor inteiramente *imaginário*⁶⁶” (Lacan, 1938/2008, p. 29). Nesse período, “a imago [imagem] do outro está ligada à estrutura do corpo próprio, e mais especialmente de suas funções de relação, por uma certa similitude objetiva” (Lacan, 1938/2008, p. 30).

Conforme o psicanalista francês, a identificação, apesar ter sido definida pela psicanálise, é mal-empregada. Assim, ele supre essa deficiência com “uma teoria da identificação, cujo momento genético⁶⁷ designamos com o termo de estágio do espelho” (Lacan, 1938/2008, pp. 32-33). Em suas palavras,

o reconhecimento pelo sujeito de sua imagem no espelho é duplamente significativo: [ele] revela de maneira demonstrativa as tendências que constituem, então, a realidade do sujeito; a imagem especular (...) fornece um bom símbolo dessa realidade: de seu valor afetivo, ilusório como a imagem, e de sua estrutura, como ela reflete a forma humana (Lacan, 1938/2008, p. 33).

Esse reconhecimento se dá de maneira precária e, dessa forma,

o primeiro efeito que aparece da *imago*⁶⁸ [imagem] no ser humano é um efeito de *alienação*⁶⁹ do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio. Fenômeno que há de parecer menos surpreendente ao nos lembrarmos das condições fundamentais sociais do *Umwelt* [ambiente] humano – e ao evocarmos a intuição que domina toda a especulação de Hegel (Lacan, 1946/1998, p. 182).

Fanon aparenta empregar *aliené* no sentido de estranheza, alheamento, adotado por Freud⁷⁰, como nos apresenta Hans (1996). No entanto, ele supõe um núcleo social muito coeso, dotado de certa funcionalidade. De fato, na teoria freudiana vemos alguns elementos de organização social como o totem, o tabu e o enamoramento (Freud, 1913/2012b; Freud, 1921/2020a). Contudo, essa organização tende justamente a fracassar, se enfraquecer ou mesmo se destruir, seja pelos desejos subversivos da sexualidade, que acarretam no mal-estar entre a satisfação pulsional e a cultura (Freud, 1915/2020b; Freud, 1930/2020c), seja pelas manifestações da pulsão de morte como agressividade ou destruição⁷¹ (Freud, 1924/2017c).

⁶⁶ Destaque do autor.

⁶⁷ Genético aqui é utilizado no sentido de gênese, origem.

⁶⁸ Destaque do autor.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Vale lembrar aqui que Fanon, assim como Lacan, foi influenciado pela ideia da alienação em Hegel e especialmente dos comentários de Kojève sobre o tema. Agradeço à Deivison Faustino Mendes por essa nota.

⁷¹ Apesar da introdução da pulsão de morte em *Além do princípio de prazer*, é apenas no desenrolar dos anos 1920, “quando está buscando alguma manifestação clara das pulsões de morte, (...) que Freud retoma

Na referida passagem, Fanon parece mais próximo ainda da noção de *Gemeinschaftsgefühl* de Adler, termo que poderia ser vertido por sentimento de sociabilidade ou de comunidade (Leal & Antunes, 2015). Para o autor, “não podemos compreender a atividade psíquica sem ao mesmo tempo compreender estas relações sociais [da natureza e das instituições]” (Adler, 1927/1957, p. 37). O ser humano apresenta uma tendência que o impele a vida social, pois ele não conseguiria se proteger sozinho no ambiente. Numa perspectiva evolucionista, assim, o humano demonstraria sentimentos de inferioridade e de insegurança, devido à essa fraqueza natural. Isso o motivaria a “um estímulo permanente para a descoberta de melhores meios e mais apurada técnica de adaptação à natureza” (Adler, 1927/1957, p. 40). É nesse sentido que “graças à divisão do trabalho e à vida em comum que subordinam cada indivíduo ao grupo, a espécie humana pode sobreviver” (Adler, 1927/1957, p. 39).

Tendo em vista esse déficit orgânico, é necessário que o psiquismo desenvolva ferramentas de adaptação, que visam ampliar as possibilidades de segurança (Adler, 1927/1957). Assim,

como a vida social desempenhou papel essencial neste processo de adaptação, o órgão psíquico, desde o começo, deve levar em conta as condições da vida em comum. Todas as suas faculdades se desenvolvem numa base idêntica: a lógica da vida social (Adler, 1927/1957, p. 40).

Essas condições da vida em comum são o que propiciam os surgimentos dos afetos e das representações, como amor, a lealdade e a fraqueza (Adler, 1927/1957). Nessa direção, para o médico austríaco, “os critérios com que podemos julgar um indivíduo são determinados pelo valor do indivíduo para o gênero humano em geral” (Adler, 1927/1957, p. 42). Para ele, “um homem (...) que se desincumbe de todas as tarefas e vence todas as dificuldades que se lhe deparam de um modo útil à sociedade [é] um homem que desenvolveu em alto grau [o] sentimento de comunidade (Adler, 1927/1957, pp. 42-43). Acredito que é sobretudo sobre essa acepção adleriana que Fanon se referia à saúde do indivíduo em relação à sua maior integração ao meio. Na *tese*, para o psiquiatra franco-argelino, “em última instância, um louco é uma pessoa que não encontra mais seu lugar entre as pessoas” (Fanon, 1951/2020a, p. 322).

a esse problema [da agressividade e da destruição] (Silva, 2014, p. 114). Para mais informações sobre essa discussão ver Silva, M. V. N. (2014). *A construção da pulsão de morte freudiana: um estudo histórico da formulação do conceito a partir de suas fontes*. Montes Claros: Unimontes e a seção *Fontes psicanalíticas: pequeno atlas de referências freudianas* em Freud, S. (2020). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Edição crítica bilíngue. Tradução de Maria Rita Salzano Mores. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).

Vejam agora o caso clínico analisado por Fanon (1951/202a). Se trata de uma mulher, de 32 anos que apresentava “agitação, atitudes extáticas, elocuições sobre temas místicos ou eróticos” (Fanon, 1951/2020a, p. 343). Histórico pregresso de alterações psiquiátricas e neurológicas na família. A partir de 1950 se interessou por temas místicos e se submeteu a um exorcismo, mas não se sabe se tal ritual chegou a se efetivar. Na infância ela teve contato com uma anciã argelina que supostamente praticava feitiçaria.

Os distúrbios neurológicos se iniciaram aos 12 anos, enquanto os psiquiátricos nos anos 1950. Na época da internação no hospital de Lyon, ela apresentava alterações neurológicas que afetavam a motricidade, a fala, e a sensibilidade, principalmente. Quanto ao psiquismo, ela se dizia possuída pelo diabo, sendo em virtude disso que ela havia tido relações sexuais com uma menina aos 8 anos e com seu irmão aos 12. Além disso, relatava que a equipe do hospital sabia de seu passado e poderia intervir em seus pensamentos. Como as entrevistas aumentavam a produção delirante, elas foram interrompidas. No entanto, ela confessa ter mentido para os médicos sobre o demônio e inventado coisas. O diagnóstico feito por Fanon é de doença de Friedreich plena, com um comportamento delirante de cunho histérico. Assim, esse caso clínico de Fanon incorpora a sua hipótese de que não é possível prever de forma causal as alterações psíquicas nas afecções neurológicas. Além desse caso, ele relata outros quatro apresentados por neurologistas de renome, como Julio-Oscar Trelles, Paul Guiraud e Julian de Ajuriaguerra e Madeleine Derombies.

Aqui começam seus questionamentos mais doutrinários: “quais são os limites da neurologia e da psiquiatria? O que é um neurologista? O que é um psiquiatra? Nesse caso, o que se converte a neuropsiquiatria?” (Fanon, 1951/2020a, p. 348). Dessa forma, ele apresenta as posições de Henri Ey, Jacques Lacan e Kurt Goldstein, para “facilitar um posicionamento teórico em relação ao objeto na neuropsiquiatria” (Fanon, 1951/2020a, p. 348).

Na seção sobre Lacan, duas de suas posições parecem importantes na construção da *tese* de Fanon, ecoando em *Pele negra* e também em sua obra dita psiquiátrica. A primeira é em relação à questão social da gênese da personalidade⁷². Lacan (1932/2011) evidencia a tensão das relações sociais no adocimento psíquico, tendo como paradigma o caso Aimée. Ela realiza uma tentativa de assassinato de uma atriz que era justamente

⁷² Em sua *tese*, Fanon usa entre aspas a expressão *constantes sociais da personalidade*, mas sem referi-las explicitamente a Lacan.

alguém que a paciente de Lacan gostaria de ter se tornado, porém, contrariava seus posicionamentos morais (Lacan, 1932/2011). Nas palavras de Fanon,

falávamos a pouco da ênfase considerável que Lacan dava ao ponto de vista social. Ele o exprime, com efeito, nas três funções que reconhece na personalidade, sob os atributos da compreensibilidade do desenvolvimento, do idealismo da concepção de si mesmo, enfim, como a própria função da tensão social da personalidade, onde os dois primeiros atributos do fenômeno se engendram de fato (Fanon, 1951/2020a, p. 371).

A segunda, como nos informa Richards (2021)⁷³, diz respeito às significações da loucura. O psicanalista compreendia que “a loucura é vivida no registro do sentido” (Lacan, 1946/1998, p. 166). Dessa forma, “o fenômeno da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem” (Lacan, 1946/1998, p. 166). Fanon se aproxima dessa posição ao afirmar que “devemos reconhecer que todo fenômeno delirante é, em última instância, um fenômeno manifesto, isto é, dito” (Fanon, 1951/2020a, p. 374). A causalidade da loucura estaria em sua relação com a liberdade, na medida em que “o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade” (Lacan, 1946/1998, p. 177). Para o psicanalista, a loucura, “longe de ser para a liberdade um ‘insulto’, ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra”⁷⁴ (Lacan, 1946/1998, p. 177).

Fanon (1951/2020a) conclui que em relação à medicina psicossomática, doutrina de seu orientador, a psicanálise apresenta uma visão pessimista do homem. No entanto, ele reconhece que “os delírios sistematizados, as manifestações histéricas e os

⁷³ Neste artigo, o autor demonstra uma interessante correlação entre o pensamento de Lacan e o de Fanon. Ele ressalta como ambos partem de certo um revisionismo da teoria psicanalítica. Além disso, destaca-se como Fanon bebeu das teorias lacanianas da psicose e da linguagem.

⁷⁴ Em Vergès (1996), lê-se que Fanon tinha um apreço por essa proposição de Lacan. No entanto, concordo com Khalfa (2015) que, posteriormente, Fanon se distancia dessa posição lacaniana: “a doença mental, numa fenomenologia que deixaria de lado as grandes alterações da consciência, apresenta-se como uma verdadeira patologia da liberdade. A doença situa o doente num mundo em que sua liberdade, sua vontade e seus desejos são constantemente violados por obsessões, inibições, contraordens e angústias” (Fanon, 2020d/1959, p. 87). Dessa forma, assim como o colonialismo, “a loucura para Fanon é a privação da liberdade” (Young, 2019, p. 211). O papel da psiquiatria seria, portanto, propiciar a travessia da alienação à liberdade (Young, 2019). Para detalhes sobre essa discussão, ver: Fanon, F. (2020). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (1) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).; Vergès, F. (1996). *Chains of Madness, Chains of Colonialism: Fanon and Freedom In Read, Alan (Org). The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations*. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts.; Khalfa, J. (2015). Fanon, psychiatre révolutionnaire In Fanon, F. *Écrits sur l’aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.; Young, R. (2019). Fanon and the Pathology of Freedom In Davis, O. (Ed). *Freedom and the Subject of Theory: Essays in Honour of Cristina Howells*. Oxford: Legenda – Modern Humanities Research Association.

comportamentos neuróticos devem ser considerados condutas reacionais de um ego⁷⁵ em ruptura de relações intersociais” (Fanon, 1951/2020a, p. 380). Por fim, expondo as relações entre neurologia e psiquiatria, ele colocou “em questão a hipótese do mecanismo ou do dinamismo na neurologia” (Fanon, 1951/2020a, p. 379).

Vimos como o autor lida com os conceitos de alienação e complexo na *tese*. Veremos agora como ele as desenvolve em *Pele negra*.

3 Pele negra, máscara brancas: uma recepção particular da psicanálise

Algo notável da passagem da *tese de exercício* para *Pele negra* é a diferença do estilo e da linguagem adotadas por Fanon. Na *tese* o autor pede desculpas pela aproximação entre as doutrinas de Monakow e Bergson, além de se lamentar por não se estender às considerações de Lacan (1946/1998) sobre a linguagem, para não se distanciar demasiadamente do propósito de seu trabalho (Fanon 1951/2020a). Porém, no texto de 1952 a situação é completamente diferente, e o autor inicia o livro justamente sobre um capítulo envolvendo a linguagem. Ele goza aqui de notória liberdade estilística e teórica. Esse ensaio é marcado por frases impactantes que apesar de o exporem “ao ressentimento de meus irmãos de cor” (Fanon, 1952/2020b, p. 22), são sustentadas de maneira eloquente e até poética.

Retomando sua proposta de investigação multidisciplinar do homem (Fanon, 1951/2020a), aqui o autor trata da realidade da sociedade colonial, especialmente no que concerne às Antilhas. Assim, ela “ao menos desta vez, exige uma compreensão total. Uma solução deve ser apresentada tanto no nível objetivo quanto no subjetivo” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). No entanto, ele reconhece o caráter hercúleo de seu trabalho: “uma tarefa colossal o inventário do real. Acumulamos fatos, comentamos sobre eles, mas a cada linha escrita, a cada frase enunciada, temos a impressão de incompletude” (Fanon, 1952/2020b, pp. 184-185). Portanto, o psiquiatra não se precipita com verdades categóricas, pois sabe que “uma só resposta e o problema negro seria despojado de sua gravidade (Fanon, 1952/2020b, p. 22).

Rumo à problemática desse trabalho, em *Pele negra* o autor fornece elementos tanto de distanciamento quanto de aproximação da psicanálise. Ele não esconde sua frustração ao discutir com professores ou mesmo ao conversar com sujeitos europeus adoecidos e constatar “a inadequação entre os esquemas correspondentes e a realidade

⁷⁵ Ver nota de rodapé número 16.

que o negro nos apresenta” (Fanon, 1952/2020b, p. 166). Dessa forma, ele desconfiava da aplicação desses esquemas, pois, “nem Freud⁷⁶, nem Adler, nem mesmo o cósmico Jung contemplaram os negros no decorrer de suas pesquisas” (Fanon, 1952/2020b, p. 166). Ele ainda se indaga “em que medida as conclusões de Freud ou Adler podem ser empregadas numa tentativa de explicar a visão de mundo do homem de cor” (Fanon, 1952/2020b, p. 157). Em contrapartida, paradoxalmente, caso o debate da situação colonial “não for capaz de se abrir para o plano filosófico, isto é, o requisito fundante da realidade humana, consinto em levá-lo ao da psicanálise” (Fanon, 1952/2020b, p. 37). Não obstante, “um estudo rigoroso deveria proceder da seguinte forma: interpretação psicanalítica da experiência vivida do negro; uma interpretação psicanalítica do mito negro” (Fanon, 1951/2020b, p. 166). Para o autor,

em reação à tendência constitucionalizante da final do século XIX, Freud, por meio da psicanálise, exigiu que se levasse em conta o fator individual. Ele substituiu uma tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia⁷⁷ (Fanon, 1952/2020b, p. 25).

A ontogênese é a repetição da filogênese “na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. A disposição filogenética se faz notar por trás

⁷⁶ Em *O inconsciente*, Freud (1915/2010) usa uma metáfora racial ao descrever a interação entre os sistema pré-consciente (*Pcs*) e inconsciente (*Ics*). Os derivados pulsionais inconscientes podem apresentar características opostas, onde “por um lado, são altamente organizados, isentos de contradição, utilizaram todas as aquisições do sistema [consciente] *Cs* e mal se distinguiriam, em nosso julgamento, das formações desse sistema” (Freud, 1915/2010, p. 96-97). Todavia, “(...) são inconscientes e incapazes de tornar-se conscientes” (Freud, 1915/2020, p. 97). Ele conclui que, em termos qualitativos, esses derivados pulsionais pertencem à *Pcs*, mas factualmente estão em *Ics*. Freud (1915/2010) destaca, aqui, a questão da procedência típica desses derivados pulsionais. É nesse momento que a metáfora racial aparece: “devemos compará-los [os derivados pulsionais] aos mestiços da raça humana, que no geral semelham aos brancos, mas denunciam a origem de cor em algum traço notável e por isso são excluídos da sociedade, não *desfrutando dos privilégios dos brancos*” (Freud, 1915/2010, p. 97, destaque meu). Vemos, assim, que apesar de não contemplar os negros em suas pesquisas, Freud não ignorava as desigualdades raciais. Para mais detalhes, ver Freud, S. (2010). *O inconsciente*. In Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. vol. 12. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915). Em tempo, Smiley Blanton, psiquiatra e psicanalista estadunidense, em seu diário de análise com Freud entre 1929 e 1930, período cujas leis Jim Crow vigoravam em seu país, nos relata: “Em um momento durante a sessão [de 9 de setembro de 1929], Freud me perguntou se os judeus não eram situados na mesma categoria que os negros. Disse-lhe que não havia me deparado com essa comparação. Freud, então, disse: ‘Eu, com frequência’” (Blanton, 1971/1974, p. 30). Para mais detalhes, ver Blanton, S. (1974). *Diário de mi análise con Freud*. Tradução de Martha Eguía. Buenos Aires: Ediciones Corregidor. (Obra original publicada em 1971).

⁷⁷ Em *Análise fragmentária de uma histeria*, lê-se: “a natureza das coisas que formam o material da psicanálise faz com que, em nossas histórias clínicas tenhamos de dar a mesma atenção às condições puramente humanas e sociais dos pacientes que aos dados somáticos e sintomas patológicos” (Freud, 1905[1901]/2016, pp. 187-188). Ver em Freud, S. (2016). *Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”)*. In Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”)* e outros textos (1901-1905) vol. 6. 1ªed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).

do evento ontogenético. No fundo, porém, a disposição é justamente o precipitado de uma vivência mais antiga da espécie” (Freud, 1905/2016, p. 15). Portanto, para Freud, no decorrer da neurose, os fatores acidentais ultrapassam os disposicionais. Em outras palavras, “o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético” (Freud, 1905/2016, p. 15).

A sociogênese fanoniana aparenta retomar uma discussão de Freud ao final da seção *O tabu e a ambivalência dos sentimentos* em *Totem e tabu* sobre neurose e cultura. Para o psicanalista vienense, tendo em vista o nexos entre tabu e neurose obsessiva é viável “imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais, e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural” (Freud, 1913/2012, p. 119). Contudo, devido à primazia pulsional, as neuroses são associativas, pois “procuram obter, por meios privados, o que na sociedade surgiu mediante o trabalho coletivo” (Freud, 1913/2012, p. 120). Dessa forma, “a natureza associativa da neurose resulta de sua tendência original de escapar de uma realidade insatisfatória” (Freud, 1913/2012, p. 120).

Sobre a questão da neurose cultural, em *O mal-estar na cultura*, o psicanalista suscita novamente a discussão: “se o desenvolvimento da cultura tem uma semelhança tão ampla com o desenvolvimento do indivíduo e trabalha com os mesmos meios, não seria justificado que muitas culturas (...) teriam se tornadas ‘neuróticas’ sob a influência dos anseios culturais?” (Freud, 1930/2020c, p. 403). No entanto, o autor não sabe dizer se “uma tentativa como esta de transferir a Psicanálise à comunidade de cultura seria insensata ou condenada à esterilidade” (Freud, 1930/2020c, p. 403). Ele finaliza a problemática sinalizando que esse movimento requer cautela, mas que “estamos no direito de esperar que um dia alguém assuma o desafio de uma Patologia de tais comunidades culturais” (Freud, 1930/2020c, pp. 403-404).

Acredito que Fanon assume esse desafio ao encarar o racismo como um problema cultural⁷⁸ (Fanon, 1952/2020b). Penso que para ele é justamente pelo fato de a neurose apresentar uma natureza social que ela também é o resultado de uma tendência a escapar da realidade insatisfatória. Apesar do autor reconhecer que a “estrutura neurótica de um indivíduo será justamente a elaboração, a formação, a eclosão no ego⁷⁹ de nós conflituais

⁷⁸ Isso ficará mais evidente sobretudo no texto *Racismo e cultura*. Para mais detalhes, ver Fanon, F. (2021) *Racismo e cultura* In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

⁷⁹ Ver nota de rodapé número 16.

oriundos, por um lado, do meio e, por outro, da forma puramente pessoal como esse indivíduo reage a essas tendências⁸⁰” (Fanon, 1952/2020b, p. 95), ele destaca justamente o impacto do meio ao afirmar que “qualquer neurose, qualquer comportamento anormal, qualquer eretismo afetivo em um antilhano são decorrentes da situação cultural” (Fanon, 1952/2020b, p. 167). A neurose em Fanon não constitui a realidade humana, ela é na verdade um desdobramento da sociedade colonial. Em suas palavras, “a sociedade antilhana é uma sociedade nervosa⁸¹ (...). Portanto, passamos do indivíduo à estrutura social. Se há um vício, ele não reside na ‘alma’ do indivíduo, e sim em seu meio” (Fanon, 1952/2020b, pp. 223-224). Pelo exposto, a partir da hipótese sociogenética, a neurose em Fanon não se evidencia apenas no indivíduo, mas também no âmbito social⁸².

Sobre a constituição da realidade humana, há um afastamento de Fanon em relação a Lacan (1946/1998) no que concerne ao papel do Édipo nessa construção. Para o psicanalista francês, “o complexo de Édipo revela-se [capaz] (...) de constituir normalmente o sentimento de realidade” (Lacan, 1946/1998, p. 183). Já Fanon,

queira-se ou não, o complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros⁸³. Poderiam objetar, com Malinowski, que o regime matriarcal é o único responsável por essa ausência. Mas, além de nos perguntarmos se os etnólogos, imbuídos dos complexos de sua civilização, afinal não se esforçaram para encontrar a cópia destes nos povos por eles estudados⁸⁴, seria

⁸⁰ Sobre o fator individual da neurose, ver os capítulos 3 e 4 de *Pele negra*. Apesar de analisar as reações neuróticas da escritora Mayotte Capécia e dos personagens Nini e Jean Veneuse, Fanon conclui que “assim como havia uma tentativa de mistificação ao querer inferir do comportamento de Nini e de Mayotte Capécia uma lei geral do comportamento da negra em face do branco, afirmamos que haveria uma violação da objetividade na extensão da atitude de Veneuse ao homem de cor enquanto tal” (Fanon, 1952/2020b, p. 95). Em virtude da desistência de Fanon em afirmar um paradigma na relação do negro com a branca, não trabalharemos aqui com o termo *le complexe d’abandon* [o complexo de abandono], desenvolvido por Germaine Guex em *La névrose d’abandon* (1949).

⁸¹ O tradutor da referida edição verteu *nerveuse* por *nervosa*, mas em outra edição nacional o termo *neurótica* se faz presente. Preferimos este último por conservar um vocabulário já consolidado no meio psicanalítico (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). Nesse sentido, ver a p. 177 de Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA. (Obra original publicado em 1952). Para a consulta no original, ver p. 235 de Fanon, F. (2011). *Peau noire, masques blancs* In Fanon, F. *Œuvres*. Paris: La Découverte.

⁸² Para um desenvolvimento dessa ideia, ver Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira In Gonzalez, L. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* 1ª ed. Rios, F. & Lima, M. (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983).

⁸³ Nesse sentido, ver a formulação feita sobre o “pai gaulês” em Gordon, L. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press. Para um outro ponto de vista, ver Bird-Pollan, S. (2015). *Hegel, Freud and Fanon: The Dialectic of Emancipation*. Creolizing the Canon. Nova Iorque: Rowman & Littlefield.

⁸⁴ Ao analisar as relações entre a filha púbere e seu pai na dinâmica familiar argelina antes da revolução de 1954, Fanon (1959/2011) nos relata como ela se organizava de maneira tácita: a adolescente evitava aparecer diante do pai, bem como não o olhar, e ele, por sua vez, não se encontrava com ela, ignorando o fato de sua filha estar se desenvolvendo. Assim, uma “análise profunda mostra que o pai vê a mulher na filha. Inversamente, a filha vê o homem no pai. A interdição é tamanha que as proibições são, nesse ponto, inscritas no centro da personalidade, onde a presença simultânea é insuportável. Essas condutas não existem sem evocar, como vemos, os ritos utilizados em certos grupos para evitar a angústia que acompanha as

relativamente fácil para nós demonstrar que, nas Antilhas francesas, 97% das famílias são incapazes de gerar uma neurose edipiana⁸⁵ (Fanon, 1952/2020b, p. 167).

Aceitando a estatística fanoniana como recurso retórico, ele indica rejeitar o Édipo tanto em sua dimensão cultural quanto constitutiva⁸⁶ (Estevão, 2017). No entanto, nos capítulos de *Pele negra* sobre o relacionamento inter-racial de negras e negros, Fanon (1952/2020b) destaca o amor da romancista Mayotte Capécia pela pele branca da avó, que dá asas para a sua própria fantasia brancura; e o ódio do personagem Jean Veneuse pelo abandono de sua família, fazendo com que ele seja um estranho familiar no reencontro com seus conterrâneos. Dessa forma, as primeiras experiências do complexo familiar são marcantes na capacidade de “compreender e amar”⁸⁷ (Fanon, 1952/2020b, p. 21) desses personagens. Em outras palavras, Fanon nos indica elementos para articular uma teoria não edipiana do amor⁸⁸, mas que não descarte a importância da experiência das primeiras relações afetivas⁸⁹. O domínio sobre “a avidez e a

pulsões incestuosas inconscientes” (Fanon, 1959/2011, p. 340). Para mais informações, ver Fanon, F. (2011). *L’An V de la révolution algérienne* In Fanon, F. *Œuvres*. Paris: La Découverte. (Obra original publicada em 1959).

⁸⁵ No texto lacanian *Os complexos familiares*, lê-se: “a autoridade familiar, nas culturas matriarcais, não é representada pelo pai, e sim, comumente, pelo tio materno. Um etnólogo que norteou seu conhecimento pela psicanálise, Malinowski, soube penetrar nas incidências psíquicas desse fato: se o tio materno exerce o apadrinhamento social de guardião dos tabus familiares e de iniciador nos ritos tribais, o pai, liberado de qualquer função repressora, desempenha um papel de patronagem mais familiar, de mestre nas técnicas e tutor da audácia nas iniciativas. Essa separação de funções acarreta um equilíbrio diferente do psiquismo, que o autor atesta pela ausência de neurose nos grupos que observou nas ilhas do noroeste da Melanésia. Esse equilíbrio demonstra de maneira oportuna que o complexo de Édipo é relativo a uma estrutura social” (Lacan, 1938/2003, pp. 32-63). Para mais detalhes Ver, Lacan, J. (2003). *Os complexos familiares* In Lacan, J. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1938).

⁸⁶ Aqui, ele parece divergir da posição de Lacan em *Formulações sobre a causalidade psíquica*: “(...) estou convencido de que, nas culturas que o excluíam [o Édipo], sua função devia ser exercida por experiências iniciáticas, como aliás a etnologia nos permite ver ainda hoje, e seu valor de fechamento de um ciclo psíquico decorre de ele representar a situação familiar, na medida em que, por sua instituição, esta marca no cultural o recorte do biológico e do social” (Lacan, 1946/1998, p. 185). Para mais detalhes, ver Lacan, J. (1998). *Formulações sobre a causalidade psíquica* In Lacan, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1946).

⁸⁷ Retomando uma comunicação feita por Achille Mbembe, Fanon é recorrentemente visto como um teórico da violência, mas não seria ele também um teórico do amor? Comunicação disponível em: <https://wiser.wits.ac.za/event/public-positions-fanon-after-fanon-i-session-3-achille-mbembe-7-april-6pm-sa-time>.

⁸⁸ Apesar disso, tendo em vista as últimas notas de rodapé, vê-se que o Édipo em Fanon aparece de maneira ambivalente.

⁸⁹ Por essa via, em *A “síndrome norte-africana”*, Fanon (1952/2021) destaca a importância do afeto familiar na dinâmica subjetiva infantil. Crianças cuidadas pelos pais apresentavam menos morbidez que crianças alheias ao núcleo familiar, mesmo estas sendo melhor alimentadas e com mais recursos de cuidados: “de que serve uma boa situação se ela não nos conduz a um meio familiar ou parental, quando não permite que o ‘ambiente’ floresça?” (Fanon, 1952/2021, p. 52). Ver em Fanon, F. (2021). *A “síndrome norte-africana”* In Fanon, F. *Por uma revolução africana: escritos políticos* 1ª ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1952).

ambivalência” (Lacan, 1946/1998, p. 183) desses primeiros afetos, portanto, não se circunscreve à função edípica da psicanálise clássica⁹⁰.

Embora *Pele negra* seja um estudo psicológico e, de fato, Fanon se dedica à alienação colonial, notadamente do negro, ele “não deixa de contemplar alguns elementos que engradavam efeitos relacionados a outras ciências” (Fanon, 1952/2020b, p. 63). É dessa forma que ao pensar a alienação do estágio do espelho (Lacan, 1938/2008) como mecanismo de constituição subjetiva colonial, vemos que

o verdadeiro Outrem do branco é e continua sendo o negro. E vice-versa. Só que, para o branco, o Outrem é percebido no plano da imagem corporal, exatamente como o não eu, quer dizer, o não identificável, o não assimilável. Para o negro, mostramos que as realidades históricas e econômicas eram levadas em conta (Fanon, 1952/2020b, pp. 174-175).

Mas, afinal, o que exatamente aliena os antilhanos e a sociedade colonial? Para o psiquiatra franco-argelino, “o mito negro⁹¹, a ideia do negro, é capaz de determinar uma autêntica alienação” (Fanon, 1952/2020b, p. 213). O mito orienta as relações em sociedade, contudo, o mito negro é aquele em que esses sujeitos são vistos como máquinas sexuais insaciáveis, naturalmente selvagens, inferiores. É a partir desse mito alienante que “o negro é um homem negro; isto é, em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). A desalienação, portanto, parte de uma recusa da situação colonial, “na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar” (Fanon, 1952/2020b, p. 26). Portanto, a “verdadeira desalienação (...) requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 25).

Essas aberrações afetivas são responsáveis pelos complexos psicoexistenciais da situação colonial⁹², onde “apenas uma interpretação psicanalítica da questão negra” poderia revelá-los (Fanon, 1952/2020b, p. 24). Inspirando-se no teste de associação de palavras de Jung (1933/1962), ele entrevistou cerca de 500 europeus, cujo complexo em torno do significante *negro* era composto de “biológico, sexo, forte, atlético, potente, (...)”,

⁹⁰ Para um posicionamento que articule o Édipo à situação racial e colonial, ver Segato, R. L. (2006). *O Édipo brasileiro: a dupla negação gênero e raça*. Brasília: Série Antropológica UnB.

⁹¹ Para um desdobramento do mito negro, ver Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983).

⁹² Os complexos de dependência e inferioridade são devidamente tratados em outro artigo da minha dissertação, *Sonhar na colônia: onipolítica em Mannoni e Fanon*. Para mais informações, ver Mannoni, O. (1990). *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).

selvagem, animal, diabo, pecado” (Fanon, 1952/2020b, p. 179). Além do psiquiatra suíço, no que diz respeito aos complexos, como salienta Richards (2021), Fanon se aproxima de Lacan quando este afirma que “o complexo seja dominado por fatores culturais” (Lacan, 1938/2008, p. 16). Conforme o psicanalista francês,

o que define o complexo é que ele reproduz uma certa realidade do meio ambiente, e duplamente: sua forma representa essa realidade no que ela tem de objetivamente distinta numa certa etapa do desenvolvimento psíquico; sua atividade repete na vivência a realidade assim fixada, cada vez que se reproduzem certas experiências que exigiriam uma objetivação superior dessa realidade (Lacan, 1938/2008, p. 16).

Já o complexo de inferioridade para Fanon é o resultado de “um duplo processo: econômico, em primeiro lugar; e, em seguida, por interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Os antilhanos, para Fanon, são indivíduos de comparação, o que significa que eles “não possuem valor próprio, são sempre tributários do aparecimento do Outro” (Fanon, 1952/2020b, p. 221). Dessa forma, “o negro tenta protestar contra a inferioridade que historicamente sente. Como o negro sempre foi um inferior, ele tenta reagir a isso por meio de um complexo de superioridade” (Fanon, 1952/2020b, p. 224). A diferença entre a posição de Fanon e a de Adler se dá, assim, na medida em que “a comparação adleriana comporta dois termos; ela é polarizada pelo ego⁹³. A comparação antilhana é encabeçada por um terceiro termo: nela, a ficção dirigente não é pessoal, mas social” (Fanon, 1952/2020b, p. 226).

Apesar da ênfase dada à dimensão inconsciente do complexo na doutrina psicanalítica, para ele,

como o drama racial tem um lugar a céu aberto, o negro não tem tempo de ‘inconscientizar’⁹⁴. O branco, por outro lado, em certa medida consegue fazê-lo; (...). O complexo de superioridade dos negros [reação de compensação], seu complexo de inferioridade [em relação ao branco] (...) são *conscientes*⁹⁵. A todo o momento, eles os transpõem. Eles vivem o seu drama (Fanon, 1952/2020b, pp. 165-166).

Fanon (1952/2020b) diz que *Pele negra* é um estudo clínico. Assim sendo, qual é o papel do analista na sociedade colonizada? Para ele, “como psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais buscar uma lactificação⁹⁶ alucinatória, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (Fanon,

⁹³ Ver nota de rodapé número 16.

⁹⁴ Para uma visão contrária à essa afirmação, ver Bhabha, H. (1994). Interrogating identity: Frantz Fanon and the postcolonial prerogative In Bhabha, H. *The location of culture*. Londres: Routledge.

⁹⁵ Destaque do autor.

⁹⁶ Embranquecimento.

1952/2020b, p. 114). Em outras palavras, “meu objetivo [como analista] será, uma vez elucidados os motivos [do desejo de embranquecer], colocá-lo [o cliente] em condições de *escolher*⁹⁷ a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual – isto é, diante das estruturas sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 114). Essa direção clínica parece indagar uma questão para a psicanálise: o que faz um analista quando o sofrimento apresentado diz respeito não só à um indivíduo e sua dinâmica familiar, mas a toda uma coletividade⁹⁸? Nota-se que Fanon aponta não só para uma retificação subjetiva do paciente, no domínio estrito da clínica, mas para um efetivo rearranjo da situação social, uma transformação concreta da realidade, que se furte ao dualismo entre embranquecer-se ou desaparecer, que mire uma outra forma de *existência* (Fanon, 1952/2020b). A sociogenia não só fornece elementos de constituição subjetiva, mas se mostra também como uma direção de tratamento, uma orientação para a superação da alienação e dos complexos coloniais.

Aqui, concordo com Gordon (2015) que o desejo de transformação da sociedade já aparece nesse texto de 1952. A reestruturação do mundo visa demolir, portanto, a seguinte situação: por parte dos brancos, seu sentimento de superioridade; e por parte dos negros, o desejo de “demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seu pensamento, o poderio equiparável de sua mente” (Fanon, 1952/2020b, p. 24), ou seja, “libertar o homem de cor⁹⁹ de si mesmo” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). Dessa forma,

⁹⁷ Destaque do autor.

⁹⁸ Essa questão assume sua radicalidade quando, em sua carta de demissão do posto de médico-chefe do Hospital Blida-Joinville, em meio à “desumanização sistematizada” da Argélia (Fanon, 1956/2021, p. 93), e tendo em vista que “a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir que o homem não seja mais um estrangeiro em seu ambiente” (Fanon, 1956/2021, p. 93), o autor constata que “o árabe, alienado permanente em seu país, vive num estado de despersonalização permanente” (Fanon, 1956/2021, p. 93). Sendo assim, “a estrutura social da Argélia se opunha a qualquer tentativa de recolocar o indivíduo em seu lugar” (Fanon, 1956/2021, p. 93). Para mais detalhes, ver Fanon, F. (2021). Carta ao ministro residente In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

⁹⁹ É cabível de nota que em Fanon não há um *ser negro*, pois, o autor de fato se esforça em evidenciar todo o problema ontológico presente na junção dessas duas pequenas palavras, como vemos nas seguintes passagens: “mas qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada (...). Existe na *Weltanschauung* [cosmovisão] de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que impugna qualquer explicação ontológica” (Fanon, 1952/2020b, p. 125); “não poderíamos esquecer que existem negros de nacionalidade belga, francesa, inglesa; existem republicas negras. Como almejar a captura de uma essência quando esses fatos nos interpelam? A verdade é que a raça negra se dispersou, não possui unidade (...). Existe ambiguidade na situação universal do negro, que se resolve, porém, na sua existência concreta” (Fanon, 1952/2020b, p. 185). Ver maiores informações em Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952). Sobre a problemática da ontologia na colônia, ver Bird-Pollan, S. (2015). *Hegel, Freud and Fanon: The Dialectic of Emancipation*. Creolizing the Canon. Nova Iorque: Rowman & Littlefield.

ressaltamos que a desalienação não diz respeito apenas aos sujeitos negros, uma vez que “na verdade o que é necessário é libertar o homem” (Fanon, 1952/2020b, p. 23).

Fanon, portanto, toma a alienação e o complexo não apenas em suas dimensões intrapsíquicas como vimos em Freud, Adler, Jung e Lacan, mas também nas extrapsíquicas, de maneira material. O autor, além da perspectiva ontogenética, submete esses conceitos à própria sociogenia.

4 A psicanálise depois de Fanon

Frantz Fanon é sem sombras de dúvidas um dos autores do século XX fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo. Assim como Freud, ele foi um intelectual que a partir da clínica, pensou a cultura. No entanto, se Freud e a seara psicanalítica conseguiram teorizar tão profundamente sobre o mal-estar da cultura, revelando a forma como o desejo se relaciona com ela, o que ainda nos impede de agir politicamente a partir do inconsciente, no sentido não só de uma outra relação com o desejo de embranquecer, mas sobre o próprio mal-estar na cultura¹⁰⁰?

Este artigo buscou elucidar a recepção que Fanon faz da psicanálise em seus dois textos técnicos iniciais. Longe de ser um *Lacan noir* [Lacan negro] (Gates Jr, 1991), esse autor utiliza a psicanálise sobretudo como uma ferramenta analítica para a compreensão dos fenômenos do racismo e do colonialismo, derivando-a de sua origem para seus próprios interesses. Dessa forma, a psicanálise em Fanon possui um lugar privilegiado, o da elucidação dos desejos coloniais, uma primeira etapa de um projeto político mais amplo, de transformação do mundo. É nesse sentido que Fanon “encara a política como uma forma da clínica e a clínica como uma forma da política” (Mbembe, 2013/2018, p. 283).

O recurso às principais referências psicanalíticas utilizadas por ele se mostrou importante para podermos traçar seu percurso intelectual. Assim, Freud, Adler, Jung e Lacan destacam-se tanto para a construção de *Pele negra* como para os ecos desse trabalho no pensamento de Fanon. Se a psicanálise não deve ser indiferente às mudanças do nosso tempo e empregada como um maquinário de guerra¹⁰¹, não é à toa que Fanon resgata a problemática dos complexos ao tratar da violência colonial, onde ela é justamente um dos mecanismos possíveis para a destruição do complexo de inferioridade

¹⁰⁰ Agradeço à Marcus Vinícius Neto Silva por ter me dado o subsídio necessário à formulação dessa pergunta.

¹⁰¹ Comunicação feita por Gilson Iannini. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=06mCca7AOIY>.

(Fanon, 1961/2005)¹⁰². O que une a clínica e a política em Fanon é o “projeto de elevação coletiva em humanidade” (Mbembe, 2013/2018, p. 218), que se constrói a partir da violência. Ela possui uma dimensão clínica, pois “livra o colonizado do seu complexo de inferioridade (...). Ela o torna intrépido, reabilita-o aos seus próprios olhos” (Fanon, 1961/2005, p. 112). A violência do colonizado é, portanto, uma “recusa violenta de uma violência imposta”¹⁰³ (Mbembe, 2013/2018, p. 288), que produz *vida*¹⁰⁴. Já em relação à alienação, em um trabalho supostamente psiquiátrico, veremos como sua dimensão social se associa à questão da loucura na sociedade magrebina (Fanon & Sanchez, 1956/2020). Ao se debruçar sobre o problema da loucura nessa região, o autor visa compreender suas formas de apresentação, sobretudo através da linguagem. Só assim é possível traçar estratégias terapêuticas efetivas.

A justiça social não é algo alheio ao movimento psicanalítico (Danto, 2005). No V Congresso Internacional de Psicanálise, na cidade de Budapeste, Freud (1919/2017d) nos alertava que a neurose era tão ameaçadora quanto a tuberculose e, nesse sentido, mereceria um programa de atenção massificada do Estado. Assim, diversos analistas se organizaram com o intuito de construir clínicas públicas em várias cidades europeias, como Londres, Paris e Berlim, além de Viena, difundindo o tratamento especialmente para aquelas e aqueles que tradicionalmente não poderiam arcar com uma análise¹⁰⁵ (Danto, 2005).

¹⁰² Em *Independência nacional, a única solução possível*, lê-se: “a forma extrema que o colonialismo francês tomou na Argélia – colonialismo de povoamento do tipo sulista – determinou reações não menos extremistas. Estas não se resumem a acessos de violência coletiva e movimentos incontrolláveis de revolta e desespero. Traduzem-se por um lento amadurecimento da consciência política, que elas ampliam ao lhes conferir uma dimensão revolucionária. Interiorizando-se e desenvolvendo-se em profundidade, determinam no povo o surgimento de uma lucidez cada vez maior que, ao lhe dar uma ideia exata de suas possibilidades de sobrevivência e de seus interesses essenciais, oferece-lhe a possibilidade de questionamento implacável do sistema colonial, não por uma ou outra forma específica que ele assuma, mas por sua essência e seus fundamentos objetivos” (Fanon, 1957/2021, pp. 43-44). Para mais detalhes, ver Fanon, F. (2021). *Independência nacional, a única solução possível* In Fanon, F. *Escritos políticos*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1957).

¹⁰³ É digno de nota que, conforme Cherki (2000, p. 12, destaques meus), Fanon “não foi um *apologista*, mas um *pensador* da violência”. Assim, “Fanon não é simplesmente um glorificador da violência. Embora tenha reconhecido a importância psicológica e simbólica contexto do desequilíbrio exponencial da violência colonial, indicou que ela também era problemática. (...) apenas uma leitura muito distorcida de seu trabalho poderia concluir que ele acreditava que a libertação emergiu unicamente de atos de violência” (Gibson, 2003, p. 11). Ver mais detalhes em Cherki, A. (2000). *Frantz Fanon, portrait*. Paris: Éditions du Seuil; Gibson, N. C. (2003). *Fanon: The postcolonial imagination*. Cambridge: Polity Press.

¹⁰⁴ Para uma discussão sobre a violência e o humanismo na criação de uma nova humanidade, ver Butler, J. (2021). *Violência, não violência: Sartre sobre Fanon* In Butler, J. *Os sentidos do sujeito*. Coordenação de tradução de Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 2006).

¹⁰⁵ Aqui, é interessante notar que algumas críticas clássicas à doutrina psicanalítica, como por exemplo, de ser uma prática clínica voltada para a classe média-alta ou ser deslocada dos serviços coletivos, não se sustentam. Nessa direção ver Gay, P. (1989). Sigmund Freud: um alemão e seus sabores In Souza, P. C.

Portanto, há algo de saudável ou normal numa

conduta que reúna determinados traços de ambas as reações [neurose e psicose]: que recuse tão pouco a realidade como a neurose, mas que se esforce, como na psicose, para modificá-la. Essa conduta adequada e normal leva, naturalmente, a um esforço de trabalho no mundo externo (...) (Freud, 1924/2017f, p. 282).

Nessa direção, acredito que em Fanon (1952/2020b) vemos um quarto tempo da análise, o de *transformar*¹⁰⁶, além da tríade freudiana do recordar, do repetir e do perlaborar (Freud, 1914/2017e). Esse tempo de transformar, assim, toca diretamente no papel do analista e nos objetivos de uma análise. Tendo em vista que a superação da situação colonial requer uma ação individual e coletiva (Fanon, 1952/2020b), *o que definiria uma clínica psicanalítica antirracista? A partir do que é fornecido em Pele negra*, pensamos que, para o exercício dessa clínica, uma dupla direção deve ser levada em sua radicalidade: *a clínica como operador político e o político como operador da clínica*.

(Org). *Sigmund Freud & O gabinete do Dr. Lacan*. Tradução de Paulo César Souza e Isa Mara Lando. São Paulo: Editora Brasiliense. (Obra original publicada em 1976).

¹⁰⁶ Um destino político para a psicanálise não é uma idiosincrasia fanoniana. Para nomear um exemplo, Otto Gross, um psicanalista anarquista, marginalizado na comunidade analítica (Checchia, 2021) foi quem primeiro realizou esse movimento. Para ele, “a psicologia do inconsciente [psicanálise] é a filosofia da revolução [comunista], isto é, ela é convocada a se tornar o fermento de revolta dentro da psique, a libertação da individualidade ligada ao próprio inconsciente. Ela é convocada a habilitar internamente para a liberdade convocada como trabalho preliminar da revolução” (Gross, 1913/1921b, p. 84). Dessa forma, o método analítico poderia superar a autoridade repressora do Estado e da família, que constituem uma espécie de masoquismo social. O masoquismo, conforme a atual organização social, é a precondição para o cuidado, para o recebimento do amor (Gross, 1910/2021a; Gross, 1920/2021d). A clínica analítica seria, portanto, uma preparação anímica para uma revolução comunista, a superação desse masoquismo social, “um estado no qual ninguém pode manter nenhum tipo de supremacia — política, social, econômica, de natureza autoritária — sobre qualquer pessoa” (Gross, 1919/2021c). Ver Gross, O. (2021a). Violência parental In Gross, O. Checchia, M.; Souza Jr., P.; Lima, R (Orgs). *Por uma psicanálise revolucionária* 2ªed. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Annablume. (Obra original publicada em 1910).; Gross, O. (2021b). Pela superação da crise cultural In Gross, O. Checchia, M.; Souza Jr., P.; Lima, R (Orgs). *Por uma psicanálise revolucionária* 2ªed. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Annablume. (Obra original publicada em 1913).; Gross, O. (2021c). Orientação aos intelectuais In Gross, O. Checchia, M.; Souza Jr., P.; Lima, R (Orgs). *Por uma psicanálise revolucionária* 2ªed. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Annablume. (Obra original publicada em 1919).; Gross, O. (2021d). Três ensaios sobre o conflito interno In Gross, O. Checchia, M.; Souza Jr., P.; Lima, R (Orgs). *Por uma psicanálise revolucionária* 2ªed. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Annablume. (Obra original publicada em 1920).; Checchia, M. (2021). Otto Gross, um psicanalista anarquista (biografia resumida) In Gross, O. Checchia, M.; Souza Jr., P.; Lima, R (Orgs). *Por uma psicanálise revolucionária* 2ªed. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Annablume.

5 Referências bibliográficas

- Adler, A. (1957). *A ciência da natureza humana* 4ªed. Biblioteca do Espírito Moderno Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. (Obra original publicada em 1927).
- Bhabha, H. (1994). Interrogating identity: Frantz Fanon and the postcolonial prerogative In Bhabha, H. *The location of culture*. Londres: Routledge.
- Bulhan, H. A. (1985). *Frantz Fanon and the psychology of oppression*. Nova Iorque: Plenum Publishing Corporation.
- Danto, E. (2005). *Freud's Free Clinics: psychoanalysis and social justice (1918/1938)*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Estevão, I. R. (2017). *A teoria freudiana do complexo de Édipo* 1ªed. Coleção Margens: psicanálise, cultura e política. São Paulo: Escuta.
- Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra*. Coleção Cultura. Tradução de Enilce Albergara Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: EDUFJF. (Obra original publicada em 1961).
- _____. (2011). L'An V de la révolution algérienne In Fanon, F. *Œuvres*. Paris: La Découverte. (Obra original publicada em 1959).
- _____. (2020a). Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na heredodegeneração espinocerebelar In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1951).
- _____. (2020b). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).
- _____. (2020c). Condutas confessionais na África do Norte (2) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1955)
- _____. (2020d). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (1) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).
- _____. (2020e). Encontro entre a sociedade e a psiquiatria In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1984).

- _____. (2021a). A “síndrome norte-africana” In Fanon, F. *Por uma revolução africana: escritos políticos* 1ª ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1952).
- _____. (2021b). Antilhanos e africanos In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955).
- _____. (2021c). Racismo e cultura In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).
- Fanon, F. & Asselah, S. (2020). O fenômeno da agitação no meio psiquiátrico: considerações gerais, significação psiquiátrica In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1957).
- Fanon, F. & Geromini, C. (2020a). O TAT em mulheres muçulmanas: sociologia da percepção e da imaginação In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1956).
- _____. (2020b). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (2) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).
- Fanon, F. & Sanchez, F. (2020). Atitude do muçulmano magrebino diante da loucura In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).
- Faustino, D. M. (2018). *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.
- _____. (2020). *A disputa em torno de Frantz Fanon: A Teoria e a Política dos Fanonismos Contemporâneos*. São Paulo: Intermeios.
- Freud, S. (2012a). Contribuição à história do pensamento psicanalítico In Freud, S. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* vol. 11. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914).
- _____. (2012b). Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos In Freud, S. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* vol. 11. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).
- _____. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade In Freud, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de um caso de histeria* (“O caso

Dora”) e outros textos (1901-1905) vol. 6. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).

_____. (2017a). “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1919).

_____. (2017b). O declínio do complexo de Édipo In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1924).

_____. (2017c). O problema econômico do masoquismo In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1924).

_____. (2017d). Caminhos da terapia analítica In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1919).

_____. (2017e). Recordar, repetir, perlaborar In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ªed. Tradução de Claudia Dornbusch. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1914).

_____. (2017f). A perda da realidade na neurose e na psicose In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1924).

_____. (2020a). Psicologia das massas e análise do Eu In Freud, S. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1921).

_____. (2020b). Considerações atuais sobre a guerra e a morte In Freud, S. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1921).

_____. (2020c). O mal-estar na cultura In Freud, S. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1921).

Freud, S. & Breuer, J. (2016). *Estudos sobre a histeria (1893-1985)* vol. 2. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1895).

Gates Jr, H. L. (1991). Critical Fanonism. *Critical Inquiry*, 17. pp. 457-480.

- Gibson, N. C. (2003). *Fanon: The postcolonial imagination*. Cambridge: Polity Press.
- Gordon, L. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press.
- Greedharry, M. (2008). The Fanonian Psychoanalytic In Greedharry, M. *Postcolonial Theory and Psychoanalysis: From uneasy engagements to effective critique*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan.
- Hall, S. (1996). The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks? In Read, Alan (Org). *The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations*. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Série Analytica. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Jung, C. G. (1962). *L'Homme à la découverte de son âme: structure e fonctionnement de l'inconscient* 6ª ed. Cahen, R. (Org). Paris: Petite Bibliothèque Payot. (Obra original publicada em 1933).
- _____. (2013). Considerações gerais sobre a teoria dos complexos In Jung, C. G. *A natureza da psique* vol. 8/2. 10ª ed. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 1934).
- Khalfa, J. (2020). Fanon, psiquiatra revolucionário In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 2015).
- Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica In Lacan, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1946).
- _____. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Tradução de Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar. (Obra original publicada em 1938).
- _____. (2011). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia* 2ªed. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1932).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). Neutralidade In Laplanche, J. & Pontalis, J. B. *Vocabulário de psicanálise* 4ªed. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1967).
- Leal, D. & Antunes, M. (2015). Compensação e deficiência no pensamento de Alfred Adler (1870-1937). *Memorandum*, 29. pp. 13-33.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* 3ªed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. (Obra original publicada em 2013).

- Perrone, M. (2008). *Complexo: conceito fundante da construção da psicologia de Carl Gustav Jung*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Poli, M. C. (2005). “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. *Psychê*, vol.9, n°16. pp. 133-152.
- Rabaka, R. (2010). Antiracist Fanonism In Rabaka, R. (Org). *Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Razanajao, C. & Postel, J. (2007). La vie et l’œuvre psychiatrique de Frantz Fanon. *Sud/Nord*, n. 22. pp. 147-174. (Obra original publicada em 1975).
- Richards, S. (2021). The Logician of Madness: Fanon’s Lacan. *Paragraph*, n° 44, vol. 2. pp. 214-237.
- Roudinesco, É. & Plon, M. (1998). Frantz Fanon In Roudinesco, É & Plon, M. (Orgs). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1997).
- Sekyi-Otu, A. (1996). *Fanon’s dialectic of experience*. Cambridge: Harvard University Press.
- Tosquelles, F. & Fanon, F. (2020). Indicações da terapêutica de Bini no quadro das terapêuticas institucionais In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1953).

Sonhar na colônia: oniropolítica em Mannoni e Fanon¹⁰⁷

Pedro Donizete Ferreira¹⁰⁸

Resumo: o presente texto apresenta o contexto de escrita e o impacto que a obra *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização], de Octave Mannoni, teve na elaboração de *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon. Ademais, demonstro os principais argumentos de Mannoni em *Psychologie*. Em seguida, apresento a recepção que Frantz Fanon faz dessa obra em *Pele negra*.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Octave Mannoni; Sonhos; Complexo.

Abstract: this text presents the context of writing and the impact that the work *Psychologie de la colonization* [Prospero and Caliban: psychology of colonization], by Octave Mannoni, had on the elaboration of *Black Skin, White Masks*, by Frantz Fanon. In addition, I demonstrate the main Mannoni's arguments in *Psychologie*. Next, I present the reception that Frantz Fanon makes of this work in *Black Skin*.

Key-words: Frantz Fanon; Octave Mannoni; Dreams; Complex.

1 Introdução

Jacques Dominique Octave Mannoni (1899-1989) foi um psicanalista francês, com formação em filosofia e línguas orientais. Possuía interesse em diversas áreas, notadamente a etnologia e a poesia. No âmbito psicanalítico, se destacou através de obras como *Freud* (1968), *Clefs pour l'imaginaire ou l'Autre Scène* [Chaves para o imaginário ou A outra cena] (1969) e *Ça n'empêche pas d'exister* [Isso não deixa de existir] (1982). No entanto, seu *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização]¹⁰⁹¹¹⁰, publicado pela primeira vez em 1950 pela *Éditions du Seuil*, ainda é um trabalho pouco conhecido do público brasileiro. Nesse texto, Mannoni (1950/1990) investiga as situações coloniais, que apesar de serem estudadas a partir do encontro entre franceses e

¹⁰⁷ Este trabalho compõe um dos artigos da dissertação intitulada *A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico*, ainda no prelo.

¹⁰⁸ Psicanalista. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrando em Estudos psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da mesma instituição. Integrante dos grupos de pesquisa *Psicanálise e política e Ocupação psicanalítica* (PSILACS).

¹⁰⁹ Para a redação deste artigo, em virtude da dificuldade em obter-se o original em francês, utilizamos a edição inglesa da *Ann Arbor Paperback*, publicada em 1990 com a tradução de Pamela Powesland e novo prefácio de Maurice Bloch, intitulada *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*.

¹¹⁰ Doravante *Psychologie*.

malgaxes¹¹¹, podem ser ampliadas para todas as situações envolvendo a díade colonizador/colonizado.

No Brasil, a referida obra é lembrada pela crítica empreendida por Fanon¹¹² (1952/2020) em *Pele negra, máscaras brancas*¹¹³. De acordo com o psiquiatra franco-argelino, o pensamento analítico de Mannoni é “honesto” (Fanon, 1952/2020, p. 99), mas “perigoso” (Fanon, 1952/2020, p. 27). Como afirmei em outro lugar (Donizete Ferreira, no prelo), tendo em vista que a relação entre Fanon e a psicanálise é marcada de ambiguidades, com o ensaio de Mannoni não seria diferente.

McCulloch (1983) enfatiza a importância que Mannoni teve sobre Fanon. Para ele, *Psychologie* impacta todos os escritos do militante franco-africano, sendo Mannoni quem, mais do que ninguém, estabeleceu as coordenadas do trabalho fanoniano. O autor destaca que, para ambos, há uma íntima conexão entre racismo e culpa sexual. Além disso, os dois autores realçam a importância da subjetividade na compreensão do colonialismo, bem como a relação danosa entre nativos e colonialistas (McCulloch, 1983). Contudo, existem três pontos de disputa entre Mannoni e Fanon: “a origem do racismo, sua forma de expressão e seu papel na relação com a economia; os conceitos de inferioridade e dependência; a questão do processo de aculturação trazido pela ocupação colonial” (McCulloch, 1983, p. 214).

Sobre a primeira questão, a crítica em relação ao racismo, Mannoni afirma que ele seria uma forma única de opressão, devendo ser separada das demais opressões políticas. Para Fanon, contudo, todas as formas de opressão, bem como as formas de racismo, são iguais, pois o destino é o mesmo: o ser humano (McCulloch, 1983). No que concerne à segunda, para McCulloch (1983), Fanon realiza uma leitura equivocada da forma como Mannoni emprega os termos *inferioridade e dependência*. Mannoni usa esses conceitos em sua acepção adleriana, onde “o tipo inferior, em contraste com o indivíduo dependente, orienta seu comportamento visando estabelecer qualidades protetivas para abrandar um penetrante senso de desvalorização” (McCulloch, 1983, p. 217). Dessa forma, a inferioridade não se relaciona com a inferiorização do indivíduo. Para Mannoni,

¹¹¹ Gentílico dos habitantes de Madagascar, país situado no sudeste da África, cuja capital é Antananarivo. Mannoni se dedica especificamente ao estudo do povo Merina, habitante da região.

¹¹² Também vemos uma crítica virulenta de Aimé Césaire em relação à Mannoni em seu *Discurso sobre o colonialismo*. No entanto, como aponta Vatin (2011), é pouco provável que Césaire tivesse lido *Psychologie* à época da publicação de seu panfleto, se referindo aos textos de Mannoni do final da década de 1940. Ver em Vatin, F. (2011). Octave Mannoni (1899-1989) et sa Psychologie de la colonisation. Contextualisation et décontextualisation. *Revue du Mauss*, n° 37. pp. 137-178.

¹¹³ Doravante *Pele negra*.

há uma passagem da dependência para a inferioridade como forma de desenvolvimento, enquanto Fanon postula que “a inferioridade é sinônimo de difamação racial e, portanto, um impedimento para o desenvolvimento futuro” (McCulloch, 1983, p. 217). Fanon ainda inverte a posição de Mannoni: a dependência seria um desdobramento da colonização, não a sua causa. Por fim, há uma diferença sobre a demonstração do impacto da cultura europeia na cultura nativa. De acordo com McCulloch (1983), Fanon localizaria essa diferença na divergência da abordagem entre eles, com Fanon se aproximando da sociologia e da psiquiatria. Mannoni, por outro lado, ao utilizar a psicanálise como metodologia, excluiria os referenciais significativos da realidade social. É assim que Fanon taxa Mannoni como unilateral, “confundindo fenômenos históricos com psicológicos” (McCulloch, 1983, p. 219).

Também encontramos na compreensão de Cherki (2000) que a discussão com Mannoni não se encerra no capítulo dedicada a ela, mas permanece em todo o ensaio de 1952. Ela nota o reconhecimento de Fanon em relação ao esforço de Mannoni em compreender o colonizador e o racista. Uma divergência central entre os autores diz respeito ao desejo de independência, que em Mannoni é marginal e em Fanon toma uma dimensão central. Além disso, o que parece irritar Fanon é que Mannoni não vê como a situação colonial, de certa forma, é uma transformação radical e irreversível. Nesse sentido, ela afirma: “o malgaxe não existe mais a não ser com o europeu. O branco, chegando em Madagascar, tumultuou os horizontes, os mecanismos psicológicos, a alteridade” (Cherki, 2000, p. 63). Entretanto, Fanon localiza em Mannoni que “a alteridade para o branco é sempre um outro branco e não o negro. O negro só é um lugar de projeção. Ora, é dessa dissimetria alienante que Fanon se propõe a superar em *Pele negra*” (Cherki, 2000, p. 63). A autora destaca a insistência de Fanon em afirmar que Mannoni subestima os racistas europeus quando afirma que eles se encontram apenas na colônia. Além disso, ela ressalta a decepção de Fanon em relação à Mannoni, por utilizar a psicologia e a psicanálise como ferramentas para justificar a exploração colonial. Nesse sentido, “[Fanon] desejava utilizar essas mesmas ferramentas com um objetivo de compreensão e liberação da pessoa, e não como uma interpretação explicativa que poderia servir à fins ideológicos” (Cherki, 2000, p. 65).

Vatin (2011) diz que algumas críticas de Fanon à Mannoni são certas e justas, como em relação à sua análise dos sonhos malgaxes, estranhando o fato de Mannoni ignorar o ambiente violento que rondava o país em 1947. No entanto, assim como McCulloch (1983), Vatin (2011) aponta uma leitura errônea de Fanon em relação à obra

de Mannoni. No começo de *Psychologie*, encontramos a seguinte passagem: “o fato de que quando um *adulto*¹¹⁴ malgaxe é isolado em um ambiente diferente, se tornando suscetível ao tipo inferior clássico, é uma prova quase indubitável de que o germe desse complexo estava latente nele desde a infância” (Mannoni, 1950/1990, p. 40). O psiquiatra assim o rebate: “todavia, nós nos percebemos em desacordo com ele [Mannoni] ao lermos esta frase (...). Ao ler essa passagem, sentimos algo emborcar, e a ‘objetividade’ do autor pode acabar nos induzindo em erro” (Fanon, 1952/2020, p. 100). Esse comentador argumenta que, se lido isoladamente, esse trecho dá a entender uma certa inferioridade do malgaxe, e é justamente aí que se encontra a má interpretação de Fanon. Nesse sentido, “essa breve passagem, longe de afirmar uma inferioridade nativa do malgaxe, é, em efeito, paradoxalmente, duplamente não racista” (Vatin, 2011, p. 168). Para ele, aqui Mannoni (1950/1990) faz referência não à psicologia típica do malgaxe, mas à inferioridade do europeu no sentido postulado por Adler (1927/1957). Dessa forma, Mannoni expressa a possibilidade do malgaxe de “experimentar um ‘sentimento de inferioridade’ adleriano, [ou seja], um complexo típico, não de sua civilização, mas da civilização europeia, mostra que ele não considera os indivíduos submissos a um determinismo cultural” (Vatin, 2011, pp. 168-169). A partir dessa passagem, podemos vislumbrar a possibilidade de um complexo de inferioridade nos malgaxes e de um complexo de dependência nos europeus (Vatin, 2011).

Para Mannoni, a diferenciação da estruturação da personalidade malgaxe e europeia tem um fundamento sociológico (Vatin, 2011). Essa estruturação se dá através de um processo de socialização, que por sua vez se fundamenta numa posição antropológico-religiosa (Vatin, 2011). As crianças de Madagascar não se revoltariam contra a autoridade paterna, pois essa autoridade não se encontraria propriamente no corpo do pai, mas sim nos ancestrais mortos. O malgaxe não teria que ganhar seu lugar na sociedade, ele faria parte de um todo já organizado e pré-definido por esse poder ancestral. A situação colonial para Mannoni, segundo Vatin (2011), seria a transferência, no sentido psicanalítico do termo, da dependência em relação aos ancestrais para os europeus, que se aproveitariam dessa configuração psicológica para impor a submissão aos povos colonizados, imposição essa que seria uma compensação do complexo de inferioridade europeu.

¹¹⁴ Destaque do autor.

O que parece incomodar Fanon é “uma ideia de uma ‘predisposição’ do colonizado à submissão colonial” (Vatin, 2011, p. 170). Vatin (2011) não nega a intragabilidade dessa tese de Mannoni, mas contra-argumenta que nela não há nenhum fundamento racial nem mesmo culturalista. Além disso, Fanon deslocaria essa predisposição para uma predestinação. Nessa direção, o autor se questiona:

por que seria legítimo admitir uma disposição espontânea do europeu à dominação, disposição resultante de sua cultura e forjado em sua socialização, e escandaloso imaginar que outros povos poderiam ter uma disposição espontânea, resultado de sua própria cultura e forjado em sua própria socialização, à dependência? (Vatin, 2011, p. 170).

Diante do exposto acima, acredito que de fato a análise apresentada por Mannoni (1950/1990) é inovadora se comparada aos estudos da etnopsiquiatria da época, que até então desconsideravam a influência do colonialismo nas dinâmicas entre colonizados e colonizadores (McCulloch, 1995). Além disso, é interessante a crítica que Mannoni faz em relação àqueles que descreviam o domínio colonial como restrito apenas às dominações políticas e econômicas, ignorando as relações intersubjetivas (Vatin, 2011). Nesse sentido, e aqui parece ser efetivamente a grande contribuição de Mannoni (1950/1990), é riquíssima a compreensão do colonialismo como uma forma de subjetivação onde o racismo opera como um mecanismo de satisfação psíquica de desejos conscientes e inconscientes, sendo essa uma das razões de sua difícil erradicação¹¹⁵.

No entanto, discordo da posição de McCulloch (1983) e Vatin (2011) quando os mesmos apontam a leitura equivocada de Fanon em relação à Mannoni, no tocante aos conceitos de dependência e inferioridade. Na verdade, me parece que Fanon (1952/2020) se preocupava com os efeitos políticos das teses de Mannoni, cujos colonizados desejam a colonização em virtude de seu complexo de dependência transferido dos ancestrais para os europeus. Como aponta Cherki (2000), a dependência tem uma relação linguística

¹¹⁵ Concordo com Vatin (2011) que *Psychologie* é uma obra datada, escrita num momento conturbado tanto política quanto pessoalmente. No entanto, julgo que Fanon (1952/2020) subestimou a potencialidade de compreensão do racismo como um modo de satisfação psíquica. Um pouco depois, em *Racismo e cultura* lê-se: “o racismo incha e figura a face da cultura que o pratica. (...). O que equivale a dizer que um grupo social, um país, uma civilização não podem ser racistas inconscientemente” (Fanon, 1956/2021, p. 77). Na verdade, penso que o racismo como modo de satisfação pode se articular ao conceito de pulsão de morte, conforme sua apresentação em *Além do princípio de prazer*, e à ideia de inimizade desenvolvida por Achille Mbembe em *Políticas da inimizade*. No entanto, essa trama de conceitos, em virtude do espaço aqui destinado, deverá ser feita em outro lugar. Para mais informações, ver Fanon, F. (2021) *Racismo e cultura*. In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956); Freud, S. (2020). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Edição crítica bilíngue. Tradução de Maria Rira Salzano Mores. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920); Mbembe, A. *Políticas da inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. (Obra original publicada em 2016).

estreita com a independência, termo que rondava as colônias africanas na época. Nesse sentido, apesar de desagradar Mannoni, não nos surpreende que “administradores, oficiais militares e até missionários que lidaram com problemas práticos da vida colonial adotaram o livro com intuito de explorá-lo, e extraíram dele métodos e artifícios para seus próprios propósitos” (Mannoni, 1950/1990, pp. 7-8).

Neste texto, apresento uma contextualização histórica da obra *Psychologie*. Depois disso, ilustro os principais argumentos que Mannoni constrói no livro. Em seguida, demonstrarei como Fanon rebate as teses desse psicanalista, amparando sua crítica na sua ideia de sociogenia apresentada ao longo de *Pele negra* e no uso que Mannoni faz dos símbolos oníricos.

2 *Psychologie de la colonisation*: história e contexto

Psychologie retoma e desenvolve a discussão iniciada por Mannoni sobre psicologia colonial em artigos publicados entre 1947 e 1948. No entanto, a obra não teve uma boa recepção na França, fazendo com que Mannoni se desviasse dessa temática (Vatin, 2011). Ela foi editada em língua inglesa pela primeira vez em 1956, com o título *Prospero and Caliban: the psychology of oppression* [Próspero e Caliban: a psicologia da opressão]. Com esse mesmo título, é reeditada em 1964 e depois em 1990, a consolidando como um clássico da antropologia social anglo-saxã. Na França, a primeira reedição é de 1984, intitulada *Prospero et Caliban: psychologie de la colonisation* [Próspero e Caliban: psicologia da colonização]. Depois, temos uma terceira edição francesa de 1997, agora denominada *Le racisme revisitée. Madagascar, 1947* [O racismo revisitado. Madagascar, 1947]. Dessa forma, é curioso que “uma obra seja publicada três vezes num intervalo de cinquenta anos sob três títulos diferentes, [e] que um autor francês seja mais conhecido na Inglaterra do que na França” (Vatin, 2011, p. 140).

De acordo com Vatin (2011), para uma melhor compreensão do trabalho de Mannoni é necessário um percurso sobre o itinerário pessoal do autor. A década de 1940 foi um período de inflexão em sua vida, com o fim da segunda guerra mundial e o início da descolonização das colônias europeias; a análise com Jacques Lacan; a decisão por se tornar psicanalista; e sua saída das colônias francesas em 1948, depois de 23 anos revezando entre Madagascar e Martinica, onde exerceu majoritariamente a função de professor de filosofia e de diretor do serviço de informação colonial (Vatin, 2011).

Logo após o início de sua análise com Lacan¹¹⁶, ao final de 1945, ele anota em seu caderno pessoal alguns propósitos de trabalho futuro, dentre eles “aprender a língua malgaxe e avançar no domínio obscuro e impreciso da psicologia interracial” (Vatin, 2011, p. 148). Inicia, assim, o manuscrito de *Psychologie* entre fevereiro de 1946 e agosto de 1947, ou seja, num período que precedeu e que se coincidiu com a revolta de Madagascar de 1947, terminando a primeira versão ao final do verão do mesmo ano. Nessa direção, Vatin (2011) acredita que o ponto de partida de *Psychologie* se aproxima mais da análise pessoal de Mannoni com Lacan do que uma tentativa exclusiva de compreensão da revolta malgaxe, como afirma Bloch (1990).

O motivo da saída de Madagascar foi seu desacordo com a política colonial francesa. Desde então, ele começa a frequentar o meio anticolonialista na França. Contudo, após a publicação de *Psychologie*, foi taxado por parte do movimento anticolonial francês justamente como um ideólogo colonialista, apesar da defesa de pessoas próximas que conheciam seu posicionamento anticolonial (Vatin, 2011).

Como sintetiza Roudinesco & Plon (1997/1998), Mannoni manteve uma relação ambígua em relação à obra no decorrer dos anos da primeira publicação. Na nota do autor para a edição de 1956, o psicanalista confessa que

nesse período particular [da revolta em Madagascar] minha própria análise não avançou muito e eu precipitadamente empreguei alguns conceitos teóricos que precisavam de mais cuidado ao serem manejados do que eu pensava na época. Eu devo, francamente, admitir que agora estou perturbado pela óbvia fraqueza do livro nesse aspecto (Mannoni, 1950/1990, p. 6).

Já na nota do autor à edição de 1964, ele nos afirma que *Psychologie* pode ser um estudo preparatório para um campo de trabalho mais difícil, denominado de “psicologia da descolonização” (Mannoni, 1950/1990, p. 7). Ainda que ele reitere sua posição de 1956 quanto a certa inadequação dos conceitos psicológicos utilizados, acredita que “a

¹¹⁶ No segundo volume de *História da psicanálise na França*, de Élisabeth Roudinesco, encontramos um curioso relato de Mannoni: “(...) procurei fazer análise e escolhi o divã de Lacan a conselho do irmão de Jacques Baron. Na primeira sessão, Lacan mediu minha pressão arterial. Em seguida, as sessões duravam três quartos de hora. Ele permanecia em silêncio, mas às vezes fazia boas intervenções. É preciso compará-lo a Dalí ou Buñuel. Ele tinha a mesma ambição de se tornar rico e célebre. Tive a impressão de que ele brincava de analista. Depois, as sessões começaram a ser menos longas. Após uma interrupção, recomecei em 1952. Tudo se havia modificado. Havia uma empregada. As sessões se tornaram mais curtas. Lacan não me impedia de fazer minha análise, mas eu não me interessava por isso porque, em Madagascar, tinha-me curado de uma neurose obsessiva. Compreendi, aliás, porque foi que Rimbaud se curou no deserto. A expatriação faz às vezes da análise. Ser um branco entre os negros é como ser analista entre os brancos” (Roudinesco, 1986/1988, pp. 253-254). Ver mais informações em Roudinesco, É. (1988). *História da psicanálise na França: A batalha dos Cem Anos* vol. 2. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1986).

percepção do lugar que os mortos ocupam na mentalidade ‘primitiva’ – e a maneira que o homem branco, sem o perceber, ocupa esse lugar – me parece uma descoberta importante que convida a um estudo mais prolongado” (Mannoni, 1950/1990, p. 8). Acrescenta que o fenômeno que ele descreveu como dependência, apesar da má escolha da palavra, é algo “contundentemente noticiável numa situação colonial, e, de forma mais discreta, encontramos em todo lugar, particularmente no divã do analista” (Mannoni, 1950/1990, p. 8). Por fim, ele postula que “aqueles que leram o livro com maior interesse, ou aqueles que foram movidos por ele, foram, de longe, aqueles que pessoalmente experimentaram a vida colonial” (Mannoni, 1950/1990, p. 8). Isso seria uma prova de que Mannoni “descreveu algo que realmente aconteceu” (Mannoni, 1950/1990, p. 8), mesmo que de maneira transitória.

Em 1966, num artigo intitulado *The decolonization of myself* [A descolonização de mim mesmo], ele nos diz que julga

essas interpretações [psicológicas] tanto boas quanto ruins, ou seja, ainda diria essencialmente as mesmas coisas, mas em um sentido diferente. Por exemplo, não usaria a palavra dependência, desde que ela me levou a colocar muita ênfase na descrição dos malgaxes, quando eu claramente queria descrever uma situação na qual ambos, nativos e europeus, estavam envolvidos, e mostrar como a atitude de um grupo influenciava as do outro (Mannoni, 1966, p. 328).

Ele assegura que gostaria de ter ampliado a análise do epílogo sobre os sonhos, pois ela agora ela lhe parece muito parca. Além disso, sustenta que desejava ao máximo “compreender o porquê das forças atuantes no momento que conduziam à sustentação da colonização eram tão formidáveis em comparação àquelas que faziam o oposto, enquanto, na verdade, elas sucumbiram mais rápido do que poderíamos prever” (Mannoni, 1966, p. 328). Ao escrever o livro, ele percebeu que o problema colonial cindia tanto os brancos quanto os negros, e que “o conflito colonial deveria ter sido interpretado como, no mínimo, uma ameaça duplicada de guerra civil” (Mannoni, 1966, 328). Reafirma que seu estudo foi baseado em *insights* ainda relevantes, e que suas objeções “são direcionadas às deficiências de teorias derivadas desses *insights*” (Mannoni, 1966, p. 328).

Mannoni (1966) não almejava fazer um segundo volume de *Psychologie*. Ao contrário, ele preferia “examinar como o vestígio do antigo sujeito colonial assombra (sem estar consciente disso) as relações entre brancos que nunca deixaram a Europa, pois – em suma – eu senti essa experiência dentro de mim mesmo” (Mannoni, 1966, p. 330). Nessa direção, do ponto de vista patológico, ele acredita que o racismo seja um sintoma,

mas se manifestaria de maneira distinta num perverso ou num paranoico. No entanto, pode ser visto em pessoas ditas normais. Assim,

esse tipo de problema [o racismo], deveria, de fato, ser do interesse de todo psicanalista. Mas certamente deveríamos estar nos iludindo a imaginar que a raiz de cada sentimento racista (mesmo que tal coisa fosse possível de fato, bem como meramente em teoria) traria consigo mesmo a solução justa e humana para os problemas raciais (Mannoni, 1966, p. 330).

De maneira bem enfática, o autor afirma que a psicanálise “deveria ser capaz de ver que o problema persiste depois que sentimentos racistas fossem dissipados” (Mannoni, 1966, p. 330). Dessa forma, na sua percepção, numa relação interracial difícil, o racismo seria uma espécie de solução para esse conflito, enquanto que em pessoas fora dessa relação interracial, ele seria um sintoma neurótico. No entanto, para ele, “nenhum psicanalista atestaria que (...) uma vez livre de sentimentos racistas, o homem branco será apto a cumprimentar o homem negro como seu irmão” (Mannoni, 1966, p. 331). Em sua perspectiva, o negro, ao ser reconhecido como páreo ao branco, rejeitaria essa posição, pois ele deseja ser reconhecido não como um humano qualquer, mas como um homem negro. Sendo assim, para o autor, “o verdadeiro problema está para ser formulado não em termos de similaridade, mas, precisamente em termos da diferença entre os homens, uma vez que o importante é descobrir o que os torna diferentes, e não ignorar as diferenças” (Mannoni, 1966, p. 331). O que estaria em questão, assim, é a coexistência da humanidade.

Vê-se, portanto, como Mannoni recua em algumas hipóteses, sustenta outras e ainda as faz avançar em relação ao texto de 1950. Feito esse breve apanhado histórico do contexto da obra e do autor, vejamos agora como ele estrutura os principais argumentos que constituem *Psychologie*.

3 *Psychologie de la colonisation*: uma teoria subjetiva da colonização

Mannoni (1950/1990) considera que a questão colonial é um dos problemas mais urgentes do mundo e da França em particular. O principal objetivo do autor é “apontar a importância humana das situações coloniais” (Mannoni, 1950/1990, p. 17), até então pouco estudadas. Essas situações coloniais podem ser abordadas de várias formas: através da economia, da política, da ética, entre outras. Mannoni (1950/1990), apesar de destacar o fator psicológico, não acredita que ele se sobressaia aos outros. O mérito de sua pesquisa é evidenciar a questão colonial como “o encontro de dois tipos completamente diferentes

de personalidade e suas reações entre elas, em consequência do qual o nativo se torna o ‘colonizado’ e o europeu se torna o colono” (Mannoni, 1950/1990, p. 17).

Uma situação colonial é criada

no exato momento em que o homem branco, mesmo que sozinho, aparece no meio de uma tribo, mesmo que ela seja independente, e imagina que seja rico ou poderoso ou meramente imune ao poder da mágica local, e deriva de sua posição, mesmo que em seu mais secreto íntimo, um sentimento de sua própria superioridade (Mannoni, 1950/1990, p. 18).

Aos estudar as reações desses tipos diferentes de personalidade, o psicanalista espera compreender fenômenos como xenofilia e xenofobia, racismo, nacionalismo, ou seja, o que afasta ou aproxima diferentes grupos humanos (Mannoni, 1950/1990). Como a premissa do livro parte da compreensão de que as situações coloniais são incompreensões mútuas, poderíamos objetar se esse não é o cerne de todas as relações humanas. Mannoni (1950/1990) não discorda disso, no entanto, acredita que nas colônias isso ficaria evidente de maneira mais explícita.

O autor acredita que “o célebre complexo de inferioridade das pessoas de cor (...) não é diferente do complexo de inferioridade puro e simples descrito por Adler” (Mannoni, 1950/1990, p. 39). Sua origem é uma característica tida como atraso, o que teoricamente seria a cor da pele. Dessa forma, “um complexo de inferioridade conectado com a cor da pele é encontrado apenas entre aqueles que formam uma minoria dentro de um grupo de uma outra cor” (Mannoni, 1950/1990, p. 39). Tendo em vista que a sociedade malgaxe é extremamente homogênea, o autor acredita que um complexo de inferioridade desse tipo aconteceria excepcionalmente. Apesar de raros, eles merecem uma explicação. A partir disso, o autor foi conduzido a um “grupo de condições psicológicas e sociais que juntas devo chamar de ‘dependência’” (Mannoni, 1950/1990, pp. 39-40). O fato de um malgaxe adulto em outro ambiente poder manifestar um complexo de inferioridade seria a prova de que ele estava latente desde a infância. Em contrapartida, um europeu adulto poderia igualmente manifestar um complexo de dependência. Nesse sentido, ele pretende elucidar como a sociedade de Madagascar reprime o complexo de inferioridade em detrimento do complexo de dependência e a como a sociedade europeia faz o caminho inverso. Para o autor, um europeu que é vítima de um complexo de inferioridade tende a sentir objetivamente uma posição de dependência como sinal de inferioridade, reagindo contra isso na forma de sintomas. O malgaxe, contudo, se sente inferior quando os vínculos de dependência são quebrados. Essa é “provavelmente a chave da psicologia dos ‘povos atrasados’” (Mannoni, 1950/1990, p. 40).

O comportamento dependente do malgaxe se expressa, geralmente, pela primeira vez durante uma troca de serviços:

um malgaxe recebe de um europeu algum favor que ele tanto precisa, mas nunca sonharia em pedi-lo. Subsequentemente, por conta própria vem ao europeu e lhe pede favores que ele facilmente conseguiria sozinho; ele parece sentir que tem um tipo de demanda sobre o europeu que lhe fez uma gentileza¹¹⁷. Além do mais, ele não demonstra gratidão — no nosso sentido da palavra — pelos favores que ele recebeu (Mannoni, 1950/1990, p. 42).

Para o psicanalista, a gratidão sustenta o equilíbrio de uma ambiguidade: “de um lado, o sentimento de que a outra pessoa está em débito conosco, e de outro o sentimento de que esse outro não há débito algum” (Mannoni, 1950/1990, p. 47). Para que a gratidão se manifeste, é preciso que as pessoas estejam numa relação de igualdade. Assim, a dependência encontrada em Madagascar inviabilizaria essa igualdade. Como a dependência é construída de maneira distinta entre o malgaxe e o europeu, “é essa diferença de estrutura que justifica a falta do sentimento de gratidão” (Mannoni, 1950/1990, p. 47).

Para esse autor, quando um europeu se vê diante de uma dificuldade, devido a sua autoconfiança, acredita em si mesmo e em suas habilidades técnicas. Assim, perante tal situação, o objetivo é não se provar inferior, ou seja, demonstrar que ele não se encontra aquém da tarefa. Numa direção oposta, o malgaxe tem pouca confiança em si mesmo e em suas habilidades técnicas. Dessa forma, seu intuito não é não se sentir inferior, é não se sentir abandonado, ou seja, estar protegido (Mannoni, 1950/1990).

Para Mannoni (1950/1990), essa necessidade de segurança se encontra na configuração da vida familiar malgaxe. Ela estruturaria seus costumes e suas crenças entorno de uma enraizada veneração aos ancestrais, conhecida como culto aos mortos. Os mortos para eles seriam

a única e inesgotável fonte de todas as coisas boas: vida, felicidade, paz e, acima de tudo, fertilidade. (...). Eles são os criadores de todos os costumes, e como tudo é costume para os malgaxes, desde os instintos dos animais até as formas das plantas e as leis da natureza, isso equivale a dizer que eles regulam todas as coisas. Eles são ao mesmo tempo os deuses do universo, a natureza, e o espírito guardião de toda a família (Mannoni, 1950/1990, p. 50).

¹¹⁷ De acordo com Bloch (1990), no entanto, esse é, na verdade, um comportamento típico malgaxe que expressa uma igualdade entre as duas pessoas da relação. Em suas palavras, “nessa situação a pessoa que foi solicitada está sob obrigação de dar o que foi pedido, caso seja possível, mesmo que obedecer ao pedido possa até ser uma imposição” (Bloch, 1990, p. xviii). Ver em Bloch, M. (1990). *New Foreword In Mannoni, O. Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).

No entanto, “dizer que o culto aos mortos faz parte dos costumes não é dizer que sua observância é um mero hábito ou rotina, como nossos costumes se tornaram no curso de nosso progresso em relação à autossuficiência” (Mannoni, 1950/1990, p. 55). A partir disso, os “mortos e suas imagens formam a maior autoridade moral na mente do malgaxe ‘dependente’ e que para ele os mortos fazem o papel preenchido para os europeus pela consciência moral, razão, Deus, Rei ou o partido” (Mannoni, 1950/1990, pp. 55-56).

O autor acredita que os habitantes de Madagascar não cresceriam da mesma forma como os europeus, ou seja, orientados para a independência (Mannoni, 1950/1990). Isso se demonstraria uma vez que “a criança europeia sabe que vai tomar o lugar do pai e herdar sua autoridade; a criança malgaxe sabe que isso não é possível” (Mannoni, 1950/1990, p. 59). É nesse contexto, de uma relação entre pai e filho, que o autor fornece uma primeira explicação psicológica do comportamento dos malgaxes durante a revolta de 1947 em relação ao exército francês:

a imagem paterna foi projetada no *vazaha* [europeu] que eles estavam atacando. O rifle simboliza o órgão sexual masculino. Na criança, nada além de ‘água’ sai dele. Veja, a criança diz: não vou competir com meu pai; meu pênis é bom apenas para urinar. Isso é uma defesa contra o medo da mutilação [castração], uma defesa contra a angústia. Visando atacar o pai, na figura do *vazaha*, o rebelde malgaxe tem que se persuadir de que o pai, também, é uma criança indefesa. (...). O malgaxe deprime o pai de sua virilidade e tenta o reduzir ao nível de uma criança impotente. Então, em vez de protestar como o europeu, que ele é um homem assim como o pai, o malgaxe parece reivindicar que todos os homens são crianças. Ele projeta sua dependência em todo lugar. (Mannoni, 1950/1990, pp. 59-60).

Os colonos “sabem dessa necessidade de dependência, pois eles a exploram e vivem por isso. Eles não querem que ela seja removida; preferem, na verdade, sua continuidade” (Mannoni, 1950/1990, p. 66). Por essa via, nem todos os povos podem ser colonizados, apenas aqueles que apresentam esse desejo de dependência. Ou seja, para ele, a imposição bélica não seria a única responsável conquista das colônias, mas sim disposições psíquicas. Logo, “seguramente pode ser dito que sua chegada [a do europeu] era inconscientemente esperada – até desejada – pelos futuros sujeitos coloniais” (Mannoni, 1950/1990, p. 86).

Avançando em seu argumento, “a universalidade do complexo de dependência pode ser deduzida da frequência nos sonhos com que a segurança é ameaçada e depois em maior ou menor grau restaurada” (Mannoni, 1950/1990, p. 61). Embora o psicanalista analise a vida onírica dos Merina de Madagascar, o conhecimento sobre sua psicologia ainda é incompleto. Isso se evidencia na medida em que ele acredita não ser possível

realizar uma psicanálise com os malgaxes. O impedimento não concerne apenas às diferenças linguísticas, uma vez que o malgaxe não estabeleceria um grau de confiança com um europeu/analista. Ademais, o autor julga que não há conflito entre o ser social e o ser interno, o que, aparentemente, não justificaria uma análise (Mannoni, 1950/1990).

O sonho dos malgaxes “refletem a predominante necessidade de segurança e proteção” (Mannoni, 1950/1990, p. 89). Apesar de admitir que eles foram recolhidos num momento conturbado, “seus autores nada tinham visto das perturbações e sabiam delas apenas por boatos” (Mannoni, 1950/1990, p. 89). Os relatos foram colhidos de crianças através de uma atividade escolar. Vejamos, agora, os sonhos coletados e suas respectivas análises.

Sonho do cozinheiro. ‘Eu estava sendo perseguido por um touro negro furioso. Assustado, subi numa árvore e lá fiquei até que o perigo passasse. Desci, me tremendo todo’.

O touro equivale a um soldado senegalês. Não é possível prosseguir com a análise em relação ao assunto, mas outros sonhos, estabelecidos abaixo, não deixam dúvida dessa correta interpretação.

A árvore equivale à mãe, como no simbolismo europeu, e o símbolo é facilmente explicado: quando o perigo ameaça, a criança corre para a mãe; ela a pega do chão, e a criança pode mostrar a língua para o inimigo de uma distância segura. Ou, dito de outro modo, a criança se esconde ‘na barra da mãe’, entre sua saia, como a folhagem de uma árvore.

Por último, atrás da figura do senegalês (touro), que representa o perigo externo, há sem sombra de dúvida, uma aproximação psicológica mais profunda da imagem do pai, como será demonstrado por outros sonhos do mesmo tipo¹¹⁸.

Sonho de um garoto de treze anos, Rahevi. ‘Enquanto caminhava na floresta, encontrei dois homens negros. ‘Oh’, pensei, ‘Estou em apuros!’’. Tentei correr, mas não pude. Eles barraram meu caminho e começaram a tagarelar numa língua estranha. Pensei que estivessem dizendo: ‘Nós o mostraremos o que é a morte’’. Eu tremi com medo e implorei: ‘Por favor, senhores, me deixem ir, estou tão assustado’’. Um deles entendia francês, mas, apesar disso, respondeu: ‘Vamos levá-lo ao nosso chefe’’. Enquanto saíamos, eles me fizeram ir na frente e me mostraram seus rifles. Estava mais amedrontado que nunca, mas, para chegar ao seu acampamento, precisávamos atravessar o rio. Mergulhei fundo na água e,

¹¹⁸ Nota de Mannoni (1950/1990, pp. 89-90): “Há um [livro?] pouco conhecido, *Chave para o sonho*, que é uma mistura de interpretação simbólica e superstição. Sonhos com touros tem um lugar proeminente nele. Ser atacado por um touro supostamente avisa o sonhador de que ele está sendo ameaçado por feitiçaria, onde o touro representa o feiticeiro. Se o sonhador é pego pelos chifres do touro, isso significa que o feitiço será efetivo e ele deve procurar por proteção mágica. A cor do pelo do animal deve ser notada pois indica a cor de quem originou o feitiço. Do ponto de vista da psicanálise, é claro, essa ‘interpretação’ é simplesmente outro documento desse tipo de sonho. Aprendemos através dela que o medo do touro é associado com a imagem do feiticeiro. Então, há uma ligação entre a imagem do feiticeiro e a do pai, assim como para nós há uma conexão entre a imagem da mãe e da bruxa. Entre os malgaxes, a imagem da mãe (até onde sei) não é nada além de protetiva, embora nos sonhos que frequentemente aparecem uma situação dramática na qual o poder protetivo da mãe parece ser inadequado. Na verdade, esses são sonhos típicos de ansiedade”.

graças ao meu espírito, encontrei uma caverna nas rochas e me escondi. Quando os homens se foram, corri de volta para casa’.

A psicanálise talvez revele por quê havia dois homens, mas apesar disso, esse ponto do sonho é essencialmente o mesmo do anterior: os rifles substituem os chifres do boi

Sonho de Josette. A sonhadora, uma jovem garota, se perdeu e sentou-se numa árvore caída. Uma mulher de vestido branco lhe contou que ela estava no meio de um bando de bandidos. Ela se justifica: ‘Sou apenas uma garotinha’, diz tremendo, ‘e me perdi no caminho da escola para casa’, e a mulher responde: ‘Siga este caminho, criança, e vocês encontrarão o caminho de suas casas’.

Aqui parece que o poder protetivo da mãe se mostra inadequado; na verdade a mãe parece estar morta: ela está jazida no chão. Josette pede por proteção, pelo fato de ser uma garotinha, a alguma mulher num vestido branco – evidentemente uma professora ou uma enfermeira. Um ponto de destaque é a passagem do singular para o plural na resposta da mulher¹¹⁹, pois a solidão é perigosa (estou sozinha e perdida) e a segurança reside nos números (estamos todos juntos). A passagem do perigo para a segurança no sonho levou a este lapso revelador em sua narrativa.

Sonho de um garoto de quatorze anos, Razafi. Ele está sendo perseguido por um soldado (senegalês) que ‘faz um barulho como se um cavalo galopasse’ e ‘mostra seus rifles na sua frente’. O sonhador escapa tornando-se invisível; ele sobe uma escada e acha a porta de sua casa.

A significância sexual do rifle é óbvia. O som do galope e o desejo de se tornar invisível são provavelmente explicados pelo fato da criança ter testemunhado o ato sexual: ela tanto *escutou* quanto *viu*. Torna-se claro — e se tornará mais claro depois — que é na medida em que ele se sente um agressor ameaçando a mãe que o pai é identificado com todos os perigos. A criança, além disso, de algum modo se identifica com a mãe que está ‘em perigo’.

A prova da existência de um complexo de mutilação é encontrada no sonho de uma garota, Elphine (treze ou quatorze anos). O complexo existe tanto nas meninas quanto nos meninos. Entre os malgaxes, quando um bebê é circuncidado, é comum que o tio por parte da mãe coma o prepúcio¹²⁰. Nas fantasias dessa garotinha, seu pênis é comido pelo pai (provavelmente uma punição por outras fantasias). O sentimento de perigo, então simbolizado pelo pai, foi evocado pelos perigos que assentavam os malgaxes durante as perturbações da época.

Sonho de Elphine. ‘Sonhei que um feroz touro negro estava me perseguindo. Ele era grande e forte. Em sua cabeça, que era quase toda malhada (*sic*) de branco, tinha dois longos chifres afiados. ‘Oh, que mortífero’, pensei. O caminho estava se estreitando. O que eu deveria fazer? Subi numa árvore de manga, mas o touro colidiu em seu tronco. Ai de mim, me encontrava entre os arbustos. Então, ele empurrou seus chifres em mim; meu estômago caiu e ele o devorou’.

¹¹⁹ Bloch (1990) nos informa que na língua malgaxe, o plural e o singular não são marcados nos pronomes. Além disso, malgaxes com um francês mediano, como é o caso dos escolhidos por Mannoni, teriam muitas dificuldades em expressá-los na língua francesa. Conclui, assim, que “é provável que a troca notada por Mannoni não seja nada além de um erro causado pela tradução de uma língua para a outra, com uma sintaxe muito diferente entre as duas” (Bloch, 1990, p. xv). Ver em Bloch, M. (1990). New Foreword In Mannoni, O. *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).

¹²⁰ Nota de Mannoni (1950/1990, p. 91): “Isso é a sobrevivência de uma antiga forma de organização familiar”.

A maioria dos sonhos restantes adicionaria pouco ao que já foi apresentado até aqui. Mais da metade dos sonhos selecionados aleatoriamente são do mesmo tipo; alguns, no entanto, mostram variações individuais¹²¹.

Sonho de Raza. Em seu sonho o garoto escuta alguém dizer na escola que os senegaleses estavam vindo. ‘Saí do pátio da escola para ver’. Os senegaleses estavam de fato chegando. Ele correu para casa. ‘Mas nossa casa tinha sido dispersada por eles. ‘Dispersada’ é um erro, devido à associação da ideia de ‘perfuração’ (compare acima, os chifres do touro foram em direção ao tronco da árvore de manga).

O sonho revela o desejo de ver por si mesmo, e esse desejo é uma ofensa e deve ser punida. Pode parecer, nesse caso, assim como no de Razafi, que o que a criança viu foi a fraqueza da mãe diante do pai, que ‘a fura’. A angústia que a criança experimenta é o resultado da descoberta renovada frente ao perigo. Claro que descobertas desse tipo se atrelam mais frequentemente entre os malgaxes do que entre os europeus, pois uma família malgaxe geralmente vive junta em um cômodo e seus membros dormem em tapetes lisos.

O poder protetor da mãe é de algum modo incerto; em dois sonhos citados acima se provou ineficiente. Pode-se questionar se o pai tem algum papel protetor. A resposta é: sim, mas em circunstâncias diferentes.

Sonho de um garoto de quatorze anos, Si. ‘Estava andando no jardim e senti uma sombra atrás de mim. Todas as folhas ao meu redor estavam farfalhando e caindo, como se um ladrão estivesse se escondendo entre elas, esperando para me pegar. Para onde quer que eu andasse, para cima e para baixo na ruela, a sombra ainda me seguia. De repente me assustei e comecei a correr, mas a sombra deu passos largos e esticou sua enorme mão para segurar minhas roupas. Senti minha camisa rasgando, então, gritei. Meu pai pulou da cama e escutou meu grito e veio até mim, mas a grande sombra havia desaparecido e eu já não estava com medo’.

Nesse sonho a primeira interpretação sugeriria que o pai estava protegendo a criança contra um fantasma, um *lolo*, que representa o poder dos ancestrais. Nada conectado aos ancestrais aponta para o pai. Vagos medos infantis se ligam às imagens fantasmagóricas dos ancestrais assim que a criança aprende sobre sua ‘existência’.

Mas o pai, deve-se notar, não provém nenhuma proteção no sonho, somente mais tarde, quando a criança acorda (o relato não é claro, o estado do sonho e o estado de vigília se misturam). Poderíamos sustentar que o perigo sendo representado pelo *lolo* é mais uma vez o pai. Em outras palavras, o pai real está protegendo a criança do pai do sonho. O farfalhar e as folhas caindo como símbolos de medo são encontrados no folclore de diversos países. Eles, possivelmente, são um símbolo para a mãe, que apesar das diferenças aparentes, o sonho cairia na mesma categoria que os outros.

As conclusões que podem ser alcançadas de uma consideração sobre os sonhos como um todo são, primeiro: que as crianças se sentem em perigo pois os pais estão com medo. Então, a causa do medo é o soldado senegalês (um medo que durante esse período é justificável). Ele se disfarça na forma de vários símbolos clássicos (o touro, por exemplo), mas, atrás desses símbolos reside a imagem paterna, mesclada aos perigos externos. O último sonho parece um esforço de

¹²¹ Nota de Mannoni (1950/1990, p. 91): “Os sonhos aqui apresentados foram extraídos de várias fontes, principalmente, foram coletados em escolas na forma de tarefa de casa de Francês. Aqueles que parecem ser invenções foram eliminados, não em razão das fantasias serem desinteressantes, mas sim, pois, são mais difíceis de interpretar. Em contraste com os sonhos reais eles são mais ‘otimistas’”.

negar que o pai seja um perigo (até poderíamos dizer — embora não haja evidência para isso — *negar que o pai esteja com medo*, pois isso estaria dentro da lógica desse tipo de pensamento: o medo do pai é o perigo). Por fim, a proteção é usualmente maternal; não está em dúvida, mas às vezes é ineficaz, e é nessa forma que encontramos a angústia comumente expressada (Mannoni, 1950/1990, pp. 89-93).

As consequências do complexo de dependência não se restringem à dimensão psíquica, ecoando também na forma de organização política. Para o psicanalista,

se deixados por conta própria, a maioria dos malgaxes, com certeza, espontaneamente e até de forma impensada, se inclinariam a recriar uma sociedade de tipo feudal. Eles chamariam isso de república ou de democracia, mas sua necessidade de dependência os conduziria quase que inevitavelmente a organizar uma sociedade composta de clientelas agrupadas pelos patrões, da maneira como eles mais gostam. Faltar-lhes-iam coragem para enfrentar os terrores de uma independência genuína do indivíduo (Mannoni, 1950/1990, p. 65).

Para esse autor, os malgaxes só almejavam a independência com uma finalidade: o nacionalismo. No entanto, eles não esperam nenhuma vantagem do governo nacional, nem material nem política, muito menos mais liberdade pessoal. “Um governo malgaxe no poder seria mais arbitrário, mais corrupto, com maior trabalho forçado, mais impostos, e assim por diante. A opressão política seria maior, e as penas mais severas” (Mannoni, 1950/1990, p. 133-134). Ele apresenta, então, uma solução para esse dilema: o retorno dos conselhos locais, modelo adotado antes da colonização, denominado *fokon'olona*¹²². Dessa forma, se a administração francesa recuasse, o *fokon'olona* recuperaria sua importância e suas funções antigas. “Seria bastantes simples, portanto, que o *fokon'olona* se tornasse uma cooperativa de produtores e consumidores, responsável pela distribuição de alimentos importados e pela execução de planos de produção para as vilas como um todo” (Mannoni, 1950/1990, p. 178). Ela não deveria ser vista como uma instituição democrática, mas sim como uma organização familiar, liderada por homens notáveis, que provavelmente ignorariam as demandas dos pobres e dos jovens. Em razão disso, o autor acredita que essa medida não erradicaria as injustiças no continente, “pelas quais nós [europeus] não precisamos sentir responsáveis” (Mannoni, 1950/1990, p. 178). Tendo em vista essas mesmas injustiças, o autor sugere a criação de uma corte franco-malgaxe, que

¹²² Como aponta Bloch (1990), curiosamente, o governo francês adotou a *fokon'olona*, apesar do autor desconhecer o impacto do texto de Mannoni na adoção dessa medida. Ver em Bloch, M. (1990). New Foreword In Mannoni, O. *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).

estaria acima do *fokon'olona*, onde os habitantes das aldeias poderiam recorrer (Mannoni, 1950/1990).

Vimos as condições psicológicas que Mannoni (1950/1990) define para a emergência do colonizado. Mas, afinal, o que faz de um europeu um colono? De acordo com Mannoni (1950/1990), a personalidade do colono não é adquirida a partir das relações coloniais, é na verdade anterior a ela, presente na forma de traços latentes. A situação colonial, portanto, traz esses traços para a superfície e os torna manifestos. Dessa maneira, “o que acontece ao europeu quando ele se torna um colono é o resultado de complexos inconscientes” (Mannoni, 1950/1990, p. 98).

Esses complexos são formados na infância, “e sua história ulterior varia conforme eles são resolvidos, reprimidos ou satisfeitos no curso no desenvolvimento até a idade adulta” (Mannoni, 1950/1990, p. 98). A melhor descrição desses complexos se encontra nos trabalhos literários em que os autores projetaram seus personagens numa situação tipicamente colonial, mesmo num período anterior à colonização propriamente dita. Para o psicanalista, esse material literário foi extraído diretamente dos desejos inconscientes desses autores. Entre as obras literárias escolhidas, figuram *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe e *The tempest [A tempestade]*, de Shakespeare¹²³.

O autor detecta um traço de personalidade presente nos personagens desse livro, de origem infantil: “há na criança um traço que é particularmente misantrópico, ou em algum nível antissocial, um traço que, por falta de um termo melhor, chamaria de ‘desejo de um mundo sem homens’” (Mannoni, 1950/1990, p. 101). A existência desse traço é que torna a ideia de uma ilha deserta, como vemos no romance de Defoe, atrativa. Dessa maneira, “se o mundo está esvaziado de seres humanos como eles realmente são, ele pode ser preenchido com criaturas de nossa própria imaginação” (Mannoni, 1950/1990, p. 101). Contudo, “se quisermos atingir uma personalidade adulta, é essencial que possamos coincidir as imagens inconscientes, mais ou menos, com pessoas reais; a inclinação para a solidão mostra que nós falhamos” (Mannoni, 1950/1990, pp. 101-102).

Essa tendência à misantropia acarreta “uma séria ruptura da imagem desses outros ou uma falha no processo de síntese pelo qual essa imagem é formada” (Mannoni, 1950/1990, p. 104). A imagem é então cindida em duas partes, que se separam cada vez mais. Por um lado, encontramos imagens de monstros e criaturas aterrorizantes, e, por outro, seres graciosos desprovidos de vontade e propósito. No entanto, o ser humano é ao

¹²³ É em referência a essa obra que o autor acredita que Prospero seja o protótipo do colonizador e Caliban o do nativo.

mesmo tempo a junção dessas duas imagens. Devemos integrá-las para chegar à maturidade, contudo, na infância nos recusamos a ver isso, e esse traço permanece no inconsciente. Assim,

essa mesma tendência inconsciente impeliu milhares de europeus a buscarem ilhas oceânicas habitadas apenas por Fridays [personagem de Robinson Crusoe que representa o nativo da ilha] ou, alternadamente, se estabelecerem em postos isolados em países hostis onde, com o poder da força, repeliriam as mesmas criaturas aterrorizantes cuja imagem se formou em seu inconsciente (Mannoni, 1950/1990, p. 104).

Para o psicanalista, então, a vida colonial seria um substituto para aqueles que estão obscurecidos por um mundo sem homens, ou seja, para aqueles que “falharam em fazer o esforço necessário para adaptar as imagens infantis à vida real” (Mannoni, 1950/1990, p. 105). O espaço colonial, assim, “convida a projeções de imagens inconscientes e encoraja um comportamento que não é garantido por uma situação objetiva, mas é explicado basicamente em termos da subjetividade infantil” (Mannoni, 1950/1990, p. 104). Assim, não seria exagerado apontar que o autor aproxima o racismo a uma teoria sexual infantil¹²⁴, conforme descrita por Freud (1908/2015). Mannoni (1950/1990) ainda ressalta como o ser supostamente inferior é visto como um bode expiatório de nossas próprias más intenções, manifestadas através dessas projeções.

A vida colonial, marcada por essas projeções, é extremamente perigosa. Para o autor, ela é um sonho onde o sonhador, para não encarar a realidade, continua sonhando. Além da rejeição à realidade e ao respeito ao outro, a situação colonial é contaminada por um desejo de dominar, “um desejo de origem infantil que a realidade falhou em disciplinar” (Mannoni, 1950/1990, p. 108). Portanto, “a personalidade colonial é completamente desafetada pela personalidade do nativo (...); ela não se adapta, se desenvolve apenas em acordo com sua estrutura interna” (Mannoni, 1950/1990, p. 108). Paradoxalmente, “se um homem vive no meio de suas próprias projeções, sem realmente admitir o livre desejo e a existência de outras pessoas, ele perde seu próprio desejo e sua

¹²⁴ Em *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (“O pequeno Hans”), encontra-se: “Eu não partilho a opinião, atualmente favorecida, de que o que dizem as crianças é inteiramente arbitrário e nada confiável. Não existe arbitrariedade na psique; o caráter não confiável das afirmações das crianças vem da preponderância de sua fantasia, assim como o caráter não confiável das afirmações dos adultos vem da preponderância de seus preconceitos” (Freud, 1909/215, p. 236). Ver mais detalhes em Freud, S. (2015). *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (“O pequeno Hans”) In Freud, S. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* vol. 8. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).

própria independência, enquanto o ego se infla e esses elementos se esvaziam” (Mannoni, 1950/1990, p. 114).

O autor apresenta um fundamento para o racismo. Ele diz que, por meio de protestos e reivindicações, nos damos conta de que o outro não é uma pura projeção, mas seres reais com vontade própria. Contudo, consideramos isso um ultraje, não importa qual seja a reivindicação. Não são essas reivindicações em si mesmas que causam indignação, mas sim reconhecimento do desejo próprio do outro. Assim, o racismo é “uma racionalização bastante pobre dos nossos sentimentos de indignação. Ele vem primeiro (...) e depois a explicação: a teoria, recém descoberta ou meramente reproduzida, da inferioridade racial” (Mannoni, 1950/1990, p. 117). Essa teoria é sempre rudimentar, e quem mais acredita nela é quem tem mais dificuldades de refutá-la. No entanto, uma vez consolidada essa racionalização, ela “reage e fornece aos sentimentos originais [como ódio e raiva] uma nova e mais perigosa aparência” (Mannoni, 1950/1990, 119).

O psicanalista também fornece uma outra explicação para a revolta que ocorreu em Madagascar no ano de 1947. O movimento eclodiu após uma nova política colonial, onde os malgaxes não poderiam ser forçados a trabalhar nem serem punidos arbitrariamente, lhes sendo possibilitados alguma liberdade e alguns direitos. Um jornal socialista de Paris disse “que era inconcebível que os malgaxes se revoltassem contra a supressão do trabalho forçado e do sistema de Indigenato” (Mannoni, 1950/1990, p. 136). Apesar da oferta de garantias, eles se sentiram abandonados, pois os europeus demonstravam falta de autoridade. Assim, sentimentos de culpa, ódio e violência mobilizaram os nativos contra os franceses. O afrouxamento da autoridade fez com que eles se sentissem mais corajosos, atitude estranha antes da revolta. Em contrapartida, o autor destaca a força excessiva da repressão europeia, tendo em vista o pequeno poderio bélico dos nativos. Em suas palavras:

eles [europeus] se comportaram, de fato, como um diretor escolar raivoso cujas ordens foram desobedecidas e que, para ganhar alguma satisfação psicológica, recorre à violência, mas um tipo peculiar de violência, uma violência teatral: ele faz uma cena, monta uma pose, cria um espetáculo para ele e seus amigos, de acordo com um modo de pensar mais supersticioso do que prático, e deriva algum consolo interior disso (...). Os europeus sabiam muito bem que seu comportamento era suscetível de despertar malgaxes pacíficos e levá-los para os braços dos rebeldes. Mas, irracionalmente, eles derivaram uma certa satisfação ao correr esse risco (Mannoni, 1950/1990, p. 88).

De maneira geral, esses são os principais pontos levantados por Mannoni em *Psychologie*. Vejamos agora os comentários de Fanon em relação a essa obra.

4 A resposta de Fanon

No começo do capítulo 4 de *Pele negra*, Fanon afirma que antes de seu contato com *Psychologie*, ele possuía “somente alguns estudos de Octave Mannoni publicados na revista *Psyché*” (Fanon, 1952/2020, p. 99). Se tratava do nº 15 da revista, que continha a primeira parte¹²⁵ do artigo *Ébauche d’une psychologie coloniale* [Esboço de uma psicologia colonial], *Le complexe de dépendance et la structure de la personnalité* [O complexo de dependência e a estrutura da personalidade] (Khalifa, 2015).

De início, o psiquiatra aponta que a questão colonial “comporta, assim, não apenas a intersecção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições” (Fanon, 1952/2020, p. 100). Nesse sentido, apesar de ter introduzido a subjetividade na elucidação dessa problemática, Fanon (1952/2020) considera o argumento de Mannoni exaustivo, se afastando do real e de suas verdadeiras coordenadas. Isso se dá na medida em que “o autor [Mannoni] fala em fenomenologia, psicanálise, unidade humana, mas gostaríamos que esses termos assumissem um caráter mais concreto” (Fanon, 1952/2020, p. 103). Prosseguindo, Fanon (1952/2020) entra em desacordo com o psicanalista quando este postula que “na África do Sul, os trabalhadores brancos são tão racistas quanto os empregadores e gestores, geralmente até mais” (Mannoni, 1950/1990, p. 24). Para o franco-argelino, portanto, Mannoni “estima que o branco pobre da África do Sul detesta o negro, independentemente de qualquer processo econômico” (Fanon, 1952/2020, p. 102). Contudo, ele ratifica que “poderíamos retorquir que esse deslocamento da agressividade do proletariado branco para o proletariado negro é, fundamentalmente, uma consequência da estrutura econômica da África do Sul” (Fanon, 1952/2020, p. 102).

É desse modo que acredito que Fanon julga o trabalho de Mannoni muito psicologizante, afinal, a chegada dos europeus causou uma ferida absoluta, e “as consequências dessa irrupção europeia em Madagascar não são apenas psicológicas, pois (...) há relações internas entre a consciência e o contexto social” (Fanon, 1952/2020, p. 111). Por isso, ele atesta que não pode “aderir à parte do trabalho de Mannoni que tende a patologizar o conflito, isto é, a demonstrar que o branco colonizador tem por única motivação o desejo de pôr fim a uma insatisfação, no plano da supercompensação

¹²⁵ A segunda parte, conforme Vatin (2011), *Le complexe de Prospero* [O complexo de Prospero] foi publicada no número 25 da revista *Psyché*, aparecendo entres as páginas 1275 e 1295. Ver em Vatin, F. (2011). Octave Mannoni (1899-1989) et sa Psychologie de la colonisation. Contextualisation et décontextualisation. *Revue du Mauss*, n° 37. pp. 137-178.

adleriana” (Fanon, 1952/2020, p. 100). Para esse autor, “se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo: econômico, em primeiro lugar; e, em seguida, por interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade” (Fanon, 1952/2020, p. 25). É digno de nota, e esse é um ponto importante, que Fanon não nega a possibilidade da existência desse complexo nas colônias. No entanto, ele se questiona “por que ele [Mannoni] busca fazer do complexo de inferioridade algo que antecede a situação colonização?” (Fanon, 1952/2020, p. 100). Ou seja, Fanon denuncia que a origem desse complexo não é ontogenética, mas sociogenética. Sua origem, portanto, seria na própria situação colonial, e não anterior a ela¹²⁶. É dessa maneira que “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*”¹²⁷ (Fanon, 1952/2020, p. 107).

Como já apontei na sistematização de McCulloch (1983), Fanon não acredita que “a exploração colonial não é a mesma que as outras formas de exploração, o racismo colonial é diferente de outras formas de racismo” (Mannoni, 1950/1990, p. 27). Para o militante, “todas as formas de exploração são idênticas, pois se aplicam ao mesmo ‘objeto’: o homem” (Fanon, 1952/2020, p. 103). Nessa direção, “ao querer considerar no plano da abstração a estrutura desta ou daquela exploração, mascara-se o problema capital, fundamental, que é o de restituir o homem a seu devido lugar” (Fanon, 1952/2020, p. 103). Assim, é “utópico verificar em que se distingue um comportamento desumano de outro comportamento desumano” (Fanon, 1952/2020, p. 103). Portanto, “o racismo colonial não se diferencia de outros racismos” (Fanon, 1952/2020, p. 103).

Na direção indicada por Cherki (2000), Fanon ainda discorda de Mannoni quando este afirma que o racismo “seria obra de oficiais insignificantes, pequenos comerciantes e colonos que trabalharam muito, mas não obtiveram sucesso” (Mannoni, 1950/1990, p. 24). Além disso, destoa da opinião de que a “França é inquestionavelmente um dos países menos racistas do mundo” (Mannoni, 1950/1990, p. 100). Para o psiquiatra, “de uma vez por todas, afirmamos esse princípio: uma sociedade é racista ou não é¹²⁸” (Fanon, 1952/2020, p. 101). Nesse sentido, “dizer, por exemplo, (...) que o racismo é obra de

¹²⁶ É esse o sentido em que McCulloch (1983) localiza a inversão do argumento de Mannoni feita por Fanon. Ver em McCulloch, J. (1983). *Black soul, white artifact: Fanon's clinical psychology and social theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

¹²⁷ Destaque do autor.

¹²⁸ Para um desenvolvimento dessa proposição, ver Fanon, F. (2021) Racismo e cultura In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

subalternos e que, portanto, não concerne à elite, que a França é o país menos racista do mundo, tudo isso é típico de pessoas incapazes de refletir corretamente” (Fanon, 1952/2020, p. 101). Assim, sendo, “a França é um país racista, pois o mito do negro mau faz parte do inconsciente da coletividade [francesa]” (Fanon, 1952/2020, p. 107).

O psiquiatra franco-argelino tece ainda críticas no que concerne ao posicionamento de Mannoni (1950/1990) quando ele afirma que a chegada do *vazaha* [estrangeiro] era não só esperada, mas desejada inconscientemente pelos malgaxes. Não acredito que Fanon rejeite a existência do inconsciente, mas, como ele diz, “não é preciso exagerar” (Fanon, 1952/2020, p. 113). É aqui que ele vai investigar mais a fundo a relação entre o inconsciente e o desejo por meio dos sonhos. O autor prossegue, informando que um negro lhe conta o seguinte sonho:

caminho por muito tempo, estou muito cansado, tenho a impressão de que algo me espera, atravesso barreiras e paredes, chego a um cômodo vazio e, detrás de uma porta, escuto um barulho, hesito antes de entrar, por fim me decido, entro, há brancos nesse cômodo, percebo que eu também sou branco (Fanon, 1952/2020, pp. 113-114).

Ao analisar esse relato onírico, o autor conclui sem hesitar que “esse sonho realiza um desejo inconsciente [de ser branco]” (Fanon, 1952/2020, p. 114). No entanto, Fanon não está preocupado em compreender essa operação apenas em termos metapsicológicos, mas também políticos. É assim, que, fora do consultório de psicanalista, quando a conclusão dessa realização de desejo for interagir com o mundo externo,

se ele [o paciente] se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, uma sociedade que extrai sua consistência da preservação desse complexo, uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na exata medida em que essa sociedade lhe cria dificuldades que ele se vê colocado numa situação neurótica (Fanon, 1952/2020, p. 114).

É dessa forma que penso que Fanon considera que tanto o desejo quanto as formações do inconsciente estão também submetidos ao seu conceito de sociogenia. Dessa maneira, o analista não deve apenas conscientizar o inconsciente do paciente, mas orientá-lo “a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (Fanon, 1952/2020, p. 114), uma das fontes desse desejo inconsciente de embranquecimento.

Fanon (1952/2020) está em desacordo com a interpretação simbólica que Mannoni (1950/1990) emprega ao analisar os sonhos por ele recolhidos. No entanto, esse desconforto com a simbologia onírica aparece também em relação à obra do próprio Freud. Fanon possuía um exemplar em sua biblioteca pessoal de *Introduction à la*

psychanalyse [Conferências introdutórias à psicanálise], da editora Payot (Khalifa, 2015). Em anotações que parecem ser dele, vemos que elas expressam suas dúvidas em relação ao simbolismo dos órgãos sexuais e do conhecimento inconsciente desse simbolismo (Khalifa, 2015). No texto freudiano, vê-se que

[nos] deparamos com o fato de o sonhador ter à disposição um modo de expressão simbólico que, em estado de vigília, ele não conhece nem reconhece. (...). Tudo o que podemos dizer é que o conhecimento dessa simbologia é inconsciente, ou seja, que ele pertence à vida intelectual inconsciente do sonhador (Freud, 1916/2014, p. 224).

Fanon retruca: “*Cesse de dire des conneries* [pare de dizer bobagens]” (Khalifa, 2015, p. 603). No referido texto de Freud, vemos que “a imensa maioria dos símbolos que aparecem nos sonhos compõem-se de símbolos sexuais” (Freud, 1916/2014, p. 206). Além disso, o significado dos símbolos dos sonhos é extraído de várias fontes, como “dos contos de fada e dos mitos, de contos burlescos e chistes, do folclore – isto é, do conhecimento das tradições, dos costumes, dos provérbios e das cantigas populares – do uso poético e do uso cotidiano da língua” (Freud, 1916/2014, p. 214). Contudo, e o psicanalista vienense é taxativo nesse ponto, “a interpretação baseada no conhecimento dos símbolos não constitui técnica capaz de substituir o procedimento associativo nem pode se equiparar a este; é apenas seu complemento, produzindo resultados que o alimentam” (Freud, 1916/2014, p. 203). É dessa forma que “serão as associações dos analisandos a lhes [aos psicanalistas] informar sobre aquilo a que chamamos de situação psíquica” (Freud, 1916/2014, p. 203).

Para o psiquiatra, é preciso situar o sonho “*em seu tempo (...) e em seu lugar*¹²⁹” (Fanon, 1952/2020, p. 117). Ele acrescenta que esse tempo é um período de assassinato em massa, com 80 mil nativos mortos; e nesse lugar, “nenhuma relação genuína pode ser instaurada, onde as desavenças brotam por toda parte, onde a mentira e a demagogia são as senhoras incontestes da situação” (Fanon, 1952/2020, pp. 117-118). Assim, tendo em vista que os torturadores das delegacias de Antananarivo eram senegaleses, e “sabendo o que o arquétipo senegalês pode significar para um malgaxe, as descobertas de Freud não têm nenhuma utilidade para nós” (Fanon, 1952/2020, p. 117).

É ao ignorar o contexto da revolta de 1947, afirmando que os sonhadores não se inteirariam do acontecimento por completo, que Mannoni, segundo Fanon (1952/2020), conduziria sua análise de forma equivocada. Portanto, “o touro negro furioso não é o falo.

¹²⁹ Destaque do autor.

Os dois homens negros não são os dois pais – um que representaria o pai real e o outro, o ancestral” (Fanon, 1952/2020, p. 119-120. Ainda, “o fuzil do soldado senegalês não é um pênis, mas realmente um fuzil Lebel 1916. O boi negro e o bandido não são *lolos*, ‘almas substanciais’, mas realmente a irrupção, durante o sono, de fantasmas¹³⁰ reais” (Fanon, 1952/2020, p. 120). Ou seja, esses sonhos expressariam de fato a angústia e o medo em relação à violência francesa, e não o desamparo dos malgaxes e sua necessidade perene de proteção.

Por fim, pode-se nos indagar a razão de Fanon não ter comentado nada em relação a *fokon’olona* e a transição do governo colonial discutidos por Mannoni (1950/1990)¹³¹. Apesar dos ensejos revolucionários já estarem presentes em *Pele negra* (Gordon 2015) e o desejo manifesto de um novo homem, de um novo humanismo (Fanon, 1952/2020), como bem lembra McCulloch (1983), Fanon ainda não havia formulado seus posicionamentos sobre a pós-colônia. Isso vai se consolidar ao longo dos anos 1950, tomando expressão principalmente em *L’An V de la révolution algérienne* [O ano V da revolução argelina] e *Os condenados da terra* (Fanon, 1959/2011; Fanon, 1961/2005).

5 Devemos queimar Mannoni?

Pelo exposto ao longo do texto, acredito ser inegável o impacto que Mannoni teve na construção de *Pele negra*. Partindo de objetos de estudo e ferramentas de trabalho (no caso, a psicanálise) similares, os autores chegaram a conclusões diametralmente opostas. Ambos, a partir da análise dos sonhos, apontam suas relações com a política. Contudo, Mannoni parece fundamentar a construção dessa política a partir do inconsciente, visando sua sustentação, enquanto Fanon entende o inconsciente a partir da política, visando sua transformação. É a partir da configuração social na colônia que é possível desvendar o desejo de embranquecer, criando assim a primeira condição para um outro modo de relação com ele. Não é à toa que em *Os condenados da terra*, Fanon (1961/2005) afirma que enquanto a revolução não acontecer, os sonhos dos colonizados são justamente sonhos de ação revolucionária. Assim, Fanon (1952/2020; 1961/2005) trata o desejo como “um objeto político por excelência” (Dunker, 2017, p. 14).

¹³⁰ Ver nota de rodapé número 13.

¹³¹ Em sua cópia de *Psychologie* encontrada na biblioteca de Fanon, vemos algumas marcações apenas até a página 109, não contendo nenhuma anotação (Khalifa, 2015). Talvez isso reforce o comentário de Cherki (2000) quando ela nos diz da frustração de Fanon com Mannoni. Ver Cherki, A. (2000). *Frantz Fanon, portrait*. Paris: Éditions du Seuil; Khalifa, J. (2015). *La bibliothèque de Frantz Fanon: liste établie, présentée et commentée par Jean Khalifa* In Fanon, F. *Écrits sur l’aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalifa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.

Dessa forma, “os sonhos são parte da realidade factual. Eles não provêm de outra realidade, que seria então qualificada como ficcional ou virtual. Sonhos são uma experiência real em si mesma” (Dunker, 2017, p. 16). Nessa direção, não seria exagero afirmar que tanto em Mannoni quanto em Fanon nos deparamos com uma oníropolítica (Dunker; Gurski; Perrone; Debieux, 2019), onde os autores constroem “um lugar para as produções oníricas em sua articulação com a história social e com o espaço da vigília” (Gurski & Perrone, 2021, p. 126).

Nos sonhos relatados por Mannoni (1950/1990), o conteúdo manifesto é angustiante, através das perseguições de soldados, touros e sombras. A princípio, essa manifestação de angústia seria o limite da famosa tese freudiana do sonho enquanto uma realização de desejo (Freud, 1900/2019). No entanto, a sua teoria da interpretação do sonho “não se baseia na apreciação do conteúdo onírico manifesto; diz respeito, isto sim, ao conteúdo de pensamento que descobrimos por trás do sonho [pensamentos oníricos latentes], mediante o trabalho interpretativo” (Freud, 1900/2019, p. 168). Portanto, “permanece a possibilidade de que, após a interpretação, também sonhos penosos e de angústia se revelem como realizações de desejos” (Freud, 1900/2019, p. 168). Sendo assim, que tipo de satisfação poderia ser realizada nos sonhos de angústia? Conforme Freud (1900/2019), seria a realização de um desejo reprimido. Assim, “a angústia é o sinal de que o desejo reprimido se mostrou mais forte que a censura, de que ele impôs a ela — ou estava prestes a fazê-lo — a realização desse desejo” (Freud, 1916/2014, p. 293). Dessa forma, sendo o sonho o guardião do sono (Freud, 1900/2019), o despertar nos sonhos de angústia é o último recurso da censura onírica contra a realização desse desejo proibido.

O que vai abalar de fato a teoria da interpretação dos sonhos freudiana são os efeitos da Primeira Guerra nos combatentes vítimas de neuroses traumáticas. Percebeu-se que essas pessoas sonhavam recorrentemente com os eventos das batalhas, sugerindo uma certa fixação nessa vivência, assim como na histeria. A função onírica teria sido “abalada e desviada de seus propósitos, ou teríamos, necessariamente, de nos lembrar das enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (Freud, 1920/2020, p. 75). Em *Além do princípio de prazer*, é a partir desse e de outros elementos que o autor supõe a existência da compulsão à repetição, “mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (Freud, 1920/2020, p. 99). Assim,

se os sonhos dos neuróticos acidentários reconduzem os doentes tão regularmente de volta à situação do acidente, eles certamente não estão a serviço de desejo, cuja

produção alucinatória tornou-se a função dos sonhos sob o domínio do princípio de prazer. No entanto, podemos supor que, por essa via, esses sonhos estejam disponíveis para executar outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio de prazer possa iniciar seu domínio. Tais sonhos procuram recuperar o domínio sobre o estímulo por meio do desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornou-se a causa da neurose traumática. Eles nos dão assim uma perspectiva sobre uma função do aparelho anímico, a qual, sem contradizer o princípio de prazer, é, contudo, independente dele e parece mais primitiva do que o propósito do ganho prazer e da evitação de desprazer (Freud, 1920/2020, pp. 117-121).

Nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, encontramos, portanto, a revisão da tese de 1900:

nas neuroses traumáticas é diferente; nelas os sonhos terminam, via de regra, com desenvolvimento de angústia. Acho que não devemos nos esquivar de admitir que nesse caso a função do sonho fracassa. Não invocarei o ditado de que a exceção confirma a regra; sua sabedoria me parece duvidosa. Mas a exceção pode não abolir a regra. Se isolamos do conjunto uma atividade psíquica como o sonho, para fins de estudo, possibilitamos encontrar as leis que lhe são próprias. Se novamente a inserimos no todo, devemos estar preparados para descobrir que esses resultados são obscurecidos ou prejudicados pela colisão com outras forças. Nós dizemos que o sonho é uma realização de desejo; se quiserem considerar essas últimas objeções, poderão dizer que o sonho é *tentativa*¹³² de realização de desejo (Freud, 1933/2010, p. 156).

Assim como Fanon (1952/2020), acredito que a análise onírica de Mannoni (1950/1990) é deficitária. Não se tem informações sobre as associações que os sonhadores por ventura fizeram de seus sonhos, nem se sabe ao certo a forma com que eles foram impactados com os eventos de 1947. É difícil crer que uma resposta francesa de tamanho poder bélico pudesse ser notada apenas por boatos. Dessa maneira, não se pode conjecturar sobre os pensamentos latentes do sonho. Em virtude disso, Mannoni (1950/1990) supervaloriza a função simbólica dos elementos oníricos. A articulação clássica entre o fuzil e o pênis, por exemplo, pode até estar correta, se aproximando da hipótese freudiana “de que os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual, cuja libido foi transformada em angústia¹³³” (Freud, 1900/2019, p. 197), mas ela de nada corrobora em sua interpretação. Afinal, “a afirmação de que *todos os sonhos requerem*

¹³² Destaque do autor.

¹³³ Apesar das transformações posteriores da teoria da angústia, como visto em *Inibição, sintoma e angústia*, o que a princípio invalidaria essa proposição, o autor não exclui ou modifica esse trecho. O sonho de angústia ainda é melhor compreendido, portanto, como prazer para um sistema e desprazer para outro. Sobre essa discussão, ver os itens (a) e (b) da introdução de James Strachey em Strachey, J. (1959). Editor's introduction: *Hemmung, symptom und angst* In Freud, S. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* vol. 20. Tradução de James Strachey. Londres: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1926). Agradeço à Marcus Vinicius Neto Silva por essa nota.

*uma interpretação sexual*¹³⁴, (...), é alheia à *minha Interpretação dos sonhos*. Não se encontra em nenhuma das sete edições deste livro e contraria de forma evidente o conteúdo restante dele” (Freud, 1900/2019, p. 443). O deslocamento do soldado para o touro, como efeito do trabalho do sonho, soa interessante, pois de alguma forma se relaciona com o folclore malgaxe. No entanto, de qualquer maneira, a interpretação de Mannoni (1950/1900), para usar uma expressão irônica em relação a este trabalho, é selvagem, no sentido adotado por Freud (1910/2017). Portanto, derivar a dependência psicológica, supostamente comprovada através do inconsciente, para o âmbito político, parece muito precipitado.

¹³⁴ Destaque do autor.

6 Referências bibliográficas

- Adler, A. (1957). *A ciência da natureza humana* 4ªed. Biblioteca do Espírito Moderno Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. (Obra original publicada em 1927).
- Bloch, M. (1990). New Foreword In Mannoni, O. *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).
- Cherki, A. (2000). *Frantz Fanon, portrait*. Paris: Éditions du Seuil.
- Donizete Ferreira, P. (no prelo). Frantz Fanon: um leitor da psicanálise In Donizete Ferreira, P. *A recepção da psicanálise em Frantz Fanon: uso e implicação para o campo psicanalítico*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Dunker, C. (2017). O sonho como ficção e o despertar do pesadelo In Beradt, C. *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. Tradução de Silvia Bittencourt. São Paulo: Três Estrelas.
- Dunker, C.; Gurski, R.; Perrone, C.; Debieux, M. (2019). *O sonho e o despertar em Freud e Benjamin: a oniropolítica em construção*. São Paulo, IPUSP. Disponível em: <https://bit.ly/3Vqg1Rf>.
- Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra*. Coleção Cultura. Tradução de Enilce Albergara Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: EDUFJF. (Obra original publicada em 1961).
- _____. (2011). L’An V de la révolution algérienne In Fanon, F. *Œuvres*. Paris: La Découverte. (Obra original publicada em 1959).
- _____. (2020a). Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na heredodegeneração espinocerebelar In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1951).
- _____. (2020b). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).
- _____. (2020c). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (1) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).
- _____. (2020d). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (2) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).

- Freud, S. (2010). Revisão da teoria do sonho In Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* vol. 18. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- _____. (2014). O simbolismo do sonho In Freud, S. *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* vol. 13. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1916).
- _____. (2015). Sobre as teorias sexuais infantis In Freud, S. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* vol. 8. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 198).
- _____. (2017). Sobre psicanálise “selvagem” In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1910)
- _____. (2019). *A interpretação dos sonhos* vol. 4. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1900).
- _____. (2020). *Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]*. Edição crítica bilíngue. Tradução de Maria Rira Salzano Mores. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).
- Gordon, L. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press.
- Gurski, R. & Perrone, C. (2021). “Constelação”: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia In Dunker, C. (et al.) (Orgs). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Khalfa, J. (2015). La bibliothèque de Frantz Fanon: liste établie, présentée et commentée par Jean Khalfa In Fanon, F. *Écrits sur l'aliénation et la liberté. Œuvres II*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Paris: La Découverte.
- Mannoni, O. (1966). The decolonization of myself. *Race and Class*. vol. 7, n° 4. pp. 327-335.
- _____. (1990). *Prospero and Caliban: the psychology of colonization*. Tradução de Pamela Powesland. Michigan: Ann Arbor Paperbacks. (Obra original publicada em 1950).
- McCulloch, J. (1983). *Black soul, white artifact: Fanon's clinical psychology and social theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1985). *Colonial psychiatry and “the African mind”*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Roudinesco, É. & Plon, M. (1998). Octave Mannoni In Roudinesco, É. & Plon, M. (Orgs). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1997).
- Vatin, F. (2011). Octave Mannoni (1899-1989) et sa Psychologie de la colonisation. Contextualisation et décontextualisation. *Revue du Mauss*, n° 37. pp. 137-178.

5 Conclusão

Este trabalho se circunscreveu a partir do seguinte preceito: “ser radical é agarrar a coisa pela raiz” (Marx, 1843/2013, p. 157). Sendo assim, para elucidar a relação de Frantz Fanon com a psicanálise, recorri justamente às suas raízes, acessando suas fontes nos textos e em sua biblioteca. Devido à vasta gama de psicanalistas citados ao longo de sua obra, escolhi os que julguei como principais: Freud, Lacan e Mannoni, além dos assim chamados dissidentes, Adler e Jung. Ao longo da obra fanoniana, a partir de *Pele negra*, as referências à psicanálise, de fato, ficam mais pontuais. No entanto, elas sempre retomam à fundamentação subjetiva construída no ensaio de 1952. O trabalho de Fanon não deve ser categorizado como propriamente psicanalítico. Afinal, ele é um leigo em psicanálise, conforme a acepção adotada por Freud (1926/2017d) em *A questão da análise leiga*¹³⁵. Portanto, *Fanon foi um psiquiatra que se engajou na luta pela emancipação africana, especialmente da Argélia*.

Sustento a posição de Hall (1996) de que as problemáticas psicanalíticas estão presentes ao longo de toda a sua obra. Sua aparição no decorrer dos escritos taxados de psiquiátricos, ainda que de maneira pontual, revela o interesse do autor por esse campo do saber, especialmente no que concerne à sua aplicabilidade clínica (Gibson & Beneduce, 2017). Endossando a posição dos comentadores e comentadoras aqui tratados, a recepção que ele faz da psicanálise apresenta uma especificidade: ela é *explicitamente* ambígua. Contudo, como nos ensina Freud (1910/2017e), a contradição, antes de ser uma incoerência, é um primoroso material de trabalho. Dessa forma, Fanon utiliza a psicanálise para fins próprios, como uma ferramenta clínica para a superação de situações de implicações políticas, a saber, o colonialismo e o racismo. *Assim, nessa via de mão dupla, a obra fanoniana ultrapassa uma divisão entre a práxis clínica e a práxis política*. Portanto, duas conclusões se destacam ao longo desse trabalho: *a relação entre clínica e transformação social, ou seja, a forma como a análise, além de uma mudança individual,*

¹³⁵ No texto freudiano, lê-se: “a preparação para a atividade analítica não é tão fácil e simples como se pensa, o trabalho é difícil, a responsabilidade é grande. Mas aquele que tiver passado por uma formação dessas, que tiver sido analisado, que absorveu tudo o que pode ser ensinado hoje sobre a Psicologia do Inconsciente, que transita bem na ciência da vida sexual e que aprendeu a técnica delicada da Psicanálise, assim como a arte da interpretação, o combate às resistências e o manuseio da transferência, *não é mais um leigo na área da Psicanálise*. Ele está apto a empreender o tratamento de distúrbios neuróticos, e com o passar do tempo ele poderá produzir nesse contexto tudo aquilo que se pode requerer dessa terapia” (Freud, 1926/2017, p. 262, destaque do autor). Para mais detalhes ver Freud, S. (2017). *A questão da análise leiga*. Conversas com uma pessoa imparcial. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1926).

pode culminar em uma revolução social; e a articulação entre teoria e clínica para uma práxis antirracista.

Em *Pele negra*, seu estudo clínico do colonialismo, Fanon demonstra como as relações sociais na colônia (as interações entre brancos(as) e negros(as), brancos(as) e brancos(as) e negros(as) e negros(as)) são alienantes. Dessa forma “a atitude do negro diante do branco, ou diante do seu semelhante¹³⁶, reproduz quase integralmente uma constelação delirante que beira o domínio patológico” (Fanon, 1952/2020b, p. 74). Em uma sociedade colonizada, “o negro não é um homem”¹³⁷ (Fanon, 1952/2020b, p. 22), ou seja, ele habita “uma zona do não ser” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). Em contrapartida, “o negro é um homem negro” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). Isso significa que, “em decorrência de uma série de aberrações afetivas, ele se instalou no seio de um universo do qual será preciso removê-lo” (Fanon, 1952/2020b). Remover o negro seria “libertar o homem de cor de si mesmo” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). No entanto, o outro polo da relação se faz presente: “seguiremos bem lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro” (Fanon, 1952/2020b, p. 22). A alienação persiste na colônia, pois “o negro quer ser branco. O branco se empenha em atingir uma condição humana” (Fanon, 1952/2020, p. 23). Com isso, “o negro escravo de sua inferioridade, o branco escravo de sua superioridade, ambos se comportam em função de uma linha mestra neurótica” (Fanon, 1952/2020b, p. 74).

O objetivo de Fanon é a desalienação rumo à liberdade, o “que há de mais humano no homem” (Fanon, 1952/2020b, p. 232). O sofrimento psíquico “apresenta-se como uma verdadeira patologia da liberdade. A doença situa o doente num mundo em que sua liberdade, sua vontade e seus desejos são constantemente violados por obsessões, inibições, contraordens e angústias” (Fanon, 1959/2020d, p. 87). Contudo, “a verdadeira

¹³⁶ Em *Antilhanos e africanos*, lê-se: “sabia que não deveria em hipótese nenhuma suavizar a realidade [do homem negro no mundo branco]. Tampouco ignorava que no próprio seio dessa entidade denominada o ‘povo negro’ era possível distinguir movimentos infelizmente bastante medonhos. Quero dizer, por exemplo, que com frequência o inimigo do negro não é o branco, mas seu congênere. Por isso, eu assinalava a possibilidade de um estudo que contribuísse para a dissolução dos complexos afetivos capazes de opor antilhanos e africanos” (Fanon, 1955/2021, p. 54). Ver em Fanon, F. (2021) *Antilhanos e africanos* In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1955).

¹³⁷ Conforme Gordon (2015, p. 31, destaque do autor), essa passagem contém uma influência de Simone de Beauvoir: “a observação dela em *O segundo sexo* de não ter nascido, mas, em vez disso, ter se tornado mulher, é pressuposto nesse *insight* e claramente prefigura a tese de Fanon do negro como uma construção branca, que negros são *fabricados* [*made*] ou *construídos*”. Para mais detalhes, ver Gordon, L. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Lifer and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press. Sobre a relação entre Beauvoir e Fanon, ver Renault, M. (2014). *Le genre dans la race: Fanon, lecteur de Beauvoir*. *Actuel Marx*, n° 55. pp. 36-48.

desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Dessa forma, Fanon expande o horizonte da atuação clínica. O autor localiza que Freud “substituiu uma tese filogenética pela perspectiva ontogenética” (Fanon, 1952/2020b, p. 25). Porém, “a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia” (Fanon, 1952/2020b). Portanto, a sociogenia, além de ser um balizador da subjetivação, é também uma fonte de sofrimento e, nesse sentido, uma direção clínica.

No exemplo clínico apresentado por Fanon em *Pele negra*, ele não reluta em constatar: o sonho é a realização de um desejo de embranquecer. No entanto, o autor afirma que a sociogenia tem participação na constituição desse desejo: “se ele se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo (...)” (Fanon, 1952/2020b, p. 114). Dessa forma, o analista deve não só “ajudar [o] cliente a *conscientizar*¹³⁸ seu inconsciente” (Fanon, 1952/2020b, p. 114), “mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais” (Fanon, 1952/2020b, p. 114). É daí que “surge, então, a necessidade de uma ação combinada junto ao indivíduo e ao grupo” (Fanon, 1952/2020b, p. 114).

Esse trecho condensa toda a amplitude posterior do trabalho de Fanon. Ele não rejeita a ontogenia, que consegue ser manejada no domínio estrito da clínica. No entanto, ao apontar a sociogenia como fator de adoecimento, o exercício clínico não pode se circunscrever na díade analista-analisando. Poderia se questionar que, ao dirigir o tratamento dessa maneira, o analista não estaria transformando o “paciente, que se entrega em nossas mãos buscando ajuda, em nossa propriedade, [formando] o seu destino para ele, [impondo-lhe] os nossos ideais e, com a altivez do Criador, [formando-o] à nossa semelhança, para a nossa satisfação” (Freud, 1919 [1918]/2017f, p. 198). Porém, essa crítica não se sustenta:

se a sociedade lhe cria dificuldades em razão da sua cor, se constato em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando a ‘manter distância’; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de *escolher*¹³⁹ a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual¹⁴⁰ — isto é, diante das estruturas sociais (Fanon, 1952/2020b, p. 114).

¹³⁸ Destaque do autor.

¹³⁹ Destaque do autor.

¹⁴⁰ Destaque meu.

Fanon indica, portanto, que há algo de clínico na transformação social, nas mudanças dessas estruturas. Especialmente a partir dessa exposição feita na carta de demissão de Fanon (1956/2021d), endosso que, “para Fanon, a ação política é, completamente, uma intervenção psiquiátrica em larga escala” (Bird-Pollan, 2015, p. 144). Assim, *acredito que na obra fanoniana, a clínica é a própria política. Nesse sentido, a política também é a própria clínica.*

Essa problemática se evidencia sobretudo na descrição da guerra de libertação na Argélia, que proporcionou uma retificação subjetiva e política dos combatentes. De início, ele afirma que ela é a batalha “mais alucinante que um povo liderou para romper a opressão colonial” (Fanon, 1959/2011, p. 261. A revolução argelina criou “uma nova natureza do homem argelino, uma nova dimensão em sua existência¹⁴¹” (Fanon, 1959/2011, p. 267). O colonialismo resistia, pois lutava “para reforçar sua dominação e a exploração humana e econômica. Ele [lutava] também para manter idênticas a imagem que ele tinha sobre o argelino e a imagem depreciada que o argelino tinha de si mesmo” (Fanon, 1959/2011, p. 267). No entanto, no desenrolar do processo da luta de libertação nacional, “[a nação argelina] não é mais produto de imaginações esfumaçadas e cheias de fantasias” (Fanon, 1959/2011, p. 267). Assim, “o poder da revolução argelina reside, de agora em diante, na mutação radical que se produziu no argelino¹⁴²¹⁴³” (Fanon, 1959/2011, p. 269). Guardada as devidas proporções, essa noção de novo homem apresentada por Fanon se aproxima do final de análise freudiano: “o indivíduo neurótico que foi curado é, de fato, outra pessoa, mas, no fundo, permaneceu o mesmo, naturalmente; isto é, tornou-se o que, na melhor das hipóteses e nas condições mais favoráveis, poderia ter se tornado” (Freud, 1917/2014, p. 576). Ou seja, a revolução,

¹⁴¹ Em *Pele negra*, lê-se: “o negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir” (Fanon, 1952/2020b, p. 114). Ver em Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).

¹⁴² Em *Independência nacional, a única saída possível*, lê-se: “do argelino do período colonial surgiu um homem novo, o argelino da era da independência. Ele recupera sua personalidade na ação, na disciplina, no senso de suas responsabilidades, e redescobre a realidade, que ele agarra com as mãos e transforma, reatando com ela relações eficazes” (Fanon, 1957/2021, p. 46). Ver Fanon, F. (2021). *Independência nacional, a única saída possível* In Fanon, F. *Escritos políticos*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1957).

¹⁴³ Em *Os condenados da terra*, encontra-se: “a descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: ‘a coisa’ colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual se liberta” (Fanon, 1961/2005, p. 53). Ver em Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra*. Coleção Cultura. Tradução de Enilce Albergara Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: EDUFJF. (Obra original publicada em 1961).

assim como a análise, transforma o homem, renovando as suas possibilidades de existência.

Ademais, é digno de nota que a desalienação em Fanon não diz respeito apenas aos negros (colonizados), mas também aos brancos (colonizadores). É preciso dissolver tanto a negrura quanto a brancura narcísica. “Superioridade? Inferioridade? Por que não tentar simplesmente tocar o outro, sentir o outro, revelar-me o outro?” (Fanon, 1952/2020b, p. 242). Assim, “*a morte do colonialismo é, ao mesmo tempo, a morte do colonizado e do colonizador*¹⁴⁴¹⁴⁵” (Fanon, 1959/2011, p. 269).

Especialmente da recepção que Fanon faz de Mannoni, se conclui que “sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário” (Lenin, 1902/2020, p. 39). A partir da sociogenia, Fanon desessencializa o inconsciente formalizado por Mannoni, fazendo com que efetivamente a psicanálise seja subversiva. Em ambos, há uma íntima relação entre o inconsciente e a política. Porém, Fanon usa a psicanálise como um “instrumento [que] jamais domine o homem” (Fanon, 1952/2020b, p. 242). Dessa forma, “a direção do tratamento está sempre intrinsecamente articulada ao papel da clínica na sociedade e que, portanto, todo e qualquer psicanalista está implicado numa política, uma vez que esta o remete à finalidade de seus atos” (Checchia, 2015, p. 20). Ser um analista implicado não significa se portar como o Criador, muito menos manter a famosa neutralidade benevolente, que, como afirmam (Laplanche & Pontalis, 1967/2001), não aparece em Freud. *Um analista implicado*¹⁴⁶, *o fundamento de uma clínica antirracista, é aquele que articula a ontogenia e a sociogenia, possibilitando que o paciente tenha condições de agir sobre os fatores de seu adoecimento. Portanto, a finalidade dessa clínica é apontar para uma outra forma de lidar com o mal-estar cultural, não apenas de maneira individual, mas também social.*

¹⁴⁴ Destaque do autor.

¹⁴⁵ Em *Descolonização e independência*, lê-se: “não é possível se distanciar do colonialismo sem ao mesmo tempo se afastar da ideia que o colonizado faz de si mesmo através do filtro da cultura colonialista” (Fanon, 1958/2021, p. 166). Ver em Fanon, F. (2021). *Descolonização e independência* In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1958).

¹⁴⁶ “Uma psicanálise não é uma investigação imparcial, científica, mas uma intervenção terapêutica; em si ela nada quer provar, quer apenas mudar algo. (...). Pois há casos que requerem ajuda mais ampla, e outros, mais modesta. Sem tal ajuda ninguém sai do lugar. O que se pode eliminar sozinho são distúrbios leves, jamais uma neurose que se contrapõe ao Eu como algo estranho; para dominá-la ele [o paciente] necessita do outro, e a neurose é curável na medida em que o outro pode ajudar” (Freud, 1909/2015, pp. 237-238). Ver em Freud, S. (2015). *Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”)* In Freud, S. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)* vol. 8. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1909).

6 Referências bibliográficas¹⁴⁷

- Barreto, L. (2021). Diário íntimo In Barreto, L. *Lima Barreto: obra reunida* vol. 2. 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1953).
- Bernanconi, R. (2020). Existentialism Against Colonialism: Sartre, Fanon and the Place of Lived Experience In Betschart, A. & Werner, J. (Eds). *Sartre and the International Impact of Existentialism*. Londres: Palgrave MacMillan.
- Bhabha, H. (1994). Interrogating identity: Frantz Fanon and the postcolonial prerogative In Bhabha, H. *The location of culture*. Londres: Routledge.
- _____. (2008). Remebering Fanon: Self, Psyche and Colonial Condition In Fanon, F. *Black Skin, White Masks*. Tradução de Charles Markmann. Londres: Pluto Press. (Obra original publicada em 1986).
- Bird-Pollan, S. (2015). *Hegel, Freud and Fanon: The Dialectic of Emancipation*. Creolizing the Canon. Nova Iorque: Rowman & Littlefield.
- Cecchia, M. (2015). *Poder e política na clínica psicanalítica*. Coleção Ato Psicanalítico. São Paulo: Annablume.
- Cherki, A. (2000). *Frantz Fanon, portrait*. Paris: Éditions du Seuil.
- Chnaiderman, M. (2017). Buscando Baobás na Aridez do Asfalto: Instaurando Origens In Kon, N. M.; Abud, C. C.; Silva, M. L. (Orgs). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* 1ªed. São Paulo: Perspectiva.
- Fanon, F. (2005). *Os condenados da terra*. Coleção Cultura. Tradução de Enilce Albergara Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: EDUFJF. (Obra original publicada em 1961).
- _____. (2011). L'An V de la révolution algérienne In Fanon, F. *Œuvres*. Paris: La Découverte. (Obra original publicada em 1959).
- _____. (2020a). Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na heredodegeneração espinocerebelar In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1951).
- _____. (2020b). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1952).
- _____. (2020c). Conduas confessionais na África do Norte (2) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção

¹⁴⁷ Conforme as normas da *American Psychological Association* (APA). Ver em *American Psychological Association*. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association* 7ªed. Washington: American Psychological Association.

Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1955).

_____. (2020d). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (1) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).

_____. (2020e). Encontro entre a sociedade e a psiquiatria In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1984).

_____. (2021a). A “síndrome norte-africana” In Fanon, F. *Por uma revolução africana: escritos políticos* 1ª ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1952).

_____. (2021b). Antilhanos e africanos In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1955).

_____. (2021c). Racismo e cultura In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

_____. (2021d). Carta ao ministro residente In Fanon, F. *Por uma revolução africana: textos políticos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956).

Fanon, F. & Asselah, S. (2020). O fenômeno da agitação no meio psiquiátrico: considerações gerais, significação psiquiátrica In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1957).

Fanon, F. & Geromini, C. (2020a). O TAT em mulheres muçulmanas: sociologia da percepção e da imaginação In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo Ubu Editora. (Obra original publicada em 1956).

_____. (2020b). A internação diurna na psiquiatria: valor e limites (2) In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1959).

Faustino, D. M. (2020). *A disputa em torno de Frantz Fanon: A Teoria e a Política dos Fanonismos Contemporâneos*. São Paulo: Intermeios.

Filho, I. (2021). *Racismo: por uma psicanálise implicada*. Série Escrita Psicanalítica. Porto Alegre: Artes & Ecos.

- Freud, S. (2010). A repressão In Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* vol. 12. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- _____. (2014). A transferência In Freud, S. *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* vol. 13. 1ª ed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).
- _____. (2017a). *O chiste e sua relação com o inconsciente* vol. 7. 1ªed. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- _____. (2017b). Construções na análise In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1937).
- _____. (2017c). Sobre o início do tratamento In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1913).
- _____. (2017d). A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1926).
- _____. (2017e). O sentido antitético das palavras primitivas In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1910).
- _____. (2017f). Caminhos da terapia analítica In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* 1ª ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Obra original publicada em 1919).
- Gates Jr, H. L. (1991). Critical Fanonism. *Critical Inquiry*, 17. pp. 457-480.
- Gibson, N. C. (2003). *Fanon: The postcolonial imagination*. Cambridge: Polity Press.
- Gibson, N. C. & Beneduce, R. (2017). *Frantz Fanon, Psychiatry and Politics*. Londres: Rowman & Littlefield International Ltda.
- Gordon, L. (1996). The Black and the Body Politic: Fanon's Existential Phenomenological Critique of Psychoanalysis In Gordon, L.; Sharpley-Whiting, T.; White, R. (Eds). *Fanon: A Critical Reader*. Oxford: Blackwell Publishers.
- _____. (2015). *What Fanon Said: A Philosophical Introduction to his Life and Thought*. Nova Iorque: Fordham University Press.
- Greedharry, M. (2008). The Fanonian Psychoanalytic In Greedharry, M. *Postcolonial Theory and Psychoanalysis: From uneasy engagements to effective critique*. Nova Iorque: Palgrave MacMillan.

- Hall, S. (1996). The after-life of Frantz Fanon: Why Fanon? Why Now? Why Black Skin, White Masks? In Read, Alan (Org). *The fact of blackness: Frantz Fanon and Visual Representations*. Londres: Institute of Contemporary Arts and International Visual Arts.
- Hiddleston, J. (2015). Fanon and the uses of literature. *Nottingham French Studies*, 54 (1). pp. 38-51.
- Hook, D. (2014). Fanon and the psychoanalysis of racism In Hook, D. (org). *Introduction to Critical Psychology* 1ª ed. Cidade do Cabo: Juta and Company.
- _____. (2020). Fanon via Lacan, or: Decolonization by Psychoanalytic Means...?. *Journal of the British Society for Phenomenology*, 54, (4). pp. 1-15.
- Júnior, M. R. S. (2017). Racismo, uma Leitura In Kon, N. M.; Abud, C. C.; Silva, M. L. (Orgs). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* 1ªed. São Paulo: Perspectiva.
- Kilomba, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó. (Obra original publicada em 2008).
- Lacan, J. (1998a). Formulações sobre a causalidade psíquica In Lacan, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1946).
- _____. (1998b). O estágio do espelho como formador da função do eu In Lacan, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1949).
- _____. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* 2ªed. Tradução de Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Júnior. Rio de Janeiro: Editora Zahar. (Obra original publicada em 1938).
- _____. (2011). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia* 2ªed. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra original publicada em 1932).
- Lebeau, V. (1998). Psycho-politics: Frantz Fanon's *Black Skin, White Masks* In Campbell, J. & Harbord, J. (Orgs). *Psycho-politics and cultural desires*. Londres: University College London.
- Lênin, V. I. (2020). *O que fazer? Questões candentes de nosso movimento*. Tradução de Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1902).
- Macey, D. (1999). The Recall of the Real: Frantz Fanon and Psychoanalysis. *Constellations*. vol. 6, nº 1. pp. 97-107.
- _____. (2012). *Frantz Fanon: A Biography* 2ª ed. Londres: Verso.

- Malaquias, M. C. (2017). Relações Raciais no Palco da Vida: Considerações Sociocráticas In Kon, N. M.; Abud, C. C.; Silva, M. L. (Orgs). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise* 1ªed. São Paulo: Perspectiva.
- Marx, K. (2013). *Crítica da filosofia do direito de Hegel* 3ªed. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1843).
- Mbembe, A. (2019). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Editora Vozes. (Obra original publicada em 2010).
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* 1ªed. São Paulo: Perspectiva. (Obra original publicada em 1998).
- Rabaka, R. (2011). Revolutionary Fanonism: On Frantz Fanon's Modification of Marxism and Decolonization of Democratic Socialism. *Socialism and Democracy*, 25(1). pp. 126–145.
- Richards, S. (2021). The Logician of Madness: Fanon's Lacan. *Paragraph*, n° 44, vol. 2. pp. 214-237.
- Robinson, C. (1993). The appropriation of Frantz Fanon. *Race & Class*, 35, (1). pp. 79-91.
- Roudinesco, É. & Plon, M. (1998). Frantz Fanon In Roudinesco, É & Plon, M. (Orgs). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1997).
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983).
- Tosquelles, F. & Fanon, F. (2020). Indicações da terapêutica de Bini no quadro das terapêuticas institucionais In Fanon, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Khalfa, J. & Young, R. (Orgs). Coleção Explosante. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora. (Obra original publicada em 1953).
- Truscott, R. & Hook, D. (2014). Lessons from the postcolony: Frantz Fanon, Psychoanalysis and a Psychology of Political Critique In Nesbitt-Larking, P. et al (Orgs). *The Palgrave Handbook of Global Political Psychology*. Londres: Palgrave MacMillan.
- Zeiny, E. (2020). Re-reading Fanon: Language, Literature and Empire In Byrd, D. & Miri, S. (Eds). *Frantz Fanon and Emancipatory Social Theory: A View from The Wretched*. Leiden: Brill.